

ESPECIAL 1822



PARTE INTEGRANTE DE VEJA 2005
NÃO PODE SER VENDIDA SEPARADAMENTE

veja



**DOM PEDRO,
O PRÍNCIPE
REGENTE:**
“De hoje em diante
estão quebradas as
nossas relações; nada
mais quero com o
governo português”

INDEPENDÊNCIA

Os bastidores da semana que mudou a história do Brasil

veja



Eleições.

Veja tem um lado: o do eleitor.

VEJA é uma proteção contra os boatos, as distorções e as deslavadas mentiras que infestam as redes sociais.

VEJA é um antídoto efetivo.

O seu único compromisso é com seu leitor.

VEJA traz os fatos para que você possa decidir para quem vai o seu voto.

Plano para Democracia.

Veja Digital.

**Plano especial até 31 de outubro,
sem renovação.**

Assine com o **Google**

Acesse assineabril.com.br/pd ou aponte a câmera do seu celular para o código ao lado



veja
Quem lê, sabe.

VOCÊ À FRENTE DA CURVA



Assine e receba
sua revista em
casa a partir de

R\$ **12,90**
/mês

VC S/A

Acesse:
assineabril.com.br/vocesal
ou aponte a câmera do seu
celular para o código ao lado



veja

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz

Editores Executivos: Daniel Hessel Teich, Monica Weinberg **Editor Sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Amauri Barnabe Segalla, André Afetian Sollitto, Carlos Eduardo Valim Banhos Henrique, Cilene Gomes Pereira, Clarissa Ferreira de Souza e Oliveira, José Benedito da Silva, Raquel Angelo Carneiro, Sergio Roberto Vieira Almeida, Tiago Bruno de Faria **Editores Assistentes:** Larissa Vicente Quintino, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Ricardo Vasques Helcias, Thomaz de Molina **Repórteres:** Alessandro Giannini, Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Diogo Vassao Magri, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe da Cruz Mendes, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, João Pedroso de Campos, Kelly Ayumi Miyashiro, Laisa de Mattos Dall'Agnol, Leandro Bustamante de Miranda, Leonardo Caldas Vargas, Luana Meneghetti, Lucas Vettorazzo Rodrigues Barros, Luisa Purchio Haddad, Marcela Moura Mattos, Maria Aguida Menezes Aguiar, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Paula Vieira Felix Rodrigues, Reynaldo Turolo Jr., Sérgio Quintella da Rocha, Simone Sabino Blanes, Tulio Kruse de Moraes, Valmir Moratelli Cassaro, Victoria Brenk Bechara, Victor Irajá **Sucursais: Brasília — Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Daniel Pereira **Editor Sênior:** Robson Bonin da Silva **Editora Assistente:** Laryssa Borges **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola **Rio de Janeiro — Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórter:** Caio Franco Merhige Saad **Estagiários:** Camille da Costa Mello, Eric Cavasani Vechi, Felipe Soderini Erlich, Gabriela Caputo da Fonseca, Marcelo Augusto de Freitas Canquerino, Maria Fernanda Sousa Lemos, Mariah Fernandes Magalhães, Matheus Deccache de Abreu, Vitoria Barreto Martins **Checadora:** Andressa Tobita **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus e Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Colaboradores:** Alon Feuerwerker, Fernando Schüler, José Casado, Lucília Diniz, Mailson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryninski, Walcyr Carrasco **Serviços Internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MERCADO PUBLICITÁRIO** Jack Blanc **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA ESPECIAL 2 805 é uma publicação especial da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.

Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001





PEDRO AMÉRICO, 1888 / MUSEU PAULISTA DA USP

AVESSO DO REAL A tela de Pedro Américo, de 1888: visão romanceada do que ocorreu às margens do Ipiranga

O BRASIL HÁ 200 ANOS

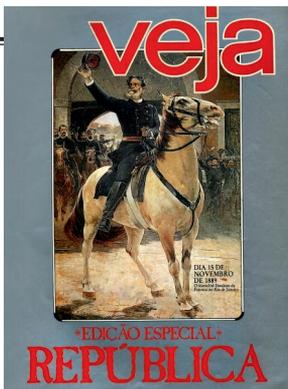
Um passeio rigoroso pelos conturbados dias de setembro de 1822 que fundaram a ideia de nação a partir da separação de Portugal

EM 1989, VEJA lançou uma edição especial que reconstruía um número da revista — caso ela já existisse — de novembro de 1889, quando da Proclamação da República. Em 2000, a ideia foi repetida para celebrar os 500 anos da chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil. Usar recursos atuais para mergulhar no passado virou um clássico imediato — e berço de uma nova visão sobre momentos decisivos da história brasileira. Agora, aos 200 anos da Independência, oferecemos um passeio pelo Brasil e pelo mundo em 1822. Há, nas páginas a seguir, entre várias atrações, uma entrevista de Páginas Amarelas com a imperatriz Maria Leopoldina, um perfil de José Bonifácio de Andrada e Silva e uma seção Gente encabeçada pela mais conhecida amante de dom Pedro I, que viria a ser a marquesa de Santos.

Ao voltar no tempo, para tornar contemporâneo um momento seminal do Brasil, VEJA ajuda a esclarecer al-

guns mitos sobre as circunstâncias da independência. O maior deles foi construído em torno da celebrada pintura de Pedro Américo, de 1888, feita portanto mais de sessenta anos depois do grito do Ipiranga — e que só aparece nesta Carta ao Leitor, e em nenhuma outra página da revista. Como notou a historiadora Lilia Moritz Schwarcz, coautora do livro *O Sequestro da Independência — Uma História da Construção do Mito do Sete de Setembro*, a “tela capturou nossa imaginação”. Ela mostra dom Pedro fardado, montado num cavalo garboso e em postura épica. Não foi bem assim, é o que revelam os fatos colhidos no calor da hora — e que VEJA publica, com o olhar de dois séculos atrás. Na realidade, o príncipe regente estava em trajes comuns; montava uma mula, “uma besta baía gateada”, e estava cercado por uma comitiva reduzida e cansada. Existem, naturalmente, versões conflitantes, relatos diversos, hiatos impossíveis de ser preenchidos — mas o mergulho naquela semana talvez seja o modo mais adequado de iluminar o que realmente aconteceu.

VEJA Especial 1822 começou a ser preparada no início do ano, com o olhar atencioso e refinado do escritor e pesquisador Paulo Rezzutti, membro de diversos Institutos Históricos e Geográficos do Brasil — um dos mais celebrados especialistas nessa fase da travessia brasileira, e que acaba de lançar *Independência — A História Não Contada* (Editora LeYa). Rezzutti cruzou datas, verificou frases — foi guardião fiel e incansável da premissa de só valerem os eventos daqueles dias, sem concessões. VEJA contou também com a atenção da pesquisadora Susana Camargo — que trabalhara nas edições de



HISTÓRIA As edições de VEJA de 1989 e 2000: Proclamação da República e a chegada de Pedro Álvares Cabral em mergulho minucioso

1989 e 2000, em tempo pré-internet, de consultas presenciais aos arquivos, de memória e rigor infinitos. Findo o levantamento, em nove meses de trabalho, uma dezena de sites de bibliotecas e museus e mais de três dezenas de livros e revistas foram consultadas.

Com esta edição, VEJA espera colaborar para um atributo essencial da civilização: o conhecimento, ao avesso das notícias falsas tão ruidosamente espalhadas pelas redes sociais. Vale citar uma frase do poeta inglês Lord Byron, reproduzida na seção Veja Essa desta edição de 1822: “Aqueles que não raciocinam são fanáticos, aqueles que não conseguem são tolos e aqueles que não ousam são escravos”. Antes de começar a desfrutar esta publicação — oferecida também em versão digital —, é preciso levar em conta alguns critérios:

- O 7 de setembro de 1822 caiu num sábado. Deve-se imaginar, portanto, que esta edição tenha sido finalizada em 13 de setembro de 1822, a sexta-feira seguinte — é a data que aparece ao pé das páginas.
- Tudo o que ocorreria depois, portanto, ainda não aconteceu. Deu-se prioridade aos assuntos da semana, mas não só eles. Para oferecer um quadro daquele tempo, publicam-se também notícias sobre fatos acontecidos ao longo de 1822 e de anos anteriores.
- Para a reconstituição dos acontecimentos de 7 de setembro de 1822, deu-se preferência a textos de cartas, jornais e diários daquele período. Com algumas exceções: no caso das ilustrações, foi preciso recorrer a obras feitas posteriormente, mas sempre se referindo aos episódios-chave e a personagens da independência. Apenas na seção de humor, escrita pelo jornalista Edson Aran, VEJA se permitiu tratar de temas atuais — recurso necessário para a boa compreensão das brincadeiras, ao associar o ontem e o hoje, e daí extrair o riso.
- As reportagens são escritas no português de hoje, e não no de 200 anos atrás. As declarações entre aspas são literais.

Boa leitura — e boa diversão. ■

VEJA ESPECIAL 1822

Coordenação: Fábio Altman

Consultoria: Paulo Rezzutti

Pesquisa: Susana Camargo

Projeto gráfico: Daniel Marucci

Designers: Ana Cristina Chimabuco, Eric Cavasani Vechi, Luciana Rivera e Ricardo Horvat Leite

Checagem: Andressa Tobita

Produção editorial e revisão: Shirley Souza Sodré, Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Rosana Tanus, Valquíria Della Pozza e Vera Fedtschenko

Preparação digital: Edval Moreira Vilas Boas

Pesquisa de fotos: Alexandre Reche, Iara Silvia Brezeguello Rodrigues e Ismael Canosa

Infografia: Anderson Marçal Leandro e Wander Moreira Mendes

Textos: Amauri Barnabé Segalla, Cilene Gomes Pereira, Edison Veiga, Edson Aran, Gabriel Pillar Grossi, Ivan Martins, J.A. Dias Lopes, Simone Blanes e Tato Coutinho

LIVROS E REVISTAS CONSULTADOS: **Independência — A História Não Contada**, Paulo Rezzutti (Editora LeYa); **D. Pedro — A História Não Contada**, Paulo Rezzutti (Editora LeYa); **D. Leopoldina — A História Não Contada**, Paulo Rezzutti (Editora LeYa); **1822**, Laurentino Gomes (Editora Globo); **Da Monarquia à República — Momentos Decisivos**, Emília Viotti da Costa (Editora Grijalbo); **Insultos Impressos**, Isabel Lustosa (Companhia das Letras); **D. Pedro I**, Isabel Lustosa (Companhia das Letras); **José Bonifácio**, Miriam Dolhnikoff (Companhia das Letras); **O Sequestro da Independência**, Carlos Lima Jr., Lília M. Schwarcz e Lúcia K. Stumpf (Companhia das Letras); **Do Amor**, Stendhal (Martins Fontes Editora); **A Capital da Solidão**, Roberto Pompeu de Toledo (Editora Objetiva); **Revista de História da Biblioteca Nacional**; **Revista Nossa História** (Editora Vera Cruz); **Saga — A Grande História do Brasil** (Abril Cultural); **As Vidas de José Bonifácio**, Mary del Priore (Editora Estação Brasil); **Cronologia de História do Brasil Monárquico — 1808-1889** (Departamento de História FFLCH/USP); **Cronologia de História do Brasil Colonial — 1500-1831** (Departamento de História FFLCH/USP); **Confissões de um Comedor de Ópio**, Thomas de Quincey (Editora L&PM); **Diário de uma Viagem ao Brasil**, Maria Graham (Editora Garnier); **Beethoven**, William Kinderman (University of California Press); **Iconografia Brasileira da Coleção Itaú** (ContraCapa/Itaú Cultural); **A Construção do Brasil** (Editora Vera Cruz); **O Brasil Monárquico — Volume II**, Direção de Sérgio Buarque de Hollanda (Editora Civilização Brasileira); **Aventuras na História** (Editora Abril); **Cartas de uma Imperatriz** (Estação Liberdade); **Viagem pelo Brasil — 3 volumes**, Martius e Spix (Editora Itatiaia); **Brasiliana Itaú**, Pedro Corrêa do Lago (Editora Capivara); **Anotações de A.M. Drummond à Sua Biographia** (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro); **Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil — Tomo XXI/ 1878**; **Os Inovadores**, Walter Isaacson (Editora Intrínseca); **A História do Mundo em 100 Objetos** (Editora Intrínseca); **Personagens da Independência do Brasil**, Rodrigo Trespach (Editora 106); **Mestres da Pintura** (Abril Cultural); **José Bonifácio de Andrada e Silva**, org. de José Castelo (Editora 34).



A prescrição certa para você
que se preocupa com a saúde.



Assine e receba
sua revista em
casa a partir de

12,90
/mês

veja
SAÚDE

Saiba mais. Viva mais.

Acesse:

assineabril.com.br/vejasaude1
ou aponte a câmera do seu
celular para o código ao lado



“O POMO ESTÁ MADURO”

A princesa regente diz que o Brasil está pronto para separar-se de Portugal e pela primeira vez admite desconforto no casamento com dom Pedro

QUEM TE VIU, quem te vê. A ingênua jovem Maria Leopoldina Carolina Josefa de Habsburgo, de apenas 20 anos, casada com dom Pedro por procuração em 1817, não reconheceria a mulher de 25 anos, hoje princesa regente interina do Brasil. Com poderes legais para governar o país enquanto o marido está em São Paulo, virou uma personalidade decisiva nos bastidores das tratativas políticas no Rio de Janeiro. A interinidade lhe foi concedida em 13 de agosto passado — logo antes de a comitiva do esposo partir para ares paulistanos. Leopoldina recebeu VEJA minutos antes de entrar em um dos salões do Paço Imperial para presidir o Conselho dos Procuradores-Gerais das Províncias do Brasil. Ao cabo do encontro, do qual participou o ministro dos Negócios do Império e Estrangeiros, José Bonifácio de Andrada e Silva, foi escrita uma carta a dom Pedro, que a recebeu de um ajudante de ordens à margem do Ipiranga, estimulando a separação de Portugal.

De olhos azuis-ardósia emoldurados por uma tez alvíssima, quase transparente, comum a tantas meninas-moças de origem europeia, ela parece uma veterana de guerra, afeita a declarações firmes e corajosas. Em português gramaticalmente perfeito, embora com algum charmoso sotaque, intercalado por palavras em alemão e outras em francês, Leopoldina tratou na entrevista a seguir, concedida com exclusividade a VEJA, da recente travessia do Brasil apartado de Portugal, da trágica morte do filho e — pela primeiríssima vez — das revelações à miúda de uma suposta crise no casamento, segredo de polichinelo nos corredores imperiais.

Depois da reunião do Conselho de Estado, a senhora mandou mensageiros ao encontro do príncipe em São Paulo. Se pudesse falar com dom Pedro agora, o que diria? O Brasil será em vossas mãos um grande país. O Brasil vos quer para seu monarca.



JOSEPH KREUTZINGER, O.S.T., 1817/COLEÇÃO KUNSTHISTORISCHES MUSEUM – VIENA

Com o vosso apoio ou sem o vosso apoio, ele fará a sua separação. O pomo está maduro. Colhei-o já, senão apodrece. Ainda é tempo de ouvirdes o conselho de um sábio que conheceu todas as cortes da Europa, que, além de vosso ministro fiel, é o maior de vossos amigos. Ouvi o conselho de vosso ministro, se não quiserdes ouvir o de vossa amiga. Pedro, o momento é o mais importante de vossa vida. Tereis o apoio do Brasil inteiro e, contra a vontade do povo brasileiro, os soldados portugueses que aqui estão nada podem fazer.

Não mesmo? O povo e o Exército do Brasil são excelentes e fiéis súditos.

A independência de Portugal, que parece bem encaminhada, será uma travessia tranquila? O Brasil é grande demais, poderoso e, conhecendo sua força política, incapaz de ser colônia de uma Corte pequena, por isso custará ainda muitas lutas duras e sangrentas. E, como me parece, pelo que meu humilde entendimento permite, o ódio dos europeus contra o Brasil é tão grande que terminará com o extermínio dos primeiros.

“O Brasil é grande demais, poderoso e, conhecendo sua força política, incapaz de ser colônia de uma Corte pequena, por isso custará ainda muitas lutas sangrentas”

A senhora não parece muito otimista em relação aos próximos passos. O estado das coisas não é nada bonito, eu já não estou para sofrer maroteiras. Que se mande chamar lorde Cochrane (*almirante Thomas Cochrane, chamado por Napoleão Bonaparte de “o lobo do mar”*) para cá.

Desde 9 de janeiro, quando dom Pedro anunciou que ficaria no Brasil, no Dia do Fico, a separação da Coroa portuguesa se acelerou. Seu esposo está confiante? O príncipe está decidido, mas não tanto quanto eu desejaria. Os ministros vão ser substituídos por filhos do país que sejam capazes. O governo será administrado de um modo análogo ao dos Estados Unidos da América do Norte. Muito me tem custado alcançar isto tudo — só desejaria insuflar uma decisão mais firme.

Como o Brasil independente pode ser viável se há tantos problemas de caixa? Devido a uma administração sensata e adequada, as finanças nunca estiveram em melhor situação, e todos contribuem voluntariamente para as necessidades do país; dentro de poucos anos uma força naval poderosa estará pronta, sendo que o começo já está feito. Todas as províncias se unem, animadas pelo mesmo interesse, pelos mesmos anseios.

Mas não haverá grita das realezas europeias? A grandeza do Brasil é de supremo interesse para as potências europeias, especialmente do ponto de vista comercial, e o maior desejo das Cortes aqui reunidas é fechar contratos comerciais com as possessões austríacas na Itália e estabelecer seu monopólio comercial em seus portos, o que seria extremamente vantajoso para minha querida pátria, pela riqueza extraordinária do Brasil em madeiras corantes e mercadorias coloniais.

Por que tanto empenho ao lado de José Bonifácio, a quem a senhora chama de “sábio”, pelo desligamento de Portugal? O Brasil é, sob todos os aspectos, um país tão maduro e importante que é incondicionalmente necessário mantê-lo. O Onipotente conduz tudo para o nosso bem e o bem comum vem antes do desejo individual, por mais intenso que seja.

A senhora nasceu na Áustria, veio da Europa para cá com a esperança de voltar e acabou ficando. Considera-se brasileira? Sempre permanecerei brasileira de coração, pois é o que determinam minhas obrigações como esposa, mãe e a gratidão a um povo honrado, que se dispôs, quando nos vimos abandonados por todas as potências, a ser nosso esteio, não temendo quaisquer sacrifícios ou perigos. Os verdadeiros brasileiros são cabeças boas e tranquilas.

Sente falta da Europa? Embora esteja muito feliz, o estilo de vida em que nunca se vai a teatro, nunca a uma festa em que as pessoas não sejam as mesmas de todos os dias, vai se tornando mortal para alguém acostumado a um pouco de distração, e até meu esposo reclama disso. O calor, o clima e a consequente preguiça não nos deixam ler nem escrever, por isso não seria nada mau rever a Europa após um tempo.

Do que mais tem saudade? Nossos bailes aqui são festas religiosas de sete, oito horas de duração, geralmente até meia-noite; nada de oração por aqui, porque só se tagarela e ri; confesso sinceramente que gostaria de valsar, pois amo de forma indizível a dança de meus compatriotas.

Diz-se que a senhora não gosta da comida brasileira... Confesso que não gosto dos pratos doces portugueses e permaneço fiel à boa cozinha alemã, e não à nossa descuidada cozinha vienense, onde os pratos são meio envenenados e por isso se tem diarreia constantemente.

Em cismar, sozinha, à noite, que alegrias encontra aqui que não existem lá? Aqui se veem centenas de colibris, papagaios, grandes araras... e urubus-reais voando, esses últimos muito raramente e apenas na Serra dos Órgãos. O que mais me impressionou foram os muitos, diferentes tons de pele dos nativos e seus rostos de traços tão feios. O Brasil é um verdadeiro paraíso, há uma incontável quantidade de plantas, arbustos e árvores, especialmente espécies de palmeiras que nunca havia visto nem em estufas. Estou colecionando pássaros.

A senhora nunca falou da morte de seu filho, João Carlos Pedro Leopoldo Borromeu de Bragança, em fevereiro passado, em decorrência da reação dos militares portugueses ao “Fico”. O que houve? Meu filho morreu de uma espécie de hepatite mal curada, no espaço de 28 horas; tudo foi culpa de nossa fuga forçada para Santa Cruz, que fica a 12 milhas de distância (*ela fugia com o bebê, e já grávida de outro, das tropas portuguesas que se rebelaram em 9 de janeiro, o Dia do Fico*). A pobre criança sofreu terrivelmente no calor de 98 graus (36 graus Celsius), que, pode-se dizer, foi a causa de seu fim precoce; estou sem condições de descrever meu padecimento, só a religião e a firme confiança no Onipotente, que dispõe de tudo para o bem do

homem, conseguem me confortar e me acalmar um pouco, mas é preciso tempo.

Há rumores de que a senhora atravessa dificuldades financeiras e de que teria pedido ajuda ao barão Wenzel de Mareschal (representante diplomático austríaco no Rio). Confirma? Gastos imprevistos, ordenados e pensões a famílias necessitadas e à criadagem que, infelizmente, põem toda a sua esperança em mim obrigaram-me a desembolsar a quantia de 24 000 florins.

“Começo a crer que se é muito mais feliz quando solteira. Agora só tenho preocupação e dissabores, que engulo em segredo, pois reclamar é ainda pior”

A senhora tem esse dinheiro? Não posso pagar essa dívida, e ainda menos meu esposo; minha mesada não me é paga, ou, quando é, retém-na meu marido, de quem não posso arrancá-la, pois ele mesmo precisa dela.

Como é a vida de casada com o príncipe regente, sempre tão distante do Paço Real? Começo a crer que se é muito mais feliz quando solteira. Agora só tenho preocupação e dissabores, que engulo em segredo, pois reclamar é ainda pior. Infelizmente, vejo que não sou amada.

Ele é um bom marido? O caráter de meu marido é extremamente exaltado. Tudo que denote levemente liberdade lhe é odioso. Assim só posso continuar observando e ficar chorando em silêncio. ■

“UM AR DE PRESSA AGRADÁVEL”

A minuciosa escritora inglesa, que tem viajado pelo Brasil, fala de suas impressões do país, especialmente depois do Dia do Fico — em anotações que devem ser publicadas em livro

Qual a sensação da senhora depois da primeira visita ao centro do Rio de Janeiro? A cidade do Rio é uma cidade mais europeia do que Bahia ou Pernambuco. As casas são de três ou quatro pavimentos, com tetos salientes, toleravelmente belas. As ruas são estreitas, pouco mais largas do que o Corso, em Roma.

E para além da arquitetura e do urbanismo, como é a vida cotidiana? Há na cidade um ar de pressa e atividade bem agradável aos nossos olhos europeus. No entanto, todos os portugueses fazem a sesta após o jantar. Os negros, tanto livres quanto escravos, parecem alegres e felizes no trabalho. Há tanta procura deles que se encontram em pleno emprego e têm, naturalmente, boa paga.

As mulheres, sobretudo, parecem ter chamado sua atenção. Por quê? Nas mulheres bem-vestidas que vi à noite tive grande dificuldade em reconhecer as desmazeladas da manhã de outro dia. As senhoras estavam todas vestidas à moda francesa: corpete, fichu, enfeites, tudo estava bem, elegante mesmo, e havia uma grande exibição de joias. As inglesas, porém, ainda que quase de segunda categoria, ou mesmo de nobreza colonial, arrebataram o prêmio de beleza e da graça, porque afinal os vestuários, ainda que elegantes, quando não são usados habitualmente, não fazem senão embaraçar e estorvar os movimentos espontâneos e, como nota mademoiselle Clairon (*atriz e escritora francesa*), “para poder representar de fidalga em público é preciso que a mulher o seja na vida privada”.

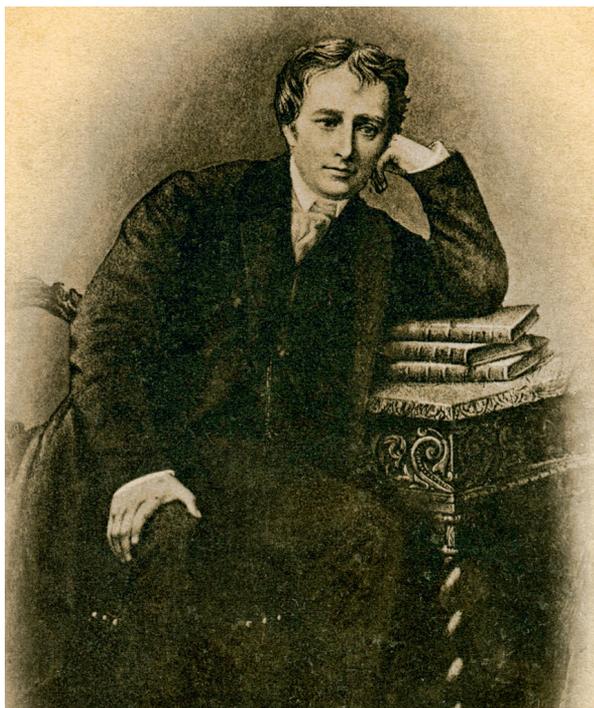
A senhora acompanhou de perto o anúncio de dom Pedro em 9 de janeiro, o Dia do Fico. Agora que a independência está encaminhada, o que dizer ao povo? Agora é preciso só recomendar-vos a União e Tranquilidade! Expressões realmente sublimes e que contêm toda a filosofia política. Sem a União não poderemos ser fortes, sem a força não poderemos determinar a tranquilidade. Portugueses. Cidadãos. Tendes um príncipe que vos fala com gentileza de suas próprias funções; que vos convida a unirmo-nos com ele em torno à Constituição. Cumprí vossos deveres. Atendei à amável exortação de vosso Augusto Príncipe, mas em compensação dizei-lhe: Senhor, energia e vigilância. Energia para promover o bem. Vigilância para evitar o mal.



THOMAS LAWRENCE

CURIOSIDADE Maria Graham: filha de um comissário do Almirantado Britânico, ela transforma o que vê em ótimos textos e agradáveis desenhos

Quais efeitos a senhora notou depois do “Fico” e que ainda hoje parecem ecoar pelas ruas do Rio de Janeiro? Os habitantes em geral, mas especialmente os comerciantes estrangeiros, estão bem satisfeitos por ver as tropas de Lisboa despedidas, porque por muito tempo foram tiranicamente brutais com os estrangeiros, com os negros e, não raramente, com os próprios brasileiros, e nas muitas semanas passadas a arrogância delas foi revoltante tanto com o príncipe quanto com o povo. Há caras alegres e corações não menos alegres. ■



CULTURE CLUB/GETTY IMAGES

GÓTICO P.B. Shelley: suposta primeira relação carnal em cima do túmulo da mãe de sua mulher, Mary

UM FIM ROMÂNTICO

A breve vida do poeta inglês **Percy Bysshe Shelley** daria uma peça de teatro. A começar por sua trágica morte, em 8 de julho, aos 29 anos, no Golfo de Spezia, no Mar da Ligúria, na Itália. O barco em que ele estava com dois amigos afundou, e os corpos foram encontrados apenas dez dias depois. No bolso do paletó de Shelley havia uma edição de textos de Sófocles e um volume com as poesias de John Keats, de quem foi amigo. Romântico até o último fio de cabelo, deixou uma obra inacabada, de título que soa irônico: *O Triunfo da Vida*. Mas o livro que circula de mão em mão, de boca em boca, é a antologia de poemas *Prometeu Desacorrentado*. “Tenhas pena dos desamados servos do céu, e não de mim, que à mente entrono a paz, qual luz no sol: é vão falar! Chama os demônios”, escreveu Shelley. Ateísta, avesso ao poder constituído e defensor de direitos iguais para as mulheres — há quem chame essa postura de “feminismo” —, viveu como se fizesse parte de seus textos. Diz-se que coabitava a três com a mulher, a escritora Mary — autora de *Frankenstein*, de 1818 —, e sua meia-irmã, Claire. Nas alcovas relatam outro episódio rumoroso: o casal teria feito amor pela primeira vez em cima do túmulo da mãe dela. P.B. Shelley nunca foi para amadores.

O PAI DE URANO

Poetas, seresteiros, namorados, chorai, porque haverá melancolia quando olharem para o céu. Morreu em 25 de agosto passado, em Slough, aos 83 anos, um homem fundamental, o astrônomo alemão radicado na Inglaterra **William Herschel**. Foi ele quem, em 1781, ao procurar por estrelas duplas no firmamento, notou um desconhecido corpo cósmico, que inicialmente tomou por um cometa, mas que é um planeta: Urano. A descoberta lhe deu fama em toda a Europa. Celebre-se a grandeza de Herschel, o primeiro presidente da Royal Astronomical Society.



DEAGOSTINI/GETTY IMAGES

CIÊNCIA Herschel, que se radicou na Inglaterra: o caçador de planetas presidiu a Royal Astronomical Society

TRISTEZA NO SALÃO

Paira um silêncio doloroso no Hôtel des Monnaies, em Paris, no sexto distrito. As portas fechadas indicam a interrupção dos saraus e das longas discussões de filosofia e política promovidas ali por **Sophie Marie Louise de Grouchy**, a **Madame de Condorcet**. Desde a aurora da revolução de 1789, o salão de Sophie virou ponto de encontro de personalidades como o americano Thomas Jefferson e o britânico Adam Smith. Exímia tradutora do inglês para o francês, a dama sempre se mostrou incomodada com as versões que circulam na França da Teoria dos Sentimentos Morais, de Smith, e tratou de pô-la novamente no idioma de Voltaire. Querida por seus pares de longas noitadas, Sophie — nascida no seio de uma família riquíssima — atraiu imensa antipatia da nobreza, que a reputa como traidora desde que as cabeças começaram a rolar com a revolução. Ela morreu em 8 de setembro, aos

58 anos, depois de longa enfermidade. ■



MUSEE D'ORSAY

FILOSOFIA E POLÍTICA Sophie de Grouchy, a Madame de Condorcet: tradutora cuidadosa dos textos de Adam Smith

“Pedro, se o Brasil se separar, antes seja por ti, que me há de respeitar, do que para algum desses aventureiros.”

DOM JOÃO VI, de Portugal, em carta para o filho

“Independência ou morte!”

DOM PEDRO, o príncipe regente, às margens do riacho do Ipiranga, em São Paulo (*leia mais na pág. 18*)

ALBERT GREGORIUS



“Se não arrebentar uma dúzia de cavalos no caminho, nunca mais será correio: veja o que faz.”

JOSÉ BONIFÁCIO PARA O OFICIAL PAULO BREGARO, que levou as cartas do Conselho de Estado para o príncipe dom Pedro em São Paulo (*leia mais na pág. 18*)

“Por vós, pela pátria, o sangue daremos. Por glória só temos, vencer ou morrer.”

VERSINHOS DECLAMADOS NAS RUAS DO RIO DE JANEIRO

“Aqueles que não raciocinam são fanáticos, aqueles que não conseguem são tolos e aqueles que não ousam são escravos.”

GEORGE GORDON BYRON, o Lord Byron, poeta romântico inglês

“Mas viver sem amar, sem ser amado? Vida entre gelos equivale à morte. No pasto do coração mantém-se a vida.”

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO, poeta português que acaba de lançar uma coletânea de poemas, *A Primavera*

“Ninguém realmente entende a dor ou a alegria do outro.”

FRANZ SCHUBERT,
compositor austríaco

“Se vossa alteza não se faz rei do Brasil, será prisioneiro das Cortes e talvez deserdado por elas. Não há outro caminho senão a independência e a separação.”

PADRE BELCHIOR PINHEIRO DE OLIVEIRA, um dos membros da comitiva de dom Pedro em São Paulo.

A frase foi dita no alto do Ipiranga no sábado 7 (*leia mais na pág. 18*)

“As belas-artes são em número de cinco, a saber: pintura, escultura, poesia, música e arquitetura, que tem como principal ramo a pâtisserie.”

MARIE-ANTOINE (ANTONIN) CARÊME, chef de cozinha francês



ROBERT LEFÈVRE

“A pontualidade é a polidez dos reis.”

LUÍS XVIII, rei da França

“Um governo popular sem informações sobre o povo, ou meios de adquiri-las, é apenas o prólogo para uma farsa ou uma tragédia, ou talvez ambas. O conhecimento governará para sempre a ignorância.”

JAMES MADISON, ex-presidente dos Estados Unidos, em correspondência para o governador do Kentucky, William T. Barry



ALAMY/FOTOREMA

UM AMIGO INCÔMODO...

Causa algum desconforto a presença muito próxima a dom Pedro de um amigo de farras da adolescência do príncipe regente. Seu nome: Francisco Gomes. O apelido: **Chalaça**. Ex-barbeiro, ex-sangrador e ex-dentista, ganhou simpatia da família real, inclusive de dom João VI e Carlota Joaquina, ao trabalhar como reposteiro. É ele quem tratava de descobrir o trono do rei e de colocar almofadas sob os joelhos do monarca.

...DE PASSADO DUVIDOSO

Contudo, há quem olhe feio para a história pregressa do chistoso janota. Ele foi amancebado com uma certa Maricota Corneta, dona de uma hospedagem de péssima fama no Rio de Janeiro. Há alguns anos, Chalaça e dona Eugênia de Castro, dama do Paço, foram surpreendidos nus e expulsos do palácio. Teme-se que o amigão do príncipe esteja organizando um “gabinete secreto”. Não por acaso, ele acompanhou dom Pedro até São Paulo.

IMPERADOR?

José Clemente Pereira, presidente do Senado da Câmara da Cidade do Rio de Janeiro, o arquiteto do “Fico”, tem um plano: quer propor a câmaras de outras cidades que dom Pedro seja aclamado imperador em outubro e jure uma Carta a ser elaborada por uma Assembleia Constituinte.



ALAMY/FOTOREMA: AQUIRELA SOBRE PAPEL. J.B. DEBRET. 1821. COLEÇÃO CASTRO MAYA

O REI DA CONFUSÃO Anotem este nome, porque dará o que falar: Chalaça, ex-barbeiro e sangrador (*acima, uma barbearia no Rio*), tem se aproximado cada vez mais do príncipe regente

TRISTE BAHIA...

Em 23 de agosto passado, a princesa regente, dona Leopoldina, recebeu uma delegação de senhoras da Bahia. O objetivo: entregar-lhe um manifesto com 186 assinaturas. No documento, as signatárias reconhecem a relevância de Leopoldina na decisão de o príncipe ter ficado no Brasil. Os baianos lutam contra o Exército português na província desde fevereiro.

...Ó QUÃO DESSEMELHANTE

A violência no Recôncavo não para de crescer e tem uma mártir: em 19 de fevereiro, Joana Angélica de Jesus, abadessa do convento de Nossa Senhora da Conceição da Lapa, em Salvador, foi assassinada por soldados portugueses que invadiram o local.

RACHA ENTRE OS MAÇONS

Discute-se no Grande Oriente, centro da direção geral da maçonaria no Brasil, a expulsão do frei Francisco de Santa Teresa de Jesus Sampaio. Amigo próximo de José Bonifácio, ele defende uma monarquia constitucional. A reunião de 9 de setembro foi quente.

DOM PEDRO ESCONDIDINHO

O Apostolado da Nobre Ordem dos Cavaleiros da Santa Cruz é uma sociedade secreta criada em junho pelo ministro José Bonifácio nos moldes da maçonaria. Diz-se que o próprio dom Pedro participou escondido da reunião inaugural, disfarçado e com um codinome: Rômulo.

COMÉRCIO UFANISTA

Novidade em São Paulo: vendem-se fitas cor de ouro com a legenda “Independência ou Morte”, a 12 vinténs cada uma em lojas de fazendas.

PENDÃO DA ESPERANÇA

O pintor e desenhista francês **Jean-Baptiste Debret** está dando os últimos retoques no que pode vir a ser a primeira bandeira do Brasil independente. O losango é inspirado na maçonaria francesa e nas bandeiras napoleônicas. E as cores? O verde primavera é herdado da Casa dos Bragança. O amarelo é homenagem aos Habsburgo-Lorena, da família da princesa regente Maria Leopoldina.



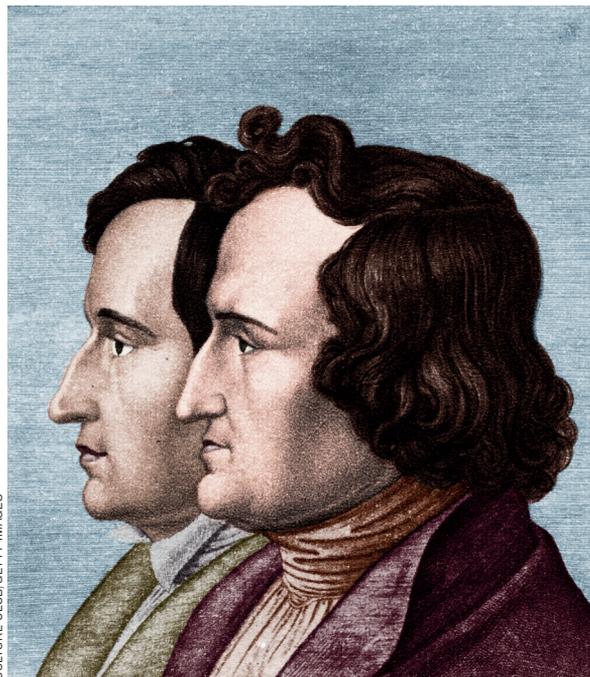
JEAN-BAPTISTE DEBRET

NO MASTRO Jean-Baptiste Debret fez o esboço do que pode vir a ser a bandeira do Brasil: cores dos Bragança e dos Habsburgo-Lorena

JÁ RAIOU A LIBERDADE

Um celebrado e poliglota vendedor de livros da Rua da Alfândega, no Rio, Evaristo da Veiga, tem pronta a letra do que se imagina transformar em Hino Constitucional Brasileiro. Veiga pôs o ponto-final no trabalho em 16 de agosto. Um trecho:

“Já podeis da pátria filhos / ver contente a mãe gentil / Já raiou a liberdade / no horizonte do Brasil. / Brava gente brasileira, / longe vá temor servil / ou ficar a pátria livre / ou morrer pelo Brasil”.



CULTURE CLUB/GETTY IMAGES

IRMÃOS ALEMÃES Wilhelm e Jacob Grimm: histórias infantis com pegada adulta provocam ruído familiar

TIREM AS CRIANÇAS DA SALA

O terceiro volume da antologia de contos para crianças dos irmãos Grimm — **Wilhelm e Jacob** — tem produzido cizânia em família. Diante das críticas de excessiva violência das histórias, Wilhelm parece disposto a reescrevê-las. Jacob bate o pé. Ele acha que qualquer correção seria desrespeito ao folclore original. A Alemanha está em polvorosa.

BRASIL COM Z

O jornalista Hipólito da Costa, residente em Londres, discorda do uso do gentílico “brasileiro” — para ele, brasileiros são os portugueses e estrangeiros residentes no país. O correto, segundo da Costa, para os nascidos no Brasil, seria “brasiliense”. Não por acaso, o jornal que ele dirige zelosamente a partir da Inglaterra é chamado de *Correio Braziliense*, com “z”.

CRUELDADE, NÃO!

Foi sancionada na surdina, na Inglaterra, uma lei proposta pelo parlamentar irlandês Richard Martin para prevenir o tratamento cruel e impróprio de bovinos. É considerada, desde já, a primeira lei de proteção aos animais. ■

DEPOIS DO GRITO, UMA ERA DE SANGUE

Tudo o que não ocorreu em três séculos de letargia vai tendo lugar agora, num punhado de dias gloriosos de uma nação que pode se declarar, enfim, independente



FRANCOIS-RENE MOREAUX/MUSEU IMPERIAL DE PETROPOLIS



ÀS MARGENS DO
IPIRANGA Sábado 7:
o príncipe regente moveu
as engrenagens do tempo

Parece que foi há 200 anos, mas passaram-se apenas seis dias desde que dom Pedro ergueu a voz às margens do barrento riacho do Ipiranga, na orgulhosa São Paulo, para declarar que o Brasil se tornava, finalmente, livre de Portugal. As palavras que já entraram para a história — “Independência ou morte”, gritou o príncipe, tomado de fúria — soaram por volta das 16h30 do sábado, dia 7 de setembro. Desde então, as engrenagens invisíveis que movem o tempo têm se acelerado. Dom Pedro retornou ao Rio de Janeiro numa marcha épica de cinco dias e lá prepara, segundo VEJA pôde apurar, os primeiros decretos do governo brasileiro, assim como medidas concretas para a defesa militar da nação. Elas envolvem o famoso almirante escocês Thomas Cochrane, que se encontra lutando no Chile e está sendo convidado a vir ao Brasil. Tudo o que não ocorreu em três séculos de letargia vai tendo lugar agora, num punhado de dias gloriosos. Da província Cisplatina ao Pará, 4,6 milhões de brasileiros de todas as origens voltam-se para o príncipe regente em busca de inspiração e liderança. Ao mesmo tempo, os olhos vasculham o mar, de onde podem surgir, a qualquer momento, navios trazendo tropas portuguesas, como as que desde fevereiro tentam submeter a província da Bahia. Vivem-se tempos de sangue, esperança e incerteza no Brasil.

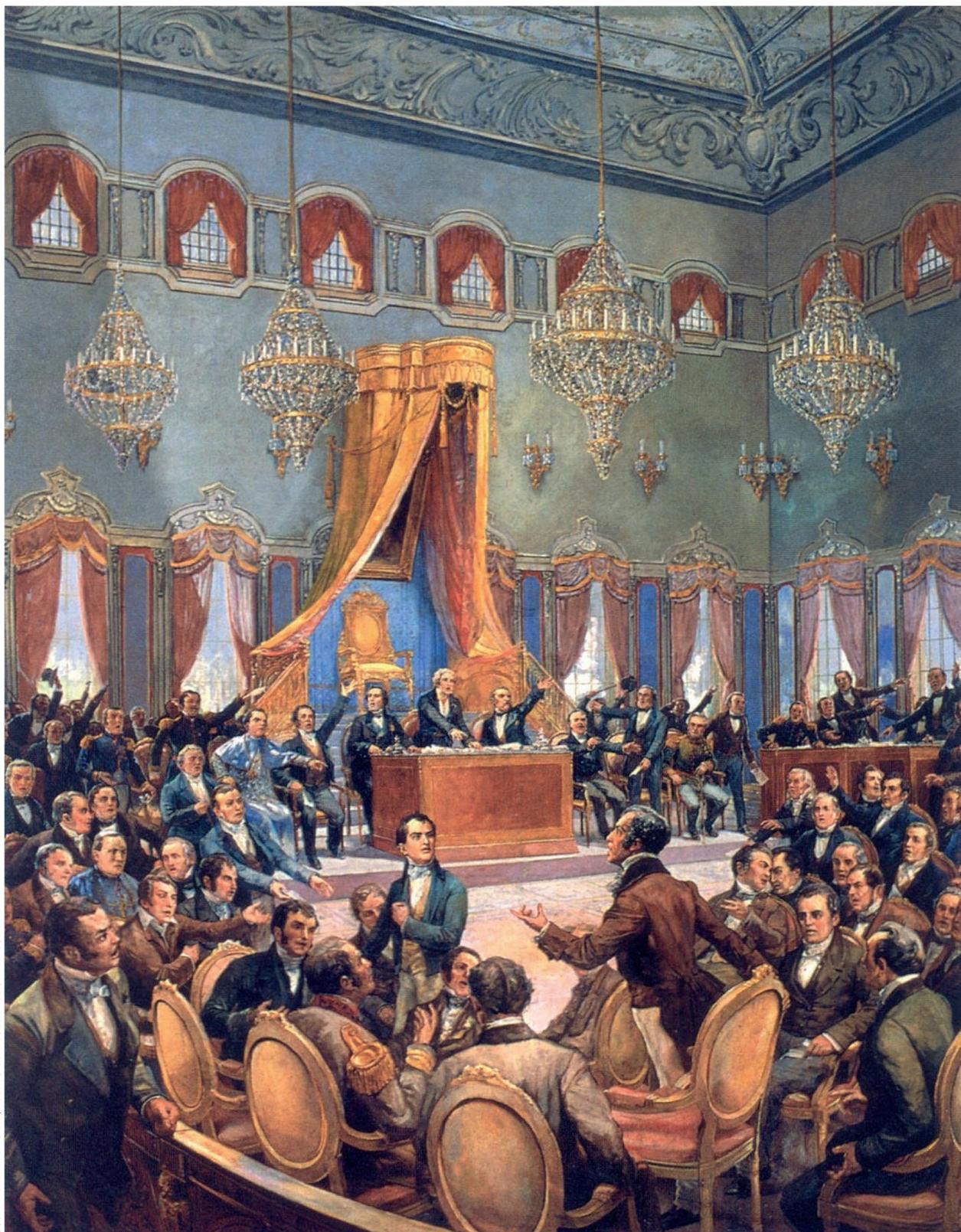
Para aqueles que não seguem o dia a dia da política, os acontecimentos do 7 de setembro podem ter parecido inesperados e surpreendentes, mas não foram nem uma coisa nem outra. Desde 9 de janeiro, quando dom Pedro se recusou, altivamente, a obedecer à ordem das Cortes portuguesas de retornar a Lisboa, o que ficou conhecido como o Dia do Fico, as cartas da independência estavam postas sobre a mesa. Ficou claro, naquele momento, que o príncipe de 23 anos tomara posição contra aqueles que hoje controlam seu país natal. Ao fazê-lo, permitiu que se organizasse em torno dele o movimento de emancipação do Brasil. O reinado do país pequeno sobre o grande e do povo pobre sobre o rico começava a terminar.

As Cortes que emergiram da Revolução do Porto, de 1820, com o mandato de escrever uma nova Constituição para Portugal, têm tido papel de destaque no levante brasileiro. Ao tomar o comando do reino, reduziram dom João VI ao papel de soberano decorativo, enfraquecendo os laços que ligavam os brasileiros ao monarca e, por meio dele, a Lisboa. Dizem que, ao ler os jornais pela manhã, o velho rei comentou com

amarga ironia: “Deixe-me ver o que eu decidi ontem”. Acostumados ao temperamento do pai, os constitucionalistas subestimaram a índole do filho. Eles tampouco entenderam as modificações profundas que os treze anos da presença de dom João no Rio de Janeiro causaram na mentalidade brasileira. Movidas por interesses comerciais mesquinhos, as Cortes querem fazer o relógio andar para trás. Seu plano principal é reconduzir o Brasil à inaceitável condição de colônia, com a retirada de todos os privilégios comerciais de que o país desfruta desde 1815, quando foi alçado à condição de sede do Reino Unido de Brasil, Portugal e Algarves. Se esse plano não vingar, tentarão mutilar o país, tomando as porções Norte e Nordeste do território. Daí o sangrento ataque à província da Bahia. Para alegria dos que levam no chapéu as fitas verde-amarelas do Brasil, o plano principal foi abortado pelo grito do príncipe — e o secundário, graça à bravura dos baianos, caminha para o desastre. A arrogância daqueles que pretendiam submeter os brasileiros a qualquer custo terminou por incitar a independência.

Neste momento, reúnem-se ao redor de dom Pedro e da princesa Leopoldina — a mais brasileira das austríacas (*leia a entrevista de Páginas Amarelas*) — as forças vivas do país. Estão engajados na luta pela independência desde maçons com ideias afrancesadas (radicais que pretendem substituir a monarquia por uma república caótica, como tantas que cercam o Brasil na América do Sul) até sábios como o ministro paulista José Bonifácio de Andrada (*leia o perfil na pág. 32*), que, do alto dos seus 59 anos, acalenta o projeto de transformar o Brasil na grande potência do Hemisfério Sul. Bonifácio vislumbra uma monarquia constitucional erguida em torno da figura de dom Pedro. Ele calcula que a autoridade do príncipe, somada à gravidade do trono, será capaz de manter coeso o vasto território nacional, abrindo espaço para reformas que multipliquem a produção de suas riquezas. VEJA pode adiantar que o ministro planeja medidas ousadas como a abolição da escravatura e a instituição do ensino obrigatório. Pelo menos a primeira conta com a simpatia do príncipe, mas enfrentará enorme oposição. Os interesses organizados em torno da servidão são enormes.

Desde o Dia do Fico, dom Pedro tem dado mostra, porém, de estar à altura da tarefa que o destino lhe oferece. Abafou em março, praticamente sozinho, uma rebelião de militares lusos que ameaçava erguer-se em Vila Rica, na província de Minas Gerais. Com o mesmo desassombro, veio a São Paulo em agosto pacificar os grupos rivais que disputavam o comando político da província. Dessa viagem resultou o grito de Ipiranga.



OSCAR PEREIRA DA SILVA, ACERVO DO MUSEU PAULISTA DA USP

LISBOA Assembleia acalorada das Cortes: os constitucionalistas subestimaram a índole de dom Pedro

do papel de regente, diziam os documentos, e todas as suas decisões recentes ficavam anuladas. Mais: a autoridade do príncipe se limitaria, ora em diante, à província do Rio de Janeiro. Lisboa nomearia os novos ministros (os atuais seriam “investigados”) e comandaria o resto do Brasil. De uma penada, Portugal punha um príncipe de lado e passava rédeas curtas na colônia. “Senhor, o dado está lançado, e de Portugal não temos a esperar senão escravidão e horrores”, escreveu Bonifácio, alvo principal das investigações que as Cortes desejavam realizar. “Venha, V.A.R., o quanto antes e decida-se, porque irresolução e medidas de água morna para nada servem.” A segunda carta, igualmente enfática, era de dona Leopoldina. Ela urgia com o marido para que voltasse ao Rio e recomendava que acatasse as recomendações do ministro. “Só a sua presença, energia e rigor para salvar o Brasil da ruína”, escreveu a princesa. Ainda há dúvidas sobre a autoria da terceira carta. Alguns têm dito que ela veio de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, irmão do ministro Bonifácio, representante de São Paulo nas Cortes de Lisboa. Outros a atribuem a Henry Chamberlain, cônsul britânico no Rio de Janeiro. As duas versões coincidem, porém, no conteúdo da missiva: ele dava conta do ressentimento que dom Pedro desperta nos constituintes de Lisboa e das medidas drásticas que lá se tramam contra ele.

“Dom Pedro, tremendo de raiva, arrancou de minhas mãos os papéis e, amarrotando-os, pisou-os e deixou-os na relva. Eu os apanhei e guardei”, relatou a VEJA, com exclusividade, o padre mineiro Belchior Pinheiro de Oliveira, que acompanhava o príncipe na viagem. O padre conta que dom Pedro, depois de caminhar alguns minutos em silêncio, ruminando pensamentos, dirigiu-se exaltado aos que o cercavam: “As Cortes me perseguem, chamam-me com desprezo de rapazinho e brasileiro. Pois verão agora quanto vale o rapazinho. De hoje em diante, estão quebradas as nossas relações. Nada mais quero com o governo português e proclamo o Brasil, para sempre, separado de Portugal”. Outra testemunha da cena, o alferes Francisco de Castro Canto e Melo, relata o evento de forma concisa, mas ainda mais eloquente. Tendo lido as cartas, disse ele a VEJA, o príncipe recolheu-se em silêncio por alguns instantes e depois, determinado, esbravejou: “É tempo. Independência ou morte! Estamos separados de Portugal”. O jovem Canto e Melo, como sabem os moradores de São Paulo, é irmão da bela senhora Domitila, a mesma que, dias atrás, ingressou com ares de marquesa no círculo mais íntimo dos amigos de dom Pedro, tendo acabado de conhecê-lo (*leia na seção Gente*).



JAMES RAMSAY

ÀS ARMAS, CIDADÃO O almirante Thomas Cochrane, que está no Chile: convidado a vir lutar

Qualquer que seja o resultado da aventura em liberdade a que se lança o Brasil, ele pode ser atribuído, desde já, ao empenho de uma tríade de personalidades únicas, formada por dom Pedro, José Bonifácio e dona Leopoldina. Se os dois primeiros são homens públicos, cujos atos e ideias são conhecidos dos brasileiros, o labor da princesa de 25 anos pela independência foi mais discreto. A despeito das relações conjugais estremecidas, que são matéria de incessantes rumores no Rio de Janeiro, dona Leopoldina conserva-se firme ao lado do marido, emprestando-lhe determinação e conselhos para opor-se aos portugueses. A sobrinha-neta de Maria Antonieta é monarquista convicta e tem aversão aos herdeiros da guilhotina. Sua ampla cultura e sua rede de contatos diplomáticos na Europa foram postas a serviço da causa brasileira desde sempre. Foi ela quem convenceu Bonifácio a aceitar o cargo de ministro em janeiro, quando ele ainda desconfiava da firmeza de dom Pedro. Juntos, ela e Bonifácio praticamente escreveram os termos da independência, que o príncipe proclamou no Ipiranga. Que a princesa tenha papel político tão relevante enquanto gesta seu quinto filho (e luta com dificuldades financeiras constrangedoras), dá provas de um caráter feminino excepcional. A ela, aconteça o que acontecer, os brasileiros livres devem muito. ■



NOS PASSOS DO PRÍNCIPE

Repórter de VEJA acompanhou a longa travessia feita por Pedro no mês passado, visando a acalmar lideranças paulistas
DO ENVIADO ESPECIAL À PROVÍNCIA DE SÃO PAULO

“A MELHOR PARTE DA VIAGEM? A melhor de todas?”, indagou a VEJA o príncipe Pedro, em conversa ocorrida na noite da segunda-feira 2, às portas do Pátio do Colégio, sede do governo paulista. “Não foram as mulheres, não foi a aventura toda, não foram as boas recepções pelo caminho. Sem dúvida nenhuma foi ter vencido a aposta e chegado em primeiro à Fazenda do Pau d’Alho.” E então gargalhou.

O perfil às vezes galhofeiro, quase sempre animado e o tempo todo cheio de energia, é o que deve transcender, para a história futura do jovem príncipe regente brasileiro, que completa 24 anos no próximo mês e desde o ano passado, com o retorno da família real a Portugal, é chefe do governo das terras lusitanas deste lado do Atlântico.

Mas o que ficou claro na viagem de quase 600 quilômetros, entre a sede da corte e a capital da Província de São Paulo, percorrida por Pedro e uma comitiva que aumentava ao longo da travessia, com novos agregados, uns de confiança, outros nem tanto, é que Pedro é um hábil articulador.

Ele deixou a sua mulher, Leopoldina, encarregada de tomar os cuidados burocráticos da administração

geral do Brasil, e empreendeu uma viagem com a missão de apaziguar os ânimos da elite paulista. Fontes ouvidas pela reportagem confirmam que há um receio, na corte, de que haja crescimento de motins separatistas, esfacelando a unidade do território — premissa esta fundamental para o rei dom João VI.

Nesse sentido, a viagem parece já ter sido um sucesso. Carismático, Pedro demonstra ser um líder capaz de conquistar seus interlocutores, arrebanhando mesmo os dissidentes para o seu lado da história. Conquistar também é um verbo que, em seu caso, funciona de modo especial para as mulheres. E, desse périplo, o sedutor príncipe arrebatou a irmã do major Francisco de Castro Canto e Melo, integrante da comitiva.

Domitila de Castro, casada até 1819 com um militar chamado Felício Coelho de Mendonça, que a esfaqueou (*leia mais na seção Gente*), nega que o príncipe seja o pivô de sua separação. Domitila se negou a dar entrevista, mas pessoas próximas confirmaram que ela não gostaria de ser apenas mais uma na longa fileira dos amores de Pedro. “Está completamente apaixonada. Quer ser a principal”, disse uma amiga.

DESTINO
A cidade de
São Paulo
vista do Rio
Tamandateí:
palco histórico



PREPARATIVOS DA VIAGEM

Os poderes da regência do Reino do Brasil foram oficialmente transferidos para Leopoldina em 13 de agosto. Se para muitos a data é sinal de mau agouro, a alta cúpula da corte não viu problema algum no acaso do calendário. “Infortúnio seria adiar mais essa necessária viagem a São Paulo”, comentou, à boca pequena, um ministro.

O decreto justifica a função de Leopoldina como necessária, já que o príncipe teria de se ausentar “desta capital por mais de uma semana para ir visitar a Província de São Paulo, e cumprindo a bem dos seus habitantes e da segurança e tranquilidade individual e pública, que o expediente dos negócios não padeça” com tal ausência temporária, determinou que os ministros e secretários de Estado “continuem nos dias prescritos, e dentro do paço, como até agora, debaixo da presidência da princesa real do Reino Unido”. “Minha muito amada e prezada esposa”, escreveu Pedro, encarregando-a do “despacho do expediente ordinário das diversas secretarias do Estado e repartições públicas”, expedindo em seu nome, “como se presente fora”.

“E hei por bem outrossim que meu Conselho de Estado possa igualmente continuar as sessões nos dias determinados ou quando preciso for, debaixo da presidência da mesma princesa real, a qual fica desde já autorizada para, com os referidos ministros e secretários do Estado, tomar as medidas necessárias e urgentes ao bem e salvação do Estado”, prosseguiu o documento.

Pedro destacou, contudo, que caberia a ela de tudo lhe “dar imediatamente parte para receber a minha aprovação e ratificação, pois espero que nada obrará que não seja conforme às leis existentes e aos sólidos interesses do Estado”.

O príncipe também nomeou, na mesma data, Luís Saldanha da Gama como ministro e secretário de Estado. Gama foi um dos acompanhantes da viagem e, ao longo do trajeto, conforme a reportagem testemunhou, teve o papel-chave: coube a ele expedir as ordens e os decretos oficiais emitidos por Pedro durante o trajeto.

Para compor sua equipe, Pedro convocou ainda o tenente português Francisco Gomes da Silva, conhecido como Chalaça (*leia mais na seção Radar*), um antigo amigo e companheiro de aventuras. Também achou oportuno ter a companhia do major paulista Francisco de Castro Canto e Melo, fazendo as vezes de ajudante de ordens. Como Canto e Melo é membro da tropa dos Leais Paulistas, sua presença funcionou como uma espécie de diplomata, uma ponte entre a elite de São Paulo, em parte insatisfeita com o governo, e o príncipe, pronto a selar acordos.

Dois criados do paço foram destacados para auxiliar na viagem, João de Carvalho Raposo e João Carlotta. À reportagem, a comitiva gentilmente cedeu uma eficiente mula, que de forma competente conduziu tanto o jornalista como seus pertences de uso pessoal.

A partida de São Cristóvão ocorreu na quarta, dia 14. No itinerário, a primeira parada era Venda Grande, a cerca de 10 quilômetros dali. O ponto teve uma função estratégica, pois o local é hoje um importante en-

ARNAUD JULLIEN PALLÈRE/ COLEÇÃO BRASILIANA DO ITAU CULTURAL

troncamento entre o caminho para as Minas Gerais e a Real Estrada de Santa Cruz, rota para São Paulo.

Pedro encarregou-se ele próprio de conversar com os comerciantes do local, habituados a fornecer abastecimento para viajantes. Encomendou víveres suficientes para toda a comitiva e demonstrou bom humor no trato com os vendedores.

Ali encontraram outros homens que se juntaram à tropa. Grande proprietário de terras na região de Campinas, com mais de 1 500 alqueires de lavouras, o tenente-coronel Joaquim Aranha Barreto de Camargo foi um deles. Alguns dias depois, ganharia a confiança de Pedro, que o nomeou, ainda no caminho, governador militar da praça de Santos. Deputado eleito às cortes de Lisboa, o padre Belchior Pinheiro de Oliveira, vigário de Pitangui, também seguiu junto à comitiva.

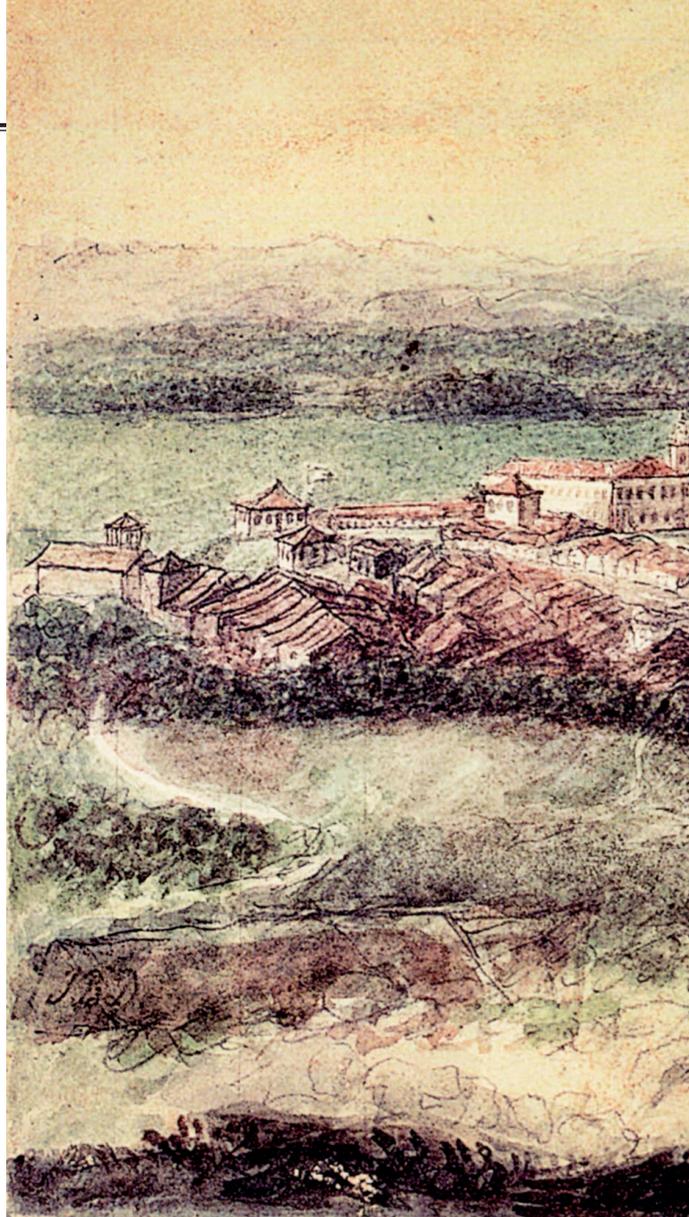
“Nunca se sabe. Sempre me parece importante termos um padre para resolver aqueles problemas que não dependem dos poderes aos quais estou imbuído”, teria comentado, mais por troça do que por fé, o príncipe, segundo um dos integrantes da comitiva relatou.

Em termos de articulação, na verdade o grupo tinha o simbolismo da unidade política pretendida por Pedro. Se Canto e Melo e Barreto de Camargo representavam o poderio paulista, o padre-deputado Pinheiro de Oliveira era um notório político mineiro. Além disso, o religioso é aparentado, vale ressaltar, de José Bonifácio de Andrada e Silva, principal ministro e conselheiro de Pedro (*leia o perfil de Bonifácio na pág. 32*).

NA ESTRADA

Ainda na quarta-feira, o grupo galopou, pela estrada jesuítica, até Santa Cruz. Ali pernoitaram na antiga fazenda dos padres da Companhia de Jesus, cuja sede foi transformada em palácio com a chegada da família real portuguesa ao Rio, catorze anos atrás. Houve, contudo, um pequeno entrevero logístico. Recém-destituído do posto de governador de São Paulo, o general João Carlos Augusto de Oyenhausen-Gravenburg estava naquelas bandas, fazendo a rota inversa — ou seja, deveria se apresentar à corte, tendo seu mandato encerrado.

“Muito me alegra saber que a comitiva do príncipe aqui está. Aproveito e busco uma audiência com ele, privadamente”, disse à reportagem Oyenhausen-Gravenburg. Esse encontro, contudo, não ocorreu. VEJA apurou que, em virtude do momento político delicado que culminou com a demissão do governador e, principalmente, pelo fato de ele ser oposição ao grupo que gravita em torno de Andrada e Silva, um encontro poderia azedar os esforços apaziguadores da própria viagem em si.



De forma polida porém concisa, coube ao major Canto e Melo informar ao general que não haveria agenda com Pedro. E que ele deveria seguir viagem ao Rio, apresentando-se à princesa, incumbida da presidência.

A quinta-feira começou cedo para o grupo. Pelos caminhos da Estrada Real, trotaram de Santa Cruz até a vila de São João Marcos do Príncipe. A parada ali foi na sede da Fazenda Olaria, uma das maiores propriedades da Província do Rio de Janeiro, de propriedade do militar e latifundiário Hilário Gomes Nogueira.

“Infelizmente, nosso pai não se encontra. Está doente, acamado. Passa uns dias em nossa fazenda em Banaanal, a Três Barras. Vamos comunicá-lo, de qualquer forma, da gentil visita do príncipe”, informou um dos filhos, Cassiano Gomes, recepcionando o grupo. Ele e seu irmão, Luís, decidiram tomar parte no grupo, acompanhando a viagem dali em diante.



MUSEU CASTRO MAYA

SANTA CRUZ
Na fazenda
que servira
aos jesuítas:
bom humor

Com eles, foi até mais fácil seguir até a próxima parada, justamente a fazenda onde estava o pai, Hilário. Era caminho já previsto, mas muito mais bem conhecido pelos irmãos que estavam habituados ao trajeto de mais de 65 quilômetros.

Visitar Nogueira era crucial para as articulações pretendidas por Pedro, já que ele, capitão-mor do Bananal, é o descendente das famílias pioneiras que, vindas das Minas Gerais, instalaram-se na região, abrindo fazendas de café no caminho entre o Rio e a capital da província paulista.

Gravemente adoecido, o capitão não se fez presente em nenhuma ocasião junto à comitiva, mas recebeu Pedro, em seu quarto, acamado, para uma conversa privada. A reportagem aproveitou para conhecer a importante propriedade de Três Barras, um dos grandes empreendimentos privados do Reino.

Guiados por um capataz encarregado de mostrar a produção, verificamos um extenso cafezal, de onde

saem, por safra, 500 arrobas do grão. Há ainda produção de milho, arroz e feijão. E uma granja que produz excelentes porcos. VEJA contou ainda que a mão de obra do local é garantida por quase 100 negros, todos gozando de boa saúde e ostentando vigor físico.

O quarto dia da jornada foi o mais animado para Pedro. Em dado momento do trajeto, contudo, a reportagem notou que ele provocava alguns companheiros. Até que disparou adiante, num trote inalcançável.

“Disse que estava com pressa, com fome. Queria chegar logo. E então fez uma aposta que chegaria primeiro”, explicou Canto e Melo. “Nem deu tempo de respondermos. Sumiu.”

Quando a comitiva chegou à sede da Fazenda Pau d’Alho, outra grande produtora de café (400 arrobas por ano), uma certa preocupação pairou: onde estava o príncipe? “Aqui não chegou, ainda. Mas veio um mensageiro, avisando que vocês estavam a caminho.

A mesa está posta na sala”, disse Maria Rosa de Jesus, a proprietária, mulher do sargento-mor João Ferreira de Sousa.

Foi possível ouvir os risos vindo da cozinha. Lá estava, fartando-se com um prato caprichado de guisado de porco, o “mensageiro”. Sim, o próprio Pedro, que se fez passar por um reles ajudante e servido junto aos criados (*leia mais na pág. 48, na reportagem “Sua alteza é bom de mesa”*).

APOIOS DECISIVOS

Reabastecidos, seguiram viagem. O destino era São Miguel das Areias, um pouso habitual de tropeiros. “Gosto como um lugar especial, porque é a única vila criada por decreto de meu pai em São Paulo”, frisou Pedro, pouco antes de montar, na manhã daquele dia. “E sabe por que se chama São Miguel? Homenagem ao meu irmão mais novo.”

Pedro é desses românticos, não só por ser um galanteador inveterado, mas também por não perder a oportunidade de destacar o afeto por seus familiares.

Ali a hospedagem foi na casa do capitão-mor Domingos da Silva Moreira, também importante cafeicultor, com uma produção anual de 300 arrobas. Os bons resultados políticos da empreitada paulista começaram a ser colhidos.

À noite, enquanto já estava instalado em seu quarto no casarão, de onde teve uma vista privilegiada da vila, Pedro recebeu um mensageiro. Era da Câmara de Areias. Trazia um recado dos vereadores, que enalteciam a presença do príncipe, como alguém que vinha “derramar por toda parte a luz, que deve guiar os passos incertos dos que mandam, e os que obedecem”. Eles também enfatizavam ser aquela a primeira vila a ter “o solo paulistano fecundado pelas plantas de um príncipe, que a experiência de mais de um ano tem mostrado ser a única âncora da salvação da monarquia, e o verdadeiro regenerador do Brasil”.

Economicamente, Areias tem um papel que parece ser promissor para este Brasil em construção. Sua localização-chave em meio a uma produção que tem sido essencial para as finanças, o café, a põe como uma vila que logo deve galgar mais e mais importância.

João Ferreira de Sousa e seu filho, Francisco, também se juntaram à comitiva. Na manhã do dia 18, o grupo caiu novamente na estrada. O destino era Cachoeira.

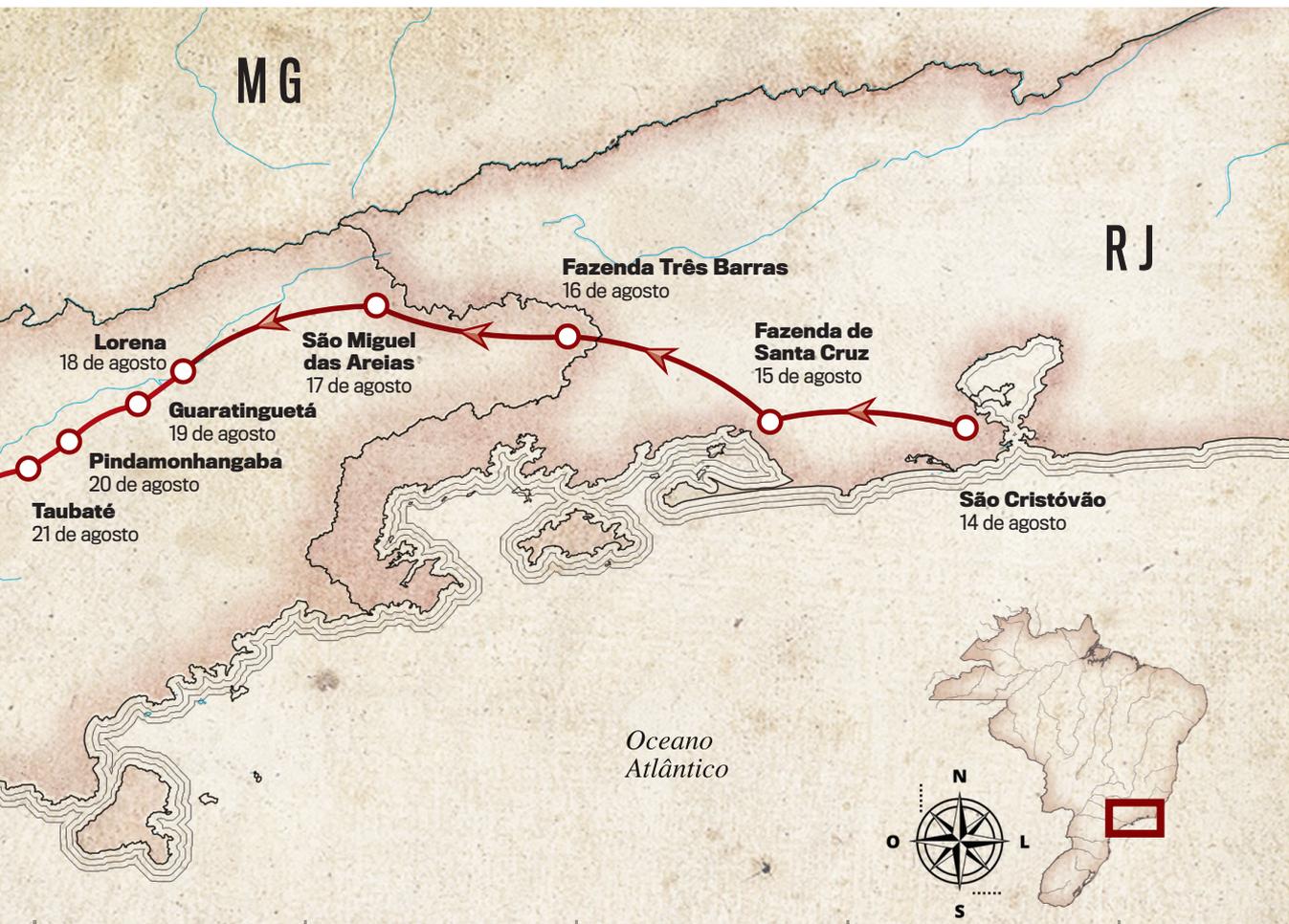
“Trago-lhes um ofício da Câmara de Guaratinguetá”, disse o professor Francisco de Paula Ferreira, parte de uma comitiva que abordou a tropa de Pedro



no meio do caminho. As manifestações públicas de apoio político estavam se tornando mais contundentes. O grupo contava com o capitão-mor de Guaratinguetá, Manoel José de Melo, e o capitão-mor de Lorena, Ventura José de Abreu. “Com seu gesto de vir até a província, Pedro está cativando a empatia das lideranças. E isso vai ser fundamental para seus futuros passos políticos”, analisou um jornalista da região, que também presenciou esse encontro.

O jantar ocorreu no Porto de Santo Antônio da Cachoeira, um entroncamento importante para rotas de tropeiros. A essa altura, os cavalos já estavam sentindo o peso da longa viagem. A troca por animais descansados estava prevista para a próxima parada, o Rancho do Meira.

Foi sobre novos lombos, portanto, que a comitiva chegou à vila de Nossa Senhora da Piedade de Lorena, onde o pernoite ocorreu na casa do capitão-mor Abreu — uma das pessoas mais ricas da província, um grande proprietário de terras.



Em Lorena os apoios ao príncipe se tornaram mais e mais significativos. “Se a viagem foi uma boa ideia, só saberemos em breve. Mas que Pedro está mais seguro e mais autoconfiante, isso é visível”, comentou um dos membros da tropa. No almoço, um emissário trouxe quatro ofícios do governo de São Paulo, todos demonstrando simpatia pelo príncipe.

E a segunda-feira 19 foi de intenso trabalho para Pedro. Não só no lombo da cavalaria, mas também trabalho burocrático. Pedro deu expediente no Paço da Câmara de Lorena, de onde lavrou um decreto e emitiu três portarias.

O decreto confirmava a dissolução do governo provisório da província paulista. As portarias eram em consequência disso: a primeira dispensava a Guarda de Honra do governo, proibindo seus integrantes de usar uniforme sem a licença da regência; as outras duas determinavam às vilas de Itu e de Sorocaba, politicamente importantes, que passassem a dar obediência diretamente a ele.

Pedro aproveitou o escritório e emitiu portarias de agradecimento às câmaras que o haviam saudado até aquele momento.

FÉ CATÓLICA

A parada seguinte foi Santo Antônio de Guaratinguetá. Com a comitiva cada vez maior, já que a cada parada se juntavam novos companheiros, Pedro hospedou-se no casarão do capitão de ordenanças Manuel José de Melo, proprietário do imenso Engenho da Conceição, certamente um dos mais extensos latifúndios paulistas.

Representantes das vilas de Taubaté e de Pindamonhangaba já o aguardavam, com mensagens e ofícios de saudação. A essa altura, já parecida deflagrada uma verdadeira competição política para ver quem melhor acolhia o príncipe em São Paulo. E Pedro, ciente da importância dessas manifestações, não se furtou a despachar, mais uma vez, do paço: era preciso responder a cada uma das missivas, agradecendo pessoalmente.

No dia seguinte, 20, Pedro manifestou sua religiosidade. Não em vão, mas também agindo assim de modo político. Quando saiu de Guaratinguetá para a Vila Real de Nossa Senhora do Bom Sucesso de Pindamonhangaba, informado da história de Nossa Senhora Aparecida e ciente de que estavam muito próximos à capela erguida em honra dela, não titubeou e determinou que eles fariam do local uma parada.

A história é contada como milagrosa. Mais de 100 anos atrás, em 1717, pescadores encontraram uma imagem da santa, de feições tais e quais as da representação da Virgem Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, nas águas do Rio Paraíba do Sul. Primeiro, o corpo. Em seguida, a cabeça.

Mandaram erguer uma igreja para colocar nela a santa. E o local se tornou ponto de peregrinação e de manifestação popular de fé. No caminho, Pedro gravou suas iniciais em uma figueira. Quando chegou à capela, prostrou-se em oração, diante do altar. “Toda a família é muito religiosa”, disse um dos mais próximos integrantes da comitiva.

Depois de seu momento de oração, em tom de confiança, o príncipe disse que precisava muito daquele momento de fé. E que só pedia à Virgem Maria a intercessão, para que fizesse um bom trabalho à frente do Brasil. Não longe dali, na Fazenda Boa Vista, povoado de Nossa Senhora da Piedade de Roseira, a comitiva fez uma breve parada para nova troca de montarias.

UMA GUARDA DE HONRA

O grupo seguiu viagem para a Vila de Pindamonhangaba. Lá chegando, foram recebidos pela elite financeira e política local: membros da Câmara e os coronéis Manuel Marcondes de Oliveira e Melo e Antônio Leite Pereira da Gama Lobo.

O sargento-mor Domingos Marcondes de Andrade juntou-se ao grupo, montado em um belo cavalo, que logo atraiu olhares e a cobiça de Pedro. “Belo animal... O dono deve ter muito apreço por ele”, disse o príncipe, quase pedindo o cavalo para si. “Não, alteza”, respondeu Marcondes de Andrade. “O apreço não é tanto, mas há um motivo poderoso para não lhe oferecer o cavalo.”

Diante da interrogação brotada na face de Pedro, o sargento-mor logo explicou. “Dizem que vossa alteza costuma pôr o nome dos doadores nos animais que lhe são apresentados. E um Marcondes, até hoje, jamais foi cavalgado.” Todos riram. Pedro e seus amigos parecem gostar de piadas de duplo sentido, especialmente as que trazem implícitas conotações sexuais.



BIBLIOTECA DE LISBOA

ACOLHIDA Manoel Rodrigues Jordão: o brigadeiro hospedou o príncipe em seu casarão

Ficou acertado, então, que Pedro aceitaria de bom grado o animal. E se comprometeria a arrumar um outro nome qualquer para batizá-lo.

Coube ao religioso e político Inácio Marcondes de Oliveira Cabral, mosenhor, e a seu irmão, Manuel Marcondes de Oliveira Melo, a oferta do pouso em Pindamonhangaba. O casarão deles, visivelmente, é dos mais imponentes da região.

Antes de se recolher para seu aposento, Pedro recebeu alguns jovens, filhos de famílias endinheiradas da vila. Eles se ofereciam para formar uma guarda de honra, voluntariando-se para acompanhar a comitiva até a entrada em São Paulo.

Se por um lado a fama positiva de Pedro, enquanto um líder simpático, estava correndo pela região, a essa altura também já eram igualmente notórias as histórias a respeito de seu fraco por mulheres. Em conversa com a reportagem, o vigário da Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté — onde a comitiva se hospedou, na casa do cônego Antônio Moreira da Costa, no dia 21 — confirmou que fez um alerta para que “as jovens formosas” não dessem as caras pelas ruas durante a passagem de Pedro. “Não à toa, ele só viu matronas respeitáveis pela feiura”, afirmou, aos risos, um dos integrantes do grupo.

Em Taubaté, o príncipe seguiu recebendo representantes de diversas vilas do Vale do Paraíba e novamente gastou o expediente emitindo portarias de agradecimento do Paço da Câmara. A parada seguiu-

te, na quinta-feira 22, foi em Jacareí. Vereadores da vila e oficiais da milícia da região, sob o comando do capitão-mor Cláudio José Machado, já o aguardavam. A reportagem testemunhou uma amostra de arroubo aventureiro do príncipe. Era preciso usar uma balsa para cruzar o Rio Paraíba e, assim, adentrar o povoado. Quando a comitiva chegou, a embarcação ainda estava do outro lado da margem.

Logo que avistou a multidão à sua espera do outro lado, Pedro olhou para os lados e não hesitou: entrou no rio, com montaria e tudo, atravessando-o com a água pela altura da cintura. Chegou ovacionado, é claro.

Mas sobrou para um jovem de Taubaté, Adriano Gomes Vieira de Almeida, uma tarefa inglória. Incomodado com suas vestes molhadas, o príncipe determinou que efetuaria a troca de roupas com o membro da guarda de honra que tivesse altura e corpo similares aos seus — e, claro, tivesse feito a travessia a seco, pela balsa. “É uma honra servir a alteza”, disse Almeida, um tanto constrangido.

No dia seguinte, sexta-feira, a parada foi em Mogi das Cruzes. Coube ao capitão-mor Francisco de Melo o papel de anfitrião do grupo. Enquanto a comitiva estava ali, uma delegação em nome do governo da Província de São Paulo chegou, pedindo uma audiência com o príncipe.

Firme em seus propósitos, Pedro negou-se a receber o grupo. Alegou que, como o governo estava deposto, não poderia considerar ninguém que viesse como representação oficial deste.

No Paço da Câmara de Mogi, houve nova rotina de despachos. Ali, Pedro substituiu o governador de armas de São Paulo — saiu o marechal José Arouche de Toledo Rendon, que havia solicitado dispensa, e entrou o também marechal Cândido Xavier de Almeida e Sousa.

Peça a peça, Pedro parece estar reorganizando o tabuleiro do xadrez político paulista. O próprio príncipe destacou que Almeida e Sousa é um homem de “amor à causa brasileira”.

No dia seguinte, a comitiva já estava muito perto de São Paulo, no povoado de Nossa Senhora da Penha de França, fundada quase 100 anos atrás. A hospedagem ocorreu na casa do vigário José Rodrigues Coelho.

ENFIM, SÃO PAULO

Ali, Pedro realizou as últimas articulações para que tudo estivesse tinindo para sua chegada a São Paulo. Determinou que o ouvidor e corredor da Comarca de Itu, desembargador Medeiros, o encontrasse em São Paulo. E convocou os vereadores eleitos na Câmara de

São Paulo, que foram alçados ao posto antes das desordens que acabaram causando a destituição do governo, para que o esperassem às portas da cidade.

Especialmente à tardinha, a vista dali é muito agradável aos olhos de quem pretende chegar a São Paulo. É possível ver a cidade, ao longe. E os raios solares dão um tom especialmente bonito às águas do Rio Tamanduateí. Justamente antevendo o que será o último passo a ser vencido pela comitiva.

Para ter certeza de que tudo transcorreria bem, Pedro enviou naquela noite Canto e Melo e Francisco Gomes até a cidade. “Viemos a fim de observarmos o estado em que ela se achava e podermos prestar exatas informações a respeito”, contou o major. “Regressamos à meia-noite, dando notícias da perfeita quietação em que a tínhamos encontrado.”

Pedro assistiu à missa daquele domingo, dia 25, na igreja da Penha, na parte da manhã. Ainda antes do almoço, a comitiva chegaria a São Paulo, uma cidade de menos de 10 000 habitantes, cheia de construções em taipa de pilão ou pau a pique.

O bispo dom Mateus Pereira e os vereadores receberam a comitiva ainda na ladeira do Carmo. Populares e escravos também observavam, curiosos. “Que moço bonito, apesar das roupas sujas”, comentou uma menina, filha de escravos, sem entender muito bem o motivo de tanta movimentação.

Sob um pátio cuidadosamente preparado, Pedro foi conduzido até a Igreja Matriz, onde assistiu a um *Te Deum*. Em seguida, deu beija-mão no Paço da Cidade. Ele parecia feliz, confortável.

A partir do dia seguinte, na segunda-feira 26, ele despacharia do Palácio do Governo, no Pátio do Colégio. Graças às articulações feitas nos últimos dias, o governo da província parece estar novamente entrando nos eixos.

Desde então, tem recebido ele diversas autoridades e lideranças, promovido encontros e despacho de documentos. A reportagem apurou que ele se negou a receber pelo menos duas pessoas envolvidas nos desentendimentos políticos recentes em São Paulo: Francisco Inácio de Souza Queiroz e Miguel José de Souza Pinto.

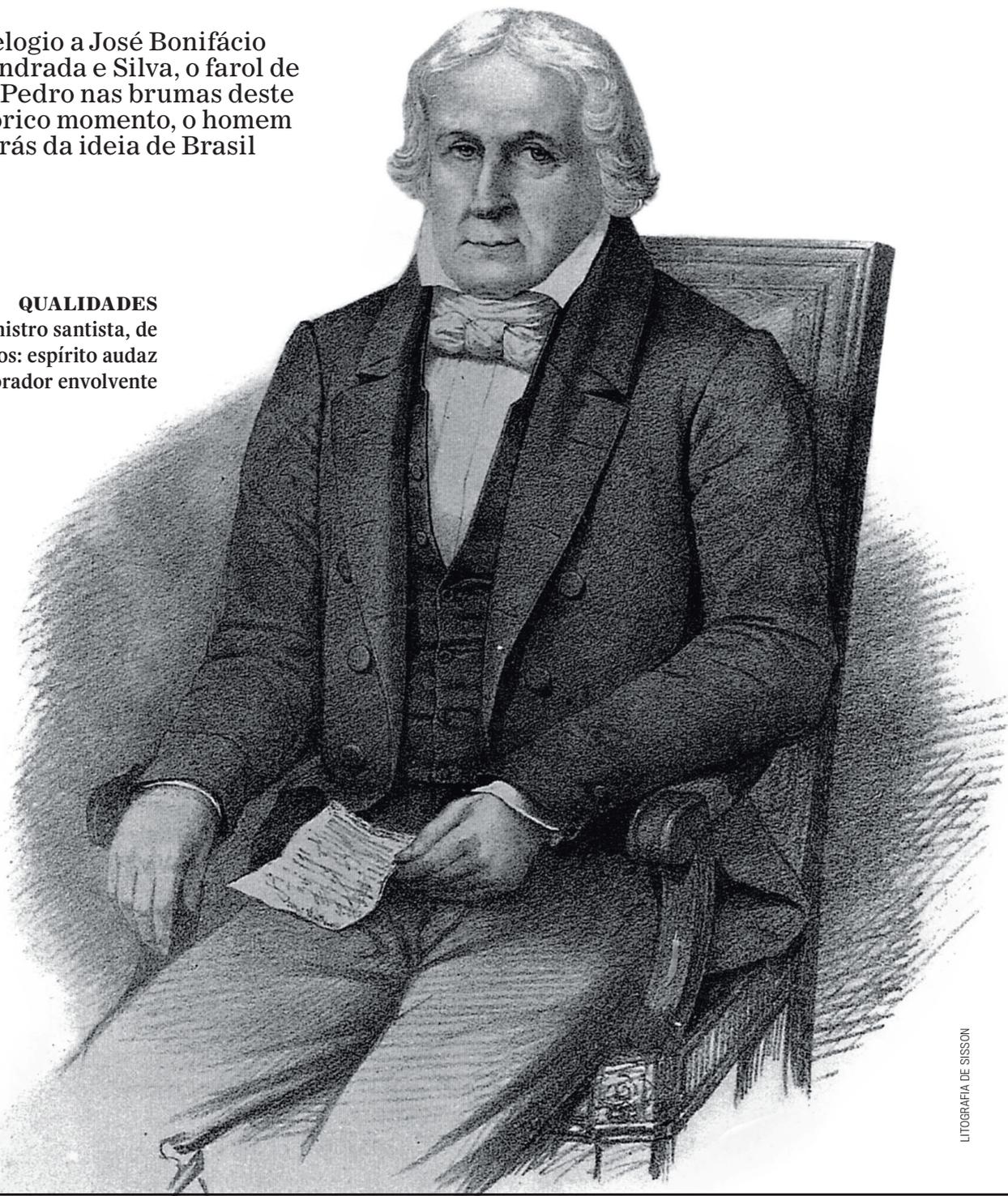
Em São Paulo, Pedro hospedou-se no casarão do brigadeiro Manoel Rodrigues Jordão. No local tem ocorrido uma verdadeira romaria de matronas paulistas ofertando à mesa do príncipe potes e potes de compotas de figo. Se ele se delicia com essas merendas? Aparentemente não. Muitos têm visto um vulto escapular do velho solar, na calada da noite, atrás, ao que parece, de outros tipos de quietude. ■

“TUDO É FILHO DO TEMPO E DAS LUZES”

Um elogio a José Bonifácio de Andrada e Silva, o farol de dom Pedro nas brumas deste histórico momento, o homem por trás da ideia de Brasil

QUALIDADES

O ministro santista, de 59 anos: espírito audaz e orador envolvente



A HISTÓRIA e o aparecimento dos novos museus, a tornar público os principescos tesouros antes vedados à nós, a plebe, ensinam que os grandes eventos de nosso tempo merecem registros para a posteridade. Não se trata de outra matéria o brado ouvido às margens do Ipiranga, Rubicão às avessas na turbulenta província paulista, com que nosso príncipe regente se opôs com firmeza ao jugo opressor das Cortes de Lisboa. Há de merecer tintas dramáticas a representação para a eternidade do instante em que dom Pedro reagiu, “laços fora!”, à intenção ultramarina de nos aferrar ao passado colonial — “algo que o ponha à sela de fabuloso Marengo”, se atreve o crítico de belas artes de VEJA, “tal qual Napoleão em *A Batalha de Austerlitz, 2 de Dezembro de 1805*. A magnífica tela de François Gérard foi festejada mesmo por seus inimigos no Salão de Paris em 1810!”

O que nos leva ao problema que enfrentamos aqui, não sem o temor de que mal nos interpretem (colegas do *Correio do Rio de Janeiro* sofreram com a mão pesada da Lei de Imprensa há duas semanas!): se não nos resta dúvida de que Sua Alteza Real estará de espada em riste, em seu melhor uniforme no alto de um garanhão, o que fazer com José Bonifácio de Andrada e Silva, o seu homem forte, se bem nos entendestes, verdadeiro farol nas brumas deste histórico momento, mas de talentos menos amáveis e atributos, digamos, menos plásticos? Que figura lhe fará justiça agora, à sombra dos gabinetes, sem deixar de projetar a estatura gloriosa que, sim, podemos afirmar, alcançará no futuro da nação que se agiganta?

Tememos que aos retratos do ministro dos Negócios do Reino e Estrangeiros, de 59 anos, escape a perspicácia do orador envolvente que faz dele um dos mais ativos interlocutores de Sua Alteza Real, dona Leopoldina, com quem circula pelo Rio de Janeiro em alemão fluente, apenas um entre os onze idiomas que domina à ponta da língua ou da pena. Nos inquieta que as pinceladas de um artista enfadonho reduzam o seu garbo à boca miúda e testa larga dos Andrada e Silva e seu espírito audaz, à inescapável circunspeção com que se portam os homens de sua estirpe. Sim, um espírito audaz. Testemunhos de pares de nossa confiança, que mui discretamente privaram de sua companhia na revoltosa Paris, em 1790, ao longo de suas viagens de formação, asseguram que seus hábitos eram, sim, os de um jovem aristocrata orgulhoso de sua condição, entregue às meias de seda, punhos de renda e fivelas de prata (e às cortesãs do Palais Royal!) — mas que ele não se furtou a ostentar às ruas uma insígnia com as cores da revolução que pôs abaixo a Bastilha e seguiu a ameaçar a pompa e a circunstância do absolutismo em toda a Europa.

Que não se enganem os leitores! Não estaríamos aqui a discutir a justa medida de um elogio (pouco acadêmico) ao passado vice-presidente da Junta Provisória de São Paulo tivesse ele cumprido, sem fraturas na alma, o destino comum aos bem-aventurados formandos em Coimbra, encaminhados à sinecura no serviço público do Reino, garantidos os privilégios que fizeram a fortuna de seu pai e conferiram prestígio a seus irmãos. Não! Como ele próprio escreveu em *Notas sobre a Organização Política do Brasil*, como a espelhar em si os desafios do projeto que tem agora às mãos, “tudo é filho do tempo e das luzes. Os homens são entes sensíveis, e das circunstâncias, e não entes de razão ou ideias de Platão”. Vulto discreto a circular nas dobras da paisagem que aos poucos vai se constituindo, um retrato à sua altura deve dar a vê-lo como um produto de suas próprias contradições, em metamorfose, e não como o herdeiro acabado de uma tradição ruínosa desde o terremoto de Lisboa e o triunfo das ideias Iluministas mundo afora. Sim, caros leitores, um filho do tempo e das luzes! O que seria da sagacidade do maduro animal político de hoje não fossem os mercuriais impulsos da juventude, só apaziguados à custa da experiência acumulada em sua longa temporada em Portugal, onde se graduou em filosofia e direito em 1787, e nas aventureiras viagens exploratórias aos confins das nações amigas, que lhe granjearam como mineralogista o acesso às mais importantes academias científicas em atividade?



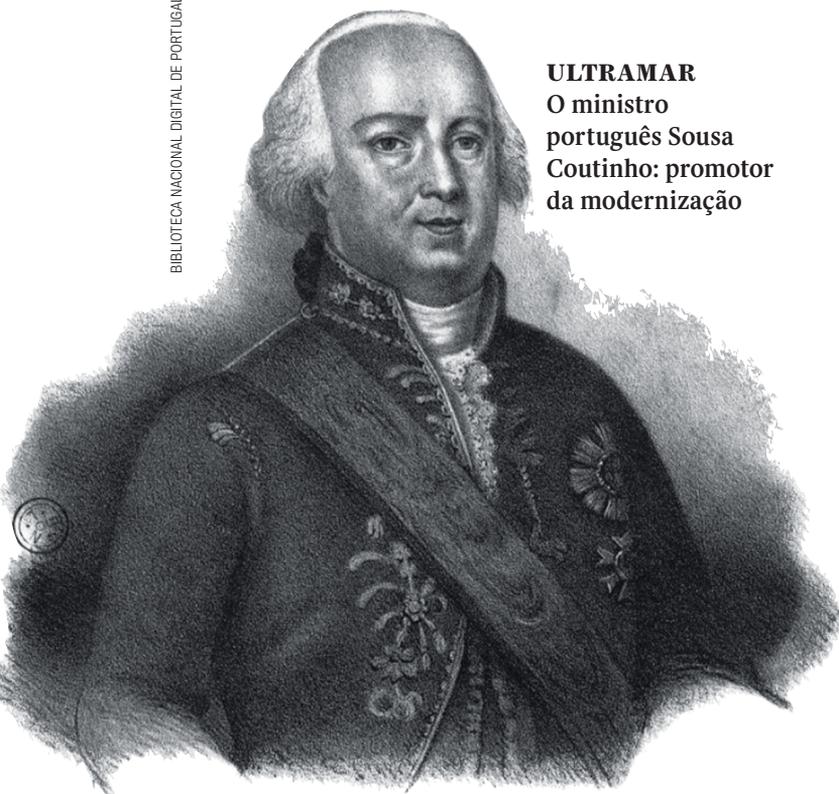
GEORGINA DE ALBUQUERQUE/MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

INTERLOCUTOR José Bonifácio (*à dir., em pé*) no Conselho de Estado, no Rio: com Leopoldina

Senão, vejamos!

Ao aportar no Rio de Janeiro ao fim de 1819, depois de 36 anos sem ouvir as aves que aqui gorjeiam como em nenhum outro lugar, o fiel servidor do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves contava com os vencimentos da aposentadoria de três dos muitos cargos que ocupou, da inaugural cátedra de metalurgia na Universidade de Coimbra à chefatura de polícia e à superintendência da alfândega e da Marinha no Porto, passando pela direção do serviço secreto português ao apagar das luzes da ocupação napoleônica. Chegou em companhia de sua amantíssima senhora, a irlandesa Narcisa Emilia O’Leary, e de duas de suas filhas, a caçula Gabriela Frederica e Narcisa Cândida, fruto de um de seus muitos relacionamentos extraconjugais — Carlota Emilia, a primogênita, permaneceu em Portugal, casada com o herdeiro de seu mestre em Coimbra, o naturalista italiano Alexandre Vandelli. Na bagagem, uma biblioteca de 6 000 livros e uma formidável coleção de minerais, entre os quais as quatro espécies que descobriu e descreveu quando enviado em missão científica aos países escandinavos. Na consciência, um certo enfado associado ao desencanto com a burocracia do Reino, em si própria um obstáculo jamais vencido nas tarefas que assumiu com o objetivo de modernizá-la. Um probo servidor público sem o reconhecimento sequer

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL DE PORTUGAL



ULAMAR
O ministro português Sousa Coutinho: promotor da modernização

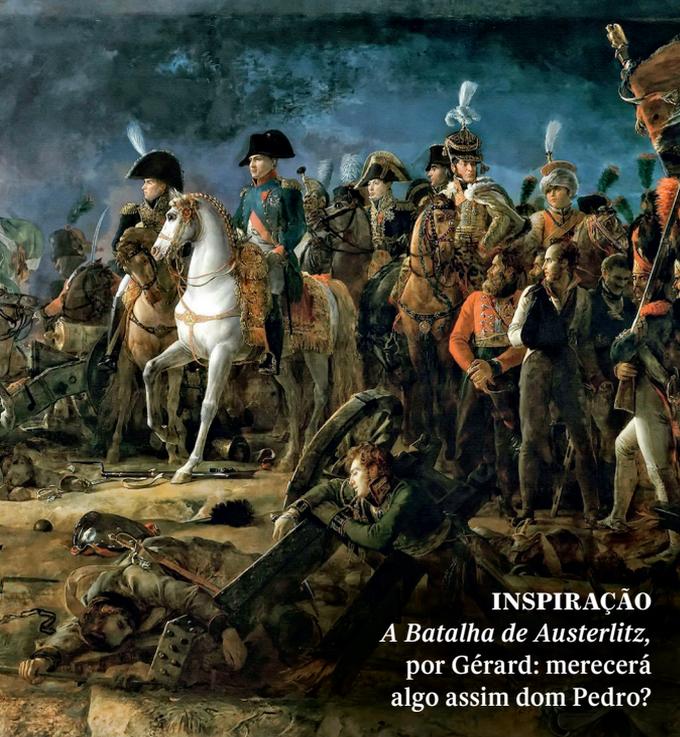


financeiro de seus esforços! O retorno aos trópicos era ansiado como um antídoto contra o temor de “cair em inteira misantropia”, escrevera certa vez ao ministro de Ultramar Rodrigo de Sousa Coutinho, fervoroso promotor da modernização da Coroa e um de seus maiores admiradores no governo. “Estou doente (*reumatismo e hemorroidas, dizem à boca pequena*), aflito e cansado, não posso com tantos dissabores e desleixos. Logo que acabe meu tempo em Coimbra e obtenha minha jubilação, vou me deitar aos pés de Sua Alteza Real para que me deixe acabar o resto de meus cansados dias nos serções do Brasil e cultivar o que é meu.”

Entretanto, hoje sabemos que não foi assim que aconteceu!

Depois de dois atribulados meses na sede do Reino — “não me deixavam em todo o dia desde as 8 da manhã até as 11 da noite um momento livre para descarregar ao menos o intestino reto”, queixou-se em carta ao amigo Joaquim José da Costa Macedo —, embarcou para Santos, página virada em sua história aos 14 anos de idade, enviado a estudar com os padres mais cultos de São Paulo. Seu pai, Bonifácio José de Andrada, a maior fortuna da cidade em seus melhores dias, já estava morto desde 1789, mas sua mãe, Maria Bárbara da Silva, aos 80 anos de idade, o conduziria “a um tropel de sensações e afetos novos para minha alma”, como confessou a Costa Macedo. “As árvores debaixo de cuja sombra outrora descansara da caça, fontes em que na meninice matara a sede, a casa, alguns amigos e parentes do meu tempo (...), tudo me transportava de modo que andei por dias (...) reduzido a ser todo sentidos e coração.”

Mas a nostalgia que o tomou de assalto ao colo materno não empanaria por muito tempo a razão amadu-



INSPIRAÇÃO
A Batalha de Austerlitz,
por Gérard: merecerá
algo assim dom Pedro?

FRANÇOIS GÉRARD

recida nos anos a fio de confronto entre as ideias constituídas em Coimbra, à luz do reformismo ilustrado do Marquês de Pombal (“que teria a cabeça cortada obrasse ele em Paris”, alfineta o comentador de política de VEJA), e a consciência de seu tempo, conformada pelo oportunismo liberal. Tal qual o lugar que deixou colônia para reencontrar sede do Reino, também ele estava muito mudado — tinha um destino a cumprir! E dois recados importantes foram dados a quem estivesse atento. No sítio em que se meteu em Santos e na fazenda em Parnaíba onde pôs uma centena de reses a pastar, se cercou apenas de “gente livre e alugada”, como a dizer — os escravizados não apenas aviltam a dignidade humana, mas comprometem o desenvolvimento das nações, sobretudo as com que sonhava. E em relação à rumorosa prisão de seu irmão Antonio Carlos, ouvidor em Olinda, envolvido na rebelião republicana de Pernambuco, em 1817, o seu silêncio era um discurso completo — apesar do flerte juvenil com a maçonaria, pétrea era sua fidelidade à ideia de uma monarquia sóbria, mas intervencionista; centrali-

EM FAMÍLIA

O irmão Antonio Carlos: envolvido na rebelião de Pernambuco, em 1817



SEBASTIEN AUGUSTE SISSON

zadora, mas aberta aos avanços do saber. “Firmam também as letras, senhores, os tronos dos reis justos e bons, fazendo amável e necessária a obediência”, escreveria ele em seu “Elogio acadêmico da senhora dona Maria I”, discurso na Academia de Ciências de Lisboa, em 1817, em ajuste de contas com a vida em Portugal. “Estou capacitado de que os grandes projetos devem ser concebidos e executados por um só homem, e examinados por muitos; de outro modo desvairam as opiniões, nascem as disputas e rivalidades; e vem a faltar aquele centro comum de força e unidade, que tão necessário é em tudo (...)”

Não é outro o homem que se pôs ao lado do príncipe regente neste momento enfarruscado pelos ventos que sopram das Cortes de Lisboa (*para que se inteirem do pandemônio, recuem à pág. 18*). Na esteira das instruções para organizar um governo local via eleições, o aclamado vice-presidente das plagas paulistas deu prova de suas convicções nas seminais “Lembranças e Apontamentos do Governo Provisório da Província de São Paulo”, com o que estabeleceu as bases para forjar tal necessário “centro comum de força e unidade” — em torno de dom Pedro, no Brasil. Ainda que provoque desconforto com a defesa que faz da regulamentação da escravidão e da civilização dos índios, da necessidade de mudanças nas leis de propriedade agrária e na matriz exportadora da economia, da transferência da capital do Reino para o interior, entre outras medidas desconcertantes para a elite brasileira, Bonifácio tem sido a bússola mais firme neste nevoeiro em que o príncipe regente decidiu ficar — não se sabe se para sair dele aos pés de uma colônia acovardada ou à frente de um gigante pela própria natureza.

Que não se frustrem os leitores com a modéstia da litografia do onipresente ministro dos Negócios do Reino e Estrangeiros, já célebre mesmo nos sertões mais distantes desta pátria em formação. Não há medo nem respeito em excesso! O que não há é recursos a pôr em tintas personagem tão complexo. Que cobrem às Missões Artísticas no Rio de Janeiro e aos museus do futuro um retrato como os que honram os grandes homens e acontecimentos do passado — à altura de José Bonifácio de Andrada e Silva, o patriarca, nos arriscamos a dizer, da ideia de Brasil. ■

A TERRÍVEL CHAGA DA ESCRavidÃO

Além de imoral, o trabalho servil desperdiça riqueza, embota a engenhosidade dos homens livres e torna a elite brasileira perigosamente preguiçosa

Aboa-nova da independência encontra o Brasil em um momento difícil de suas finanças. Os cofres do país, é sabido, estão vazios desde o ano passado, quando dom João voltou a Portugal levando todo o ouro e diamantes depositados no Banco do Brasil. Depauperado de reservas, o governo de dom Pedro tem sido obrigado pelas circunstâncias políticas a gastar o dobro do que coleta em impostos. Está espetacularmente inadimplente, portanto. O príncipe tem sido aconselhado a resolver a situação com um grande empréstimo de bancos ingleses, e está inclinado a mover-se nessa direção. Isso significa que o Brasil começará sua vida de nação independente gastando duas vezes mais do que arrecada e cobrindo o buraco com dinheiro caríssimo, tomado a juros. Não é bom presságio.

Por grave que seja, entretanto, o problema financeiro não é o pior que aflige o Brasil. Nossa doença mais profunda pode ser resumida numa cena corriqueira: os homens e mulheres que desfilam em liteiras nas ruas enlameadas do Rio de Janeiro, carregados por escravos de origem africana. Perfeitamente natural entre nós, esse fato salta aos olhos do mundo como aberração. Os estrangeiros que visitam nossa capital

perguntam se a elite brasileira é incapaz de caminhar ou de calçar suas ruas. Os homens e mulheres escravizados trabalham como agricultores, pescadores, barbeiros, comerciantes e artesãos. Realizam todo o trabalho doméstico. Na verdade, não há o que os negros não façam, uma vez que os brancos não fazem nada. O trabalho, afinal, é uma forma de desonra para os 40% da população brasileira de origem europeia. Enquanto o Velho Continente arregaa as mangas e implementa a revolução do vapor, transformando oficinas em fábricas e artesãos em trabalhadores assalariados, o Brasil se petrifica em formas de viver que não criam riqueza nem admitem prosperidade. Mais de mil anos depois da queda de Roma, ainda somos uma sociedade de proprietários indolentes, mantida em berço esplêndido pelo suor dos cativos.

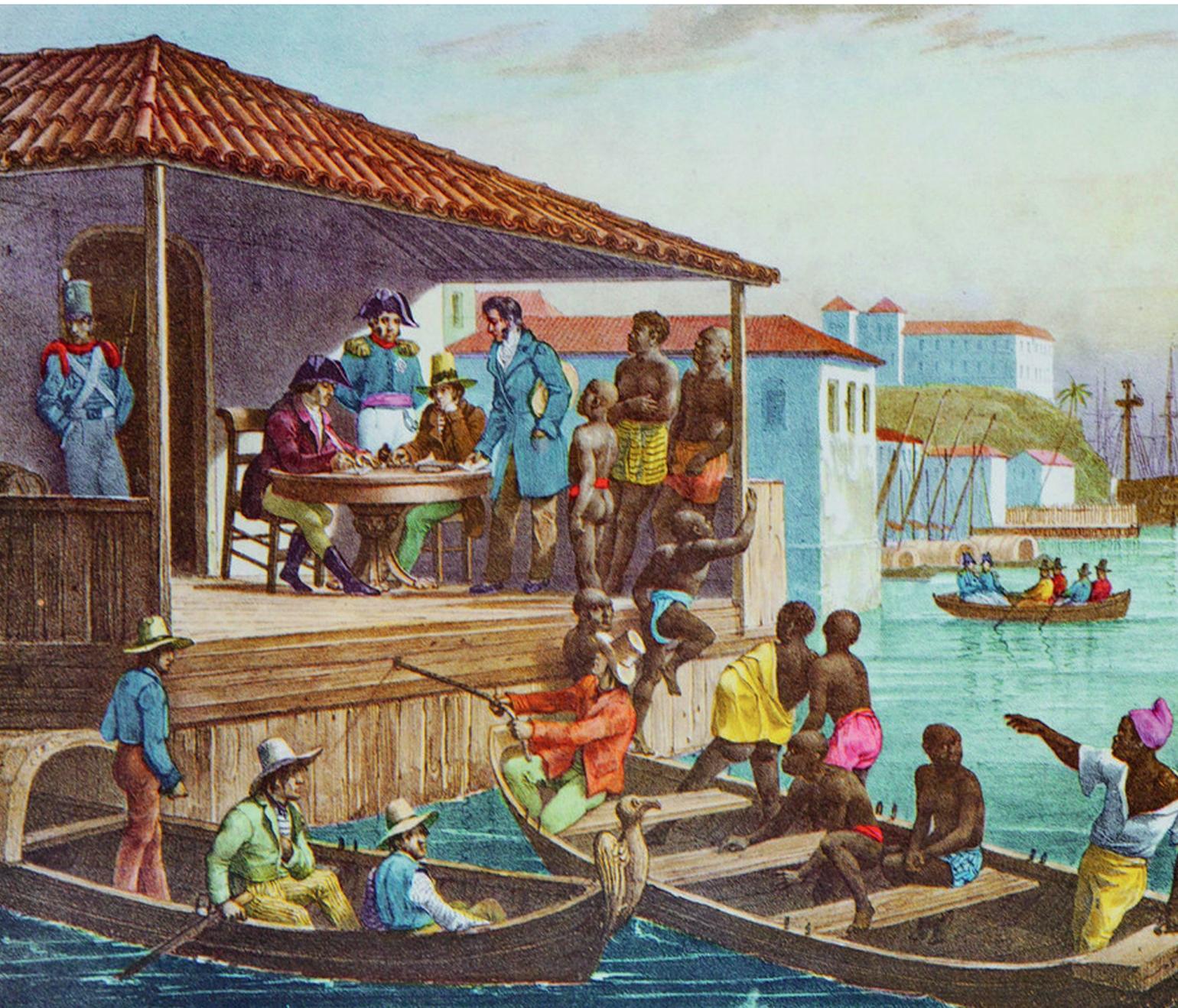
Os historiadores do futuro perceberão que, neste momento crucial da independência, decide-se também a feição que tomará a vida no Brasil. Há, de um lado, como quer o ministro José Bonifácio de Andrada, a opção de encerrar de uma vez por todas a escravidão, transformando em cidadãos instruídos e pequenos proprietários as centenas de milhares de brasileiros cujas origens remontam à África. Não é um caminho fácil ou livre de acidentes, mas por meio dele se fará uma nação normal. A outra opção é persistir no tráfico de seres humanos e na transformação de



ABERRAÇÃO Os negros a serviço dos brancos: nossa doença mais vergonhosa em cena corriqueira

homens e mulheres sequestrados em mercadoria no Cais do Valongo. Essa decisão manterá o Brasil na condição de pária internacional e lançará as bases de uma sociedade atrasada, violenta e intrinsecamente corrupta. Como pode prosperar um país em que mais da metade da população não tem renda, propriedade nem estímulo a trabalhar além da chibata? Qual o futuro de uma nação em que o principal patrimônio das

famílias não se mede em terras, títulos ou moeda sonante, mas em número de “peças” humanas? Talvez os escravocratas brasileiros entendem melhor a origem da riqueza das nações do que o filósofo escocês Adam Smith, que escreveu: “A experiência de todas as épocas e nações demonstra que o trabalho feito pelos escravos, embora pareça custar apenas sua manutenção, é no final o mais caro de todos”.



Sempre moralmente inaceitável, a escravidão não faz mais sentido econômico no século XIX, a começar pelo tráfico. Calcula-se que a lucratividade média na captura, transporte e venda de seres humanos esteja hoje em torno de 19,2%, enquanto uma fazenda de café — a nova estrela em ascensão da agricultura mundial — oferece rendimento anual de 15%. Por 4 pontos percentuais de lucro adicional valeria a pena participar de um comércio desumano e incerto, sujeito à persegui-

ção da frota britânica? No Rio de Janeiro se dá como certo que a Inglaterra exigirá o fim do tráfico negroiro como condição ao reconhecimento do Brasil como nação independente. Ainda que as novas autoridades firmem esse compromisso da boca para fora, apenas para aplacar os britânicos — “é para inglês ver”, já diz o povo, em sua galhofeira sabedoria —, a existência de uma lei brasileira contra o comércio de escravos transformará o uso dessa força de trabalho em ato ilegal, sujei-



JOHANN MORITZ RUGENDAS, 1835; COLEÇÃO BRASILEIANA DO ITAÚ CULTURAL

MERCADORIA O Cais do Valongo, no Rio de Janeiro: desembarque de navios da África

to a sanções e indenizações. Os filhos e netos dos escravos exigirão dos filhos e netos de seus senhores as reparações que o nosso tempo for incapaz de conceder.

Os defensores da escravidão, que ainda são muitos e poderosos entre nós, repetem que o fim do cativo tornaria o Brasil inviável, por falta de mão de obra. Mas esses mesmos senhores — em geral proprietários

de terras — apoiam os projetos oficiais de importação de trabalhadores da Europa. Os primeiros imigrantes já começam a chegar da Suíça para Nova Friburgo, na província do Rio de Janeiro. É provável que esse número cresça com o passar dos anos, modificando a paisagem humana do Brasil. Por que não oferecer aos africanos e seus descendentes as mesmas condições de propriedade e trabalho que são oferecidas aos europeus e suas famílias? Sob qualquer critério de justiça, eles fizeram por merecer. Adicionalmente, os engenhos de cana do Nordeste e as plantações de café de São Paulo talvez andassem melhor em mãos de gente remunerada, sejam elas brancas ou pretas, desde que tenham incentivo para dar o melhor de si.

O ministro Bonifácio, entre outros brasileiros ilustres, tem repetido que a escravidão atrapalha o aperfeiçoamento das técnicas agrícolas, que ela desperdiça os recursos naturais e incentiva o desinteresse e a preguiça dos trabalhadores, quando não a franca hostilidade aos senhores. Há de haver uma razão para que a engenhosidade industrial floresça na Europa e nos estados da América do Norte onde não há escravidão, mas não se manifeste entre nós. Onde há escravos que fazem tudo de graça, qual o incentivo para inventar a máquina a vapor?

Além de questões morais e econômicas, a escravidão projeta sobre o Brasil uma ameaça de outra ordem: a permanente insegurança da minoria que tem tudo e vive cercada pela maioria que não tem nada. O sangrento levante dos escravos do Haiti de 1791 deixou claro que não existe estabilidade social com cativo. É de se perguntar como dormem os grandes senhores baianos depois da chamada Revolta dos Alfaiates, de 1798. Ela exigia, além da liberdade a negros e mulatos, o enforcamento da população branca de Salvador. O medo dos escravos foi um fator decisivo para que os poderosos da terra abraçassem o projeto de independência com dom Pedro. Eles acreditam que o príncipe conseguirá evitar a anarquia do Haiti sem pôr em risco a escravidão e o tráfico humano, que consideram essenciais aos seus interesses. Seria tristemente irônico se dom Pedro entrasse para a história como fiador de uma instituição que ele pessoalmente abomina. “Ninguém ignora que o cancro que rói o Brasil é a escravatura. É mister extingui-la”, é o que tem dito o príncipe à boca pequena. Se ele e Bonifácio tiverem de sacrificar os princípios abolicionistas em troca de apoio político para a independência, o Brasil entrará no futuro com dois pés enterrados no passado — e sob o risco de tornar-se, para nossa eterna vergonha, uma das últimas nações do mundo a abolir a escravidão. ■

LIBERTADORES DA AMÉRICA

A diplomacia e o poderio militar são decisivos, é claro, mas o verdadeiro motor do sonho da independência é o livre-comércio — daí a necessidade de seguir o dinheiro para entender quem ganha com essas movimentações

A julgar pelo que se tem visto entre os vizinhos do Brasil, a liberdade não será conquistada de forma pacífica e tranquila — convém, portanto, botar as barbas de molho e manter atenção máxima. O reino de Castela não apenas recusou as proclamações de independência de suas colônias nas Américas como vem usando suas tropas para tentar reverter o processo. Foi assim, por exemplo, na Venezuela e no Vice-Reino da Nova Espanha, que se declararam independentes em 1810, mas tiveram de lutar até o ano passado para conseguir, de fato, a rendição definitiva dos espanhóis — a Venezuela depois da Batalha de Carabobo, em junho; a Nova Espanha com a assinatura do Plano de Iguala, apenas no início deste setembro histórico.

Há quem diga que o sangue dos corpos caídos são as veias abertas a tingir de vermelho os campos do continente. Se o Vice-Reino de Nova Granada atualmente é conhecido como Grã-Colômbia e se Guayaquil já se considera uma Província Livre desde outubro de 1820, só agora Quito parece ter se livrado dos grilhões europeus, quase treze anos depois de declarar-se independente — o movimento iniciado em agosto de 1809 foi rapidamente reprimido pelos Exércitos reais. Depois da terrível Batalha de Pichincha, concluída no último dia 24 de maio, as forças leais à Espanha não têm mais como reagir. Sob o comando do general Antonio José de Sucre, os separatistas vinham gestando o confronto desde o início do ano.

Sucre reuniu veteranos de outras escaramuças e soldados recém-alistados em seu Batalhão Yaguchi.



THE PRINT COLLECTOR/GETTY IMAGES

PARCERIA Imagem rara do encontro de Bolívar e San Martín em Guayaquil, em 26 de julho: o sonho de unificação

Boa parte do sucesso da empreitada deveu-se à chegada de tropas enviadas por Simón Bolívar, natural de Caracas, além de voluntários britânicos, franceses e irlandeses. No total, quase 3 000 homens chegaram ao sopé do vulcão Pichincha. Melchor Aymerich, que exercia o domínio colonial em Quito, tentou impedir que a montanha fosse ocupada. A região, com matas muito densas, exigiu enormes esforços de batalha. Quando parecia que o destacamento real ganharia uma vantagem definitiva, ao ocupar partes mais altas

do vulcão, um grupo de soldados britânicos (o Batalhão Albión) obrigou os realistas a se refugiarem no forte de El Panecillo. Aymerich aceitou rapidamente a rendição proposta por um representante de Sucre e assinou a capitulação no dia 25 de maio — ainda assim, a Batalha de Pichincha deixou cerca de 200 mortos entre os independentistas e 400 entre os leais ao rei, além de 330 feridos.

A vitória é uma conquista decisiva para os auto-proclamados “Libertadores da América”. O grupo, que luta pela emancipação do continente, inclui personagens como o chileno Bernardo O’Higgins, que conquistou a independência da Capitania Geral do Chile em 1818, com a ajuda do almirante escocês Thomas Cochrane (*leia na pág. 18*); o venezuelano José Antonio Anzoátegui; além, insista-se, de Sucre e Bolívar. Esse último, aliás, manteve recentemente uma reunião secreta com José San Martín (outro que sonha em pôr seu nome nas enciclopédias). Em 26 de julho, Bolívar e San Martín estiveram em Guayaquil num encontro destinado a selar uma ideia: unificar as colônias em uma só nação.

Do ponto de vista político, a maior inspiração dos libertadores é o chamado Iluminismo, movimento de mãos dadas com a Revolução Francesa, de 1789. Do lado de cá do Oceano Atlântico, seus ideais de liberdade e igualdade, contra a tirania, se traduzem, por exemplo, na luta contra as péssimas condições de trabalho de índios, escravos e mestiços. Para chegar lá, será preciso combater os muitos focos de resistência em favor do rei. Mas a tentativa de unificar esforços contra a Coroa espanhola expõe o que talvez seja o lado mais relevante do atual movimento separatista. Em Buenos Aires, onde San Martín (ex-militar espanhol que se insurgiu contra a matriz em 1812 e participou também do movimento independentista chileno) luta cotidianamente, a Primeira Junta foi nomeada em 25 de maio de 1810. A independência foi proclamada em julho de 1816, mas analistas garantem que a rendição da Espanha deve demorar ainda anos, senão décadas. Ao mesmo tempo, inúmeras mudanças já foram postas em prática — com a abertura dos portos e a liberação do comércio com os estrangeiros.

Ou seja, tão ou mais relevante do que vencer as batalhas diplomáticas e militares é atentar-se aos aspectos econômicos do momento que estamos vivendo. Em outras palavras, seguir o dinheiro. E, nesse ponto, é consenso que França e, sobretudo, Inglaterra, ocuparam o espaço que, por mais de três séculos, foi de Espanha e Portugal. Desde a ascensão de Napoleão só faz

crescer a demanda dos europeus pela expansão de seus mercados consumidores. Foi justamente para evitar o chamado Bloqueio Continental que o imperador francês invadiu a Espanha, desestabilizando fortemente a autoridade do governo sobre as colônias. O fim do monopólio comercial na região também foi amplamente celebrado por ingleses e estadunidenses.

Há um bom tempo o Reino da Grã-Bretanha e Irlanda vem fazendo valer seus interesses na América com base na diplomacia econômica. O que ocorreu em Buenos Aires é elucidativo. Três dias depois da constituição da junta revolucionária, em maio de 1810, começaram a ser levantadas proibições de comércio com estrangeiros. Uma semana mais tarde, os impostos sobre as vendas de couro e sebo para o exterior caíram de 50% para 7,5%. E após mais um mês já se podia exportar ouro e prata em moedas — e, claro, elas passaram a circular em Londres sem inconvenientes. A partir de 1813, os comerciantes estrangeiros ficaram desobrigados de vender suas mercadorias por meio de negociantes nativos. Na prática, entrou em vigor o chamado livre-comércio, o que vem prejudicando fortemente a produção dos tecelões locais.

A situação do Brasil é semelhante. Até as pedras do calçamento do Rio de Janeiro sabem que a chegada da família real, em 1808, e a decisão de abrir os portos aos navios estrangeiros foram iniciativas 100% alinhadas com a Coroa britânica — isso para não dizer que os lusos eram apenas um brinquedo nas mãos de George III. Desde a chegada dos primeiros espanhóis e portugueses à América o que sempre se viu foi a expropriação dos recursos naturais (ouro e prata, onde quer que eles pudessem ser encontrados, cobre, pedras preciosas, madeira) e também do produto da agricultura (açúcar e café em primeiro lugar).

Mais recentemente, graças à expansão industrial inglesa, os tecidos produzidos nos arredores de Londres têm sido usados como moeda de troca — sempre com o objetivo de continuar levando para o Velho Continente as riquezas do Novo. É amplamente sabido que os ingleses já controlam, há mais de uma década, boa parte do comércio legal entre a Espanha e suas colônias (e ex-colônias), sem falar no famigerado contrabando, que caminha de mãos dadas com o tráfico de escravos. O que nos leva à grande questão que se instala para o futuro: seria a independência do Brasil e de seus vizinhos um caminho para mais liberdade e autodeterminação? Ou corremos o risco de trocar de “senhor”, presos aos interesses econômicos de ingleses, franceses ou quem mais tiver o poder e o dinheiro? Só o tempo dirá. ■



JOSÉ ROSAEL/HELIO NOBRE/MUSEU PAULISTA DA USP

FOGO FOGUINHO

Ninguém esconde o fuzuê provocado com a facada desferida pelo alferes Felício Coelho de Mendonça, oficial do Corpo de Dragões de Vila Rica, em Minas Gerais, contra sua mulher, **Domitila de Castro Canto e Melo** — por ciúme, talvez, ou por algum interesse pecuniário. A moça se recuperou da tragédia pessoal, briga pela guarda dos filhos, e decidiu tocar a vida nova nos arredores de São Paulo. Ela é irmã do major Francisco de Castro Canto e Melo, que acompanhou o príncipe regente a São Paulo. Dom Pedro, que adora uma saia, ficou todo fogo foguinho ao encontrar Domitila, de 24 anos, pela primeira vez — há quem os tenha visto juntos, juntinhos no fim de agosto, dias antes de a trupe libertadora chegar às margens do riacho do Ipiranga. Cometeram pecado? É o que dizem. Pode dar confusão, mas o Brasil agora só quer saber da independência. Titília, como alguém ouviu o príncipe se referir à nova amiga, é personagem destinada à sombra.

HEROÍNA BAIANA

Uma marisqueira da Ilha de Itaparica, na Bahia, tem dado o que falar. Alta, corpulenta, descendente de negros escravizados vindos do Sudão, **Maria Filipa de Oliveira** criou um insólito recurso para atacar as forças portuguesas. Ela tem convencido as mulheres mais bonitas a passear pela praia e, desse modo, atrair os soldados, que são atacados e surrados. A contabilidade: mais de quarenta embarcações lusitanas queimadas.



JOHANN MORITZ RUGENDAS

OS MÉTODOS DO PADRE



FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

Aos 16 anos, em 1783, ele compôs sua primeira peça musical, *Tota Pulchra Es Maria*. Renomado professor, no ano passado ele apresentou um *Laudamus* que lembra as óperas de Rossini, sucesso no Rio de Janeiro. Tem mais: acabou de escrever *O Compêndio de Música e Método para Piano-forte*. Mas o que tem feito do padre **José**

Maurício Nunes Garcia um personagem inescapável em temporada tão quente, ao ritmo da independência, é sua proximidade com dom Pedro, a quem ajuda, como exímio mestre, nas (boas) composições do príncipe regente. Não era para menos: José Maurício, um protegido de dom João VI, é o fundador de um procurado curso de música na Rua das Marrecas, no Rio.

O REI NÃO ESTÁ NU

A primeira visita de um rei do Reino Unido e Hanover à Escócia em dois séculos, em agosto passado, tem dado pano para manga. **Jorge IV** nunca escondeu seu gosto por banquetes pantagruélicos e o álcool em quantidades abissais. Sabe-se ter mais de 100 quilos. Mas o que chamou mesmo a atenção, em Edimburgo, foram as vestes do monarca, em homenagem aos anfitriões, com as re-



SOLDADO MEDEIROS

“Mulheres fiam, tecem e bordam, não vão à guerra”, disse o pai de **Maria Quitéria de Jesus**, uma baiana de Feira de Santana, ao ouvir dele o pedido de autorização para lutar contra as forças portuguesas. Ela deu de ombros e seguiu com seus planos. Quitéria se apresentou como voluntária agora em setembro nas batalhas pela libertação de Portugal que brotaram no Recôncavo Baiano. É destemida e criativa. Vestida de homem dos pés à cabeça, inventou um pseudônimo — “soldado Medeiros” — e foi à luta. Danada a mulher já balzaquiana, de 30 anos. Um dia, quem sabe, dada sua histórica valentia, pode até virar nome de rua. Merece.

D. FAIUTTI

A MEGERA DO RAMALHÃO

Confinada no Palácio do Ramalhão, nas cercanias de Lisboa, **Carlota Joaquina de Bourbon**, ex-rainha consorte do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, mulher de dom João VI e mãe de dom Pedro, parece mesmo estar disposta a cair no ostracismo definitivo. Pudera: ao retornar para a Europa, no ano passado, ela disse que ficaria cega por ter vivido “treze anos no escuro, só vendo negros e mulatos”. Não queria pisar as ruas de Lisboa levando na sola do calçado terra do Brasil. A revolta tem na verdade um fundo de mágoa: suas pretensões de se tornar regente das antigas colônias espanholas na América foram frustradas pelo marido. Depois disso, foi só humilhação e arrivismo.



ANTON RAPHAEL MENGS



ANNE SK BROWN MILITARY COLLECTION
BROWN UNIVERSITY

chonchudas pernas à mostra. Ele ostentava um saite quadriculado com pregas nas costas a que chamam de kill — tartã, em bom português. Foi um alvoroço. O tartã é símbolo de ostentação da aristocracia e de uma classe média emergente, mas tem sido muito malvisto nas Terras Altas por ter relação com o fracassado Levante Jacobita, em 1745, liderado por Carlos Eduardo Stuart, fervoroso adepto do estilo. Jorge IV pode ter inventado moda.

ECOS DA TERRA MÁGICA

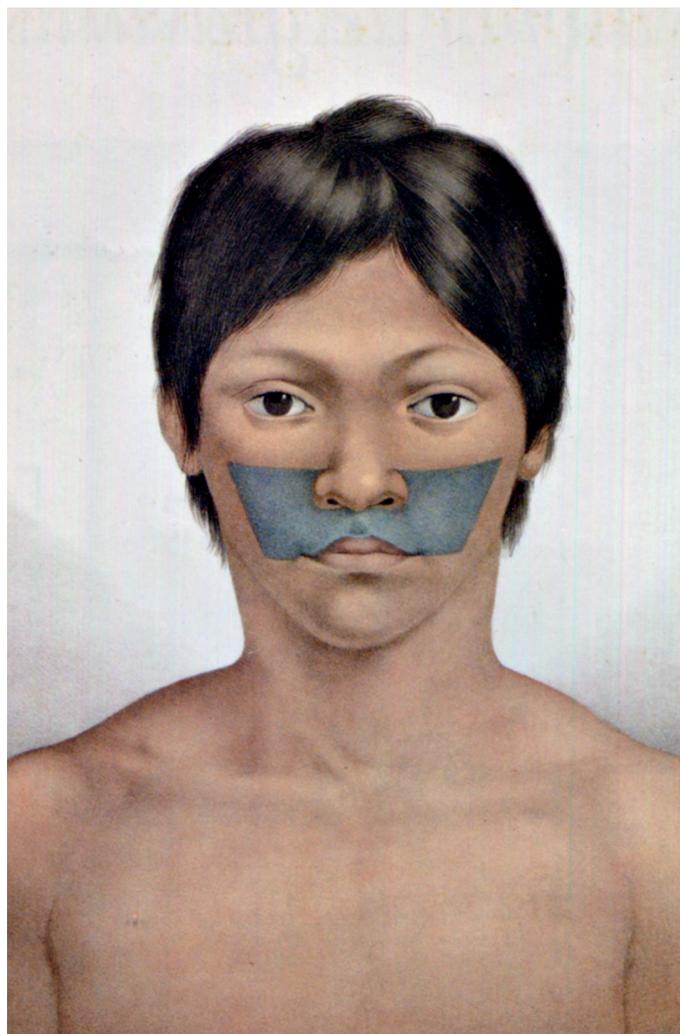
A incrível aventura dos naturalistas bávaros Spix e Martius, que passaram três anos na floresta brasileira coletando amostras de plantas e animais. De volta à Europa, eles agora prepararam um livro para revelar ao mundo o que viram

As notícias que chegam da Alemanha revelam que o Brasil, mais do que nunca, está no centro das atenções dos europeus. Além das preocupações a respeito do preço do café exportado pelo país, um evento trágico comoveu a comunidade científica do Velho Continente. De acordo com reportagem publicada no *Münchener Politische Zeitung*, um dos principais periódicos de Munique, no último 20 de maio a indígena Isabela, da tribo amazônica dos miranhas, morreu naquela cidade alemã por “inflação crônica geral das entranhas do abdome”. Isabela, assim batizada pelos naturalistas alemães Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius, nasceu e cresceu no Brasil e foi levada por eles, quando tinha entre 12 e 14 anos, para viver na Europa. O triste destino de Miranha, nome pelo qual ficou conhecida, põe fim à tentativa — questionável sob diversos aspectos, ressalte-se — de incorporar os hábitos e costumes europeus a indivíduos que cresceram no coração da floresta brasileira, chamados pelos expedicionários de “selvagens”. Mi-



ranha não foi a única a perecer em solo europeu. Pouco antes, em junho de 1820, seu companheiro de viagem, Johannes Juri, do grupo comá-tapuí, perdeu a vida por complicações decorrentes de uma pneumonia. Juri também tinha entre 12 e 14 anos.

Spix e Martius mantêm longo e proveitoso relacionamento com o Brasil. Durante três anos, entre 1817 e 1820, os dois naturalistas percorreram estimados 14 000 quilômetros do território brasileiro, no lombo de mulas, em canoas ou mesmo a pé. Eles passaram pelas capitânicas do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Piauí, Maranhão e Grão-Pará sempre com o espírito aberto para observar tudo o que viam pela frente. Na jornada, estudaram e recolheram amostras da fauna e flora do país. Para não deixar passar nada, escreveram meticulosas cartas, com riqueza impressionante de detalhes, que eram enviadas regularmente ao rei Maximiliano I José da Baviera.



COLEÇÃO BRASILIANA DO ITAÚ CULTURAL

TRISTE FIM Miranha (à *esq.*) e Juri: levados para o Velho Continente, eles não resistiram ao inverno rigoroso e às doenças que desconheciam

Mais do que isso: como exímio desenhista e aquarelista, Martius reproduziu a exuberância da floresta virgem brasileira e dos animais que a habitam. Algumas dessas obras rivalizam, em intensidade e beleza, com aquelas produzidas por pintores como o francês Jean-Baptiste Debret, que também se debruçou sobre as riquezas nacionais. Sorte das gerações vindouras, que poderão deliciar-se no futuro com o legado deixado por artistas como esses.

Martius é um homem de múltiplas habilidades, botânico, antropólogo e pintor, desde cedo se encantou com o que lia e ouvia sobre o Brasil. Conhecer as entranhas daquele terra distante, apontada por seus pares cientistas como o paraíso na Terra para botânicos, sempre foi um objetivo a ser perseguido. Em

1814, aproximou-se do futuro parceiro de expedições, o naturalista Johann Spix, que também nutria especial interesse pela vida brasileira e que já era reconhecido como um gênio no campo da zoologia. Três anos depois, embarcaram para o Brasil para iniciar aquela que seria a maior aventura de suas vidas.

Os dois naturalistas chegaram ao Rio de Janeiro em 1817, como parte da expedição científica austro-bávara organizada por ocasião do casamento da princesa Leopoldina, arquiduquesa de Áustria, com o príncipe herdeiro do império português dom Pedro. Por razões não completamente esclarecidas, os dois logo se separaram dos colegas austríacos e seguiram juntos para dar prosseguimento à missão. A ideia inicial era passar um ano em solo brasileiro recolhendo e analisando animais e plantas para a produção de ensaios científicos sobre o país. Aqui, contudo, descobriram que isso não seria suficiente. Para desbravar o que aquela “terra mágica” — eis a linda definição feita por eles — tinha a oferecer aos que se propunham a desvendá-la, exigia-se inevitavelmente a permanência por períodos mais longos. Acabaram ficando três anos, e ainda assim retornaram à Europa apenas porque foram pressionados a voltar por colegas cientistas ansiosos para conhecer o que de tão extraordinário haviam descoberto.

No Brasil, aproximaram-se das autoridades locais, tornaram-se figuras conhecidas das comunidades indígenas e contaram com a colaboração inestimável da própria população nos deslocamentos e ocasiões em que faziam imersões no coração da floresta. VEJA conversou com um desses auxiliares, que assegurou que os dois alemães se apaixonaram pelo país. Tanto é assim que relutavam em voltar à Europa. Parte do acervo que foi recolhido ao longo dos três anos da expedição brasileira — plantas exóticas, diamantes e até animais — foi despachada para o Velho Continente antes da viagem de retorno dos próprios naturalistas. Ao todo, estima-se que enviaram principalmente para a Alemanha 9 000 espécies de plantas e animais, incluindo mamíferos, aves e anfíbios, em sua maioria vivos. O conjunto inestimável deverá abastecer museus e zoológicos espalhados pela Europa. Além disso, dará origem a um livro de relatos de viagem, que será publicado em breve.

Spix e Martius deixaram o Porto de Belém, no Pará, para embarcar no dia 14 de junho de 1820 na galera portuguesa Nova Amazona, um navio de cargas e passageiros que tinha Lisboa como destino. Além do monumental acervo, tinham como companhia quatro indígenas brasileiros. Martius revelou mais tarde co-



CARL FRIEDRICH PHILIPP MARTIUS, COLEÇÃO BRASILIANA, ITAÚ CULTURAL

EXUBERÂNCIA Pintura feita por Martius: riqueza impressionante de detalhes revela as belezas do país tropical



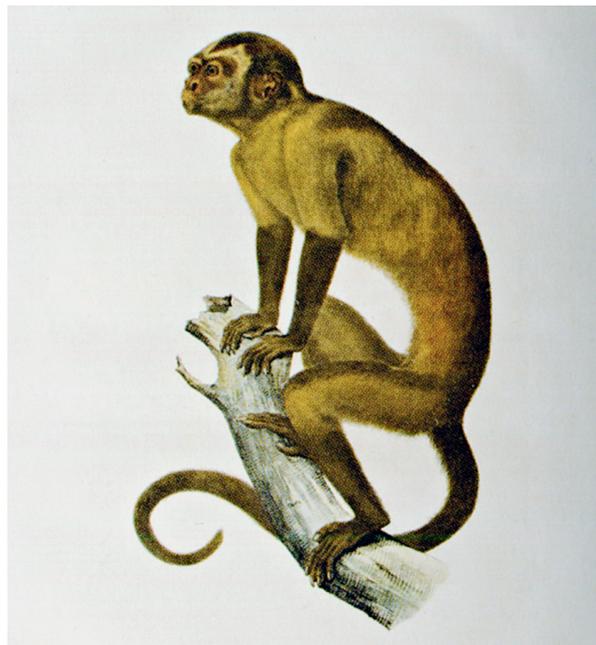
COLEÇÃO BRASILEANA DO ITAÚ CULTURAL

CALLITHRIX AMICTA Primata típico: 9 000 espécies de plantas e animais levadas para a Europa

mo um deles acabaria se juntando ao grupo. Dias antes da viagem, o capataz de uma fazenda na região de Japurá, no Amazonas, apresentou o naturalista a um grupo de indígenas e autorizou que escolhesse um jovem para ser levado ao exterior com a missão supostamente nobre de “educá-lo para a humanidade europeia”. Martius selecionou Juri, um rapaz que não tinha mais do que 14 anos.

O garoto Juri e a garota Miranha sobreviveram à jornada transoceânica, mas os outros dois indígenas brasileiros que embarcaram no Nova Amazona — um deles com estimados 8 anos — morreram no meio do caminho, supostamente por problemas hepáticos, embora VEJA não tenha conseguido confirmar essa informação. A viagem de volta na moderna embarcação durou menos de um mês, e uma multidão acotovela-se no Porto de Lisboa para ver de perto as relíquias que Spix e Martius tinham trazido do Novo Mundo. Como não poderia deixar de ser, Juri e Miranha atraíram a maioria dos olhares. Tímidos, arredios e assustados, eles não correspondiam às investidas dos curiosos.

Os dois naturalistas bávaros e os indígenas sobreviventes permaneceram apenas dois meses na capital lusitana, tempo suficiente para que cuidassem de trâmites burocráticos. Em outubro, seguiram viagem para Munique, conduzindo suas carruagens pela tradicional rota Madri-Lyon-Estrasburgo. Não é difícil



COLEÇÃO BRASILEANA DO ITAÚ CULTURAL

CEBUS MACROCEPHALUS Mamífero: eterno fascínio dos viajantes estrangeiros no Brasil

imaginar as dificuldades enfrentadas por Juri e Miranha. Sem dominar outras línguas que não as suas próprias e desconhedores da cultura europeia, certamente sofreram para se adaptar à nova vida. Ademais, Juri e Miranha eram de etnias rivais, inclusive com histórico de guerras entre si, o que talvez tenha contribuído para aumentar a angústia que viveram em território europeu.

A peculiar trupe chegou a Munique em 8 de dezembro de 1820, quando o rigoroso inverno alemão começava a mostrar as suas garras. Segundo relatos, todos chegaram debilitados, mas a cidade os recebeu calorosamente. Para Spix e Martius, aquele momento histórico representou o auge de sua glória. Eles eram os heróis que haviam conquistado o Novo Mundo e, para além disso, trouxeram consigo os símbolos máximos de sua aventura — os dois jovens e exóticos, ao menos para os olhares europeus, indígenas brasileiros. Todos permaneceram hospedados no Palácio Real, local em que os diversos cientistas designados pela corte começaram o trabalho de doutrinação dos convidados ilustres.

A investida, no entanto, não deu certo. Juri e Miranha jamais foram convertidos. Provavelmente infelizes e expostos às chagas europeias, não demorou para que adoessem e chegassem ao seu triste destino. Para o bem ou para o mal, a aventura brasileira de Spix e Martius jamais será esquecida. ■



EM FAMÍLIA Uma cena típica de refeição no Rio de Janeiro: entre frutas, mandioca e cativos escravizados

SUA ALTEZA É BOM DE MESA

As predileções culinárias de dom Pedro, fiel amante da canja de galinha, unanimidade entre os Bragança, podem vir a marcar a identidade nacional no futuro breve — afinal, comida é cultura. E ele avisa, com humildade: “Não desdenharei a farinha de mandioca”

QUANDO DEIXOU a galope o Palácio de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, iniciando a viagem na qual proclamou a independência do Brasil, no sábado 7, o príncipe regente dom Pedro de Bragança prometeu suportar os reveses do caminho. Foi para São Paulo com um roteiro predeterminado, fazendo paradas em fazendas ao longo do caminho. Mas, sabendo que teria surpresas no trajeto, comprometeu-se a pernoitar ao relento e alimentar-se do que fosse disponível. “Dormirei sobre uma esteira e farei de traveseiro uma canastra”, prometeu dom Pedro, humildemente. “Alimentar-me-ei de feijão e, à falta de pão, não desdenharei a farinha de mandioca.”

Sua Alteza Real alternou lombo de cavalo com lombo de mula, animal requisitado pela grande resistência. Por sinal, foi a montaria com a qual, 22 anos atrás, Napoleão Bonaparte guiou o Exército francês através dos Alpes, com o propósito de surpreender as tropas austríacas na Itália. Dom Pedro chegou a São Paulo depois de percorrer o Vale do Paraíba, os caminhos acidentados da Serra do Mar e matas fechadas, morros e baixadas, rios e córregos (*leia mais a respeito da viagem na pág. 24*). Alguns trechos do caminho já se encontram colonizados, não só por fazendas e lavouras de café e cana-de-açúcar, mas com vilas prósperas; outros per-

PRATO PATRIÓTICO

As fazendas que receberam dom Pedro no caminho para São Paulo acolheram-no à mesa com pratos típicos da província. Um dos mais oferecidos foi o **virado de feijão**. Sua receita é deliciosa e substanciosa. Refoga-se o feijão já cozido em cebola, alho e gordura. Acrescentam-se sal e um pouco do próprio caldo do feijão. Engrossa-se com farinha de milho ou de mandioca, deixando-se úmido, nunca seco. Serve-se com torresmo e ovo estrelado, de preferência com a gema mole. Há também variações ricas do prato, nas quais se incorporam bisteca ou costeleta suína frita, linguça frita, banana empanada e frita, couve cortada em tiras e refogada na gordura; e mesmo arroz.

RENDE 6 PORÇÕES

INGREDIENTES

- 500g de feijão-mulatinho bem cozido
- 3 xícaras (chá) do caldo que cozinhou o feijão. Ou mais, se for necessário
- 4 colheres (sopa) de gordura de porco
- 2 dentes de alho bem socados
- 1 cebola média bem picada
- 4 colheres (sopa) de cebolinha verde bem picada
- Farinha de mandioca (ou de milho) quanto baste
- Sal e pimenta-do-reino moída a gosto

ACOMPANHAMENTOS

- Torresmo
- Linguça
- Ovos estrelados
- Arroz branco

PREPARO

- 1 - Em uma panela de preferência de ferro, aqueça a gordura de porco.
- 2 - Adicione o alho, a cebola e misture, cuidando para esses temperos não queimarem.
- 3 - Incorpore os grãos de feijão e mexa muito bem, para o feijão pegar gosto. Introduza a cebolinha verde e continue mexendo.
- 4 - Depois de bem misturado, coloque o caldo do feijão e tempere com sal e pimenta. Mantenha no fogo por mais alguns minutos, para o caldo encorpar um pouco, cuidando para não secar.
- 5 - Antes de servir, despeje a farinha de mandioca (ou de milho) no feijão, lentamente, mexendo sempre, em fogo brando. O virado deve ficar úmido, nunca seco.
- 6 - Leve à mesa com os acompanhamentos.

manecem desabitados e inóspitos. A viagem foi iniciada com uma pequena comitiva, que aumentou ao longo do caminho. Na saída do Palácio de São Cristóvão, acompanharam Sua Alteza Real os amigos Francisco de Castro e Canto e Melo e Luís Saldanha da Gama, o fidalgo português Francisco Gomes da Silva, o Chalaça, que os mexericos apontam como seu secretário particular e alcoviteiro (*leia na seção Radar*).

Apesar de ter nascido em berço de ouro, no reino de Portugal, o filho mais velho de dom João VI e dona Carlota Joaquina foi criado solto no Rio de Janeiro, onde aportou com 9 anos. Brincou com moleques nobres, ricos, pobres e filhos de escravos. Assimilou os hábitos e costumes do nosso povo. Tanto é verdade que, à mesa, o cardápio de Sua Alteza Real é genuinamente brasileiro. Isso ocorre em São Cristóvão, onde reside com a esposa, a arquiduquesa dona Maria Leopoldina da Áustria, e os dois filhos do casal, a princesa dona Maria da Glória e a recém-nascida princesa dona Januária — um terceiro filho morreu menino (*leia nas Páginas Amarelas com Leopoldina*).

Dom Pedro muitas vezes ensaia, mas apenas ensaia, dispensar o salão do comedor central do Palácio de São Cristóvão, onde os alimentos são cuidadosamente elaborados — incomoda-lhe um hábito segundo o qual somente os homens participam das refeições públicas e diárias, assistidas pelos membros da Corte. As mulheres costumam almoçar e jantar apartadas, em seus próprios aposentos. O príncipe tem especial apreço não só pelo feijão com farinha de mandioca, mas ainda por toucinho da terra (sem nenhuma parte magra), carne assada no forno, na brasa ou cozida com legumes, batatas, couves e pepino, frango frito em pedaços, galinha com arroz e sopa de caldo grosso. Afinal, dom Pedro é bom de mesa. Mas, apesar do grande apetite, nunca engordou demais. Pesa em torno de 75 quilos. Também não pode ser considerado alto, pois mede entre 1,66 e 1,73 metro.

Outra predileção de Sua Alteza Real é a canja de galinha, unanimidade gastronômica na família Bragança, que tanto dignifica. Conforme a voz do povo, a predileção serve inclusive para teste de filiação. O Bragança que recusar uma canja não terá nas veias o sangue azul da família. Dom Miguel, irmão mais novo de dom Pedro, seria um exemplo ilustrativo. Cochicha-se na Corte do Rio de Janeiro que o rei dom João VI não é seu pai, apesar de legitimado pelo soberano. A mãe é obviamente dona Carlota Joaquina. Entretanto, os mexeriqueiros da Corte do Rio de Janeiro divergem sobre a paternidade de dom Miguel. Alguns dizem ser filho do sexto marquês de Marialva, Pedro José de Meneses

Coutinho; outros, de João dos Santos, cocheiro e jardineiro do Palácio do Ramalhão, na freguesia portuguesa de Sintra. Carlota Joaquina morou ali antes de a Corte lusitana transferir-se para o Brasil, em 1808. Observam também que dom Miguel não tem semelhança física com o resto da descendência de dom João VI; e, enfim, que não aprecia canja de galinha.

A excelente forma física de dom Pedro, aos 23 anos, demonstrada na viagem a São Paulo, depois de percorrer uma distância de quase 600 quilômetros, foi sem dúvida exercitada no Rio de Janeiro. Sua Alteza Real caçou nos matos em volta, pescou em riachos e montou cavalos e mulas com os amigos; disputou luta livre e bola de borracha; soltou papagaio aos ares, puxou a corda do pião. Graças a esse treinamento espontâneo, adquiriu o porte atlético, o caráter altivo e arrebatado que esbanja atualmente.

Um escritor baiano que o observou de perto descreveu-o como um homem corado, com o sangue a rebrilhar nas faces, “os lábios grossos do pai (dom João VI), os olhos vivos da mãe (dona Carlota Joaquina) e um robusto braço plebeu (...) para derrubar touros no picadeiro”. Infelizmente, dom Pedro sofre de epilepsia. Por ocasião das comemorações do aniversário de dom João VI em 1816, todos presenciaram um dos seus ataques convulsivos na revista às tropas. Mas a epilepsia jamais afetou a disposição inabalável de Sua Alteza Real, que mostra desconhecer a fadiga.

A informalidade de dom Pedro à mesa não impediu que, no caminho para São Paulo, fosse homenageado com banquetes fartos, um dos quais no último dia 17 de agosto, na Fazenda Pau d’Alho, em São José do Barrei-

ro, no Vale do Paraíba. A propriedade pertence ao coronel João Ferreira de Sousa, dono de cafezais a perder de vista. A comida preparada para o príncipe regente aguardava-o em uma mesa enorme, coberta por toalha de linho, com barra de rendas balançantes. VEJA apurou que as louças eram inglesas, os copos, de cristal francês, e os talheres, de prata portuguesa. Havia no centro um leitão dourado no forno, deitado em travessa azul, com um limão atravessado na boca. Ao lado dessa iguaria vale-paraibana encontravam-se arrozes, frangos, guisados e um soberbo virado, prato puro-sangue da cozinha paulista.

Mas o príncipe regente não saboreou a refeição logo ao chegar. Seu anfitrião se levantou de madrugada e saiu a cavalo. Queria encontrá-lo ainda no caminho, para recepcioná-lo com os salamaleques de praxe. Na cozinha, as mucamas, ou melhor, as escravas incumbidas dos serviços caseiros, davam os retoques finais no banquete, comandadas por dona Maria Rosa de Jesus, a dona da casa. De repente, apareceu na sede da Fazenda Pau d’Alho, batendo palmas, um moço empoeirado e muito simpático. Não se identificou como dom Pedro. Disse apenas pertencer à comitiva do príncipe regente. Afirmou ter deixado os companheiros para trás porque sentia fome. VEJA descobriu que, na verdade, apostou corrida com eles. Exímio cavaleiro, deixou-os para trás. Com educação, o moço pediu a dona Maria Rosa que lhe antecipasse um prato de comida. Era hora do jantar, entre meio-dia e 2 da tarde. São quatro, como sabemos, as refeições dos brasileiros, nobres ou plebeus. A primeira, o almoço, é quando acordam. Entre meio-dia e 2 horas da tarde serve-se o jantar. Na metade da tarde, saboreia-se a merenda. Depois das 9 horas da noite, é a vez da ceia.

Dona Maria Rosa atendeu o moço impondo uma condição. Ele teria de comer na cozinha. A sala do banquete aguardaria intocada. Dom Pedro começou a jantar em uma mesinha de canto, saboreando um guisado, à base de pedaços graúdos (não picados) de carne. Estava acomodado naquele lugar discreto, divertindo-se com a situação que criou, quando apareceu o coronel João Ferreira de Sousa. Embaraçado, mas cheio de orgulho pela visita do príncipe regente, o dono da Fazenda Pau d’Alho beijou-lhe a mão. Em seguida, convidou-o a mudar para a sala do banquete, onde os manjares foram liberados.

Outro episódio que ficará na lembrança dos brasileiros ocorreu a 19 de agosto na Vila de Guaratinguetá, sempre no Vale do Paraíba. Recebido pelo português Manoel José de Melo, dono de terras sem fim, boiada gorda e engenho de açúcar portentoso, o príncipe regente surpreendeu-se ao encontrar sobre a mesa da ca-



JOAQUIM CÂNDIDO GUILLOBEL/PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO

NAS FAZENDAS E PRATOS Cana-de-açúcar: produto que serviu de atalho para a colonização



ISTOCK/BETTY IMAGES

AO GOSTO DE BACO Volume: apenas em 1822 o Brasil importará até 10 000 pipas de vinho do Porto

sa uma baixela luzidia de ouro maciço. Sempre bem-humorado, elogiou o anfitrião pela raridade, ouvindo a resposta: “As posses dão, Real Senhor”. VEJA descobriu que, como todas as comilanças das paradas da viagem, foram servidos guisados e o indispensável virado de feijão (*leia a receita na pág. 49*).

No Vale do Paraíba, também ofereceram ao príncipe regente várias especialidades culinárias da região: bolinhos de massa de mandioca ou de farinha de milho recheados com lambari ou carne, caldo de palmito, inhame frito na manteiga, paçoca de carne, carne-seca ensopada, batata, pepino e pimenta; e pão de ló, doces de ovos, goiabada, pudim de pão dormido, arroz-doce e furrundum (cidra ralada ou mamão verde idem, gengibre, rapadura derretida ou açúcar mascavo).

Pelas circunstâncias conjuguais, e não pelo gosto pessoal, dom Pedro às vezes depara no Palácio de São Cristóvão com pratos de inspiração austro-germânica. A responsável pela mudança no cardápio é dona Leopoldina. Quando se mudou da Áustria para o Brasil, em 1817, para se casar com dom Pedro, trouxe uma bagagem composta de quarenta caixas “da altura de um homem”. Desembarcou no Rio de Janeiro com o enxoval, livros, presentes para os membros da família real portuguesa e ingredientes da culinária austro-germânica: repolho, salmão salgado e carne de porco na banha.

Em contrapartida, dona Leopoldina tem um marido que aprecia cachaça, embora moderadamente. Diz-se que celebrou a independência com um cálice de cachaça artesanal. Dom Pedro também bebe um copo de vinho do Porto no final das refeições. Os Bragança

sempre evitaram os excessos étlicos. Entretanto, pela previsão dos vinhateiros lusitanos, somente neste ano de 1822 o Brasil importará entre 8 000 e 10 000 pipas de vinho do Porto. O volume não chega a ser exagerado, porém se destina sobretudo ao Rio de Janeiro.

Dom Pedro aprendeu a apreciar cachaça com os amigos cariocas. Sua mãe também pode ter influenciado. Até o ano passado, quando dona Carlota Joaquina regressou a Portugal, um volume apreciável de cachaça destinava-se a sua cozinha e quarto. Ela se socorria da aguardente de cana-de-açúcar para suportar o calor do Rio de Janeiro, que detestava. Mandava preparar coquetéis de cachaça com suco de fruta e açúcar. É verdade que a cachaça também serve para fazer licores e conservar compotas de frutas.

Convém lembrar que Carlota Joaquina e dom João VI, em sua recente estada no Brasil, sempre dispensaram os banquetes com muita pompa, à moda das monarquias europeias e da ascendente classe burguesa, nos quais são consumidos vinhos e licores finos. O mesmo continuou a fazer dom Pedro e a Corte do Rio de Janeiro. Demonstraram preferência pelos rituais visuais. Encomendam missas, te-déuns e procissões, fazem discursos e aclamações.

Com a longa viagem equestre a São Paulo, Sua Alteza Real conquistou o direito de ser chamado de príncipe cavaleiro. Já a comida que o alimentou no caminho pode vir a ser reconhecida no futuro como a certidão de nascimento da cozinha brasileira de ascendência portuguesa, com influência indígena e africana, formadora de uma identidade nacional. ■

“DESVENDEI!”

Depois de duas décadas de pesquisas, coube a um cientista francês descobrir o significado dos hieróglifos entalhados na Pedra de Roseta para inaugurar um novo capítulo de estudos sobre o Egito antigo



BNF

MISTÉRIO DESFEITO
O basalto (acima) e as anotações de Champollion obtidas por VEJA: as inscrições são um decreto promulgado por Ptolemeu V

34

Cléopâtre
veuve de Philomèton (voyez page)
1^{re} femme d'Évergète .

Cléopâtre (Coze)
fille de la précédente 2^e femme d'Évergète .

ΚΛΕΟΠΑΤΡΑ suivi des signes du féminin = ce cartouche est sur l'obélisque de Philée et se rapporte aux deux cléopâtre mère et fille toutes deux femmes d'Évergète deux .

ϣϣ - ⚡ ϣ/⚡ ϣϣ

ΚΛΟΠΤΡΑ ΤΥΧΕΡΕ ΥΠΗΡΟ Cléopâtre fille
du Roi (Philomèton)

BNF

NO PRÓXIMO 27 de setembro, o filólogo francês Jean-François Champollion, um prodígio de apenas 31 anos, apresentará, na Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, em Paris, um achado que provavelmente mudará para sempre a compreensão que temos a respeito da cultura egípcia. Champollion passou as duas últimas décadas — desde a flor de seus 11 anos, portanto — estudando códigos e sinais cravados na enigmática Pedra de Roseta, um pedaço de granito com pouco mais do que 1 metro de altura e meio metro de largura encontrado em 1799 pelas tropas de Napoleão Bonaparte nos arredores do Porto de Roseta, no Egito. Do alto de seus dois milênios, o rochedo intriga cientistas como poucos objetos na história foram capazes de fazer, mas agora seu mistério parece ter chegado ao fim. Champollion alcançou um feito considerado até então intransponível: ele decifrou os hieróglifos entalhados no rochedo, escancarando as portas que ocultam os segredos do Egito antigo.

VEJA teve acesso aos documentos que serão revelados nos próximos dias por Champollion. O material é extraordinário. A Pedra de Roseta foi esculpida em 196 a.C., quando o Egito era controlado por gregos e o mundo estava sob a égide da dinastia ptolomaica. Durante anos, Champollion analisou obsessivamente, de seu modesto escritório na Rua Mazarine, em Paris, reproduções em papel que circulavam entre o corpo científico da França, até enfim descobrir que os hieróglifos são, em realidade, uma escrita fonética — ou seja, seus símbolos representam mais de um som. “A escrita hieroglífica é um sistema completo, uma escrita figurativa, simbólica e fonética em um mesmo texto, em uma mesma frase e, devo dizer, em uma mesma palavra”, escreveu Champollion no minucioso relatório que será apresentado ao mundo em breve.

De acordo com fontes parisienses, o filólogo correu em êxtase ao escritório do irmão mais velho, Jacques-Joseph, assim que decifrou o que está gravado na rocha egípcia. “Desvendei!”, teria gritado ele, para em seguida desmaiar diante da notável revelação, segundo a versão — um tanto fantasiosa, diga-se — corrente nas ruas de Paris. Afinal, o que escondem os signos aparentemente impenetráveis dessa lápide de

basalto preto? A pedra traz a mesma mensagem em três escritas distintas e, ao comparar o egípcio antigo com o demótico, uma de suas variantes, e o grego antigo, Champollion desvendou o segredo milenar. Ele é, na verdade, um decreto promulgado pelo faraó Ptolemeu V Epifânio que restabelece o domínio dos reis ptolomaicos sobre o Egito. Roseta também expressa algumas concessões políticas do faraó aos seus sacerdotes e registra informações cotidianas, como uma inundação no vale do Rio Nilo.

A Pedra de Roseta parece ser um daqueles casos raros nos quais uma inscrição não é relevante pelo que diz, mas como diz. O decreto, afinal, consiste em uma mensagem de rotina sem grandes revelações — especulava-se que poderia trazer alguma informação nova sobre as magníficas pirâmides do Egito, mas

não há nenhum registro a esse respeito. Ainda assim, a descoberta de Champollion é monumental. Historiadores consultados por VEJA acreditam que, ao decifrar os códigos do rochedo, o cientista francês dará a largada para uma nova era de pesquisas sobre a civilização egípcia, à medida que será possível, a partir de sua tradução, compreender o real significado das inscrições pictográficas antigas, como são também chamados os agora famosos hieróglifos.

A decodificação deverá acentuar uma velha rivalidade entre ingleses e franceses. Antes de Jean-François Champollion, o médico e físico britânico Thomas Young deu notável contribuição para o deciframento de Roseta. Após traduzir

o grego antigo inscrito na pedra, Young indentificou os fonemas representados por alguns glifos, desvendou caracteres e revelou como era formado o plural das palavras. O trabalho certamente encurtou caminhos e ajudou Champollion a avançar em suas descobertas. Contudo, os louros para a posteridade deverão ficar — mesmo sob protesto dos ingleses, que defendem a originalidade dos estudos de seu conterrâneo — com o francês, que teve o mérito de desvendar por completo a intrincada charada e provar que a escrita hieroglífica está intimamente ligada à estética da arquitetura. Graças a ele, o Egito antigo não será mais um enigma indecifrável, mas uma ponte para fantásticas descobertas, agora e no futuro. ■



MUSEU DO LOUVRE

POSTERIDADE Jean Champollion: segundo fontes em Paris, o filólogo desmaiou de emoção ao desvendar o enigma



CONHECIMENTO Edward Jenner: em 1796, ele testou a hipótese no pequeno James Phipps, de 7 anos

COM A BÊNÇÃO DE DEUS

O santo padre Pio VII ordena que habitantes de estados papais usem um medicamento — chamado de vacina — para se proteger da varíola

TRADICIONALMENTE cautelosa no que diz respeito às novidades científicas, a Igreja Católica adota agora postura surpreendente em relação a uma nova estratégia para o controle da varíola. A doença mata milhares de pessoas em todo o mundo e suas marcas — lesões que se espalham pelo corpo todo — instalam medo na população. Soube-se recentemente que, no Brasil, já se passaram mais de sessenta dias de vigência da determinação do papa Pio VII de que os moradores dos estados papais sejam inoculados com uma fórmula contra a doença. Chamada de vacina, ela impede que as pessoas tenham febre, suor, terríveis machucados sobre a pele ou, se apresentarem sinais claros da praga, contribui para que fiquem mais longe da morte. O papa disse aos fiéis católicos que o remédio “é um presente de Deus”.

O responsável pela criação da novidade é o médico inglês Edward Jenner, de 73 anos. Cientista muito interessado nos progressos da medicina, ele trata seus pacientes com a técnica da inoculação, conhecida na Ásia e que começou a se difundir na Europa e nas Américas há cerca de 100 anos. A descrição do método pode trazer algum asco aos mais sensíveis: colhe-se material purulento das feridas e, com a ajuda de objetos cortantes, insere-se a pútrida secreção na parte mais superficial da pele. Às vezes, os pacientes apresentam sintomas brandos da varíola. Mas, quando expostos a pessoas com a doença, não



CONSELHO O alerta do pontífice: “O preconceito de alguns pais é maior do que o amor a seus filhos”

são consumidos por ela. Contudo, há de se mencionar casos nos quais o pobre inoculado acaba morrendo. Jenner soube que a gente do campo de seu país tentava se proteger esfregando na pele pus tirado de pústulas que aparecem em vacas, bem parecidos com os vistos em seres humanos. Em 1796, ele testou a hipótese no pequeno James Phipps, de 7 anos. Deu certo. O menino não pegou varíola mesmo após ter tido contato com doentes. O médico inglês deu ao procedimento o nome com o prefixo *vacca*, palavra latina para vaca.

Desde então, muitos entusiastas vêm aplicando o remédio. Tocado pelo aumento de casos que assola a Europa Central, o sumo pontífice decidiu ordenar a vacinação nos territórios sob seu domínio. Pio VII condenou aqueles que ainda hoje não acreditam na ciência. “O preconceito de alguns pais é maior do que o amor a seus filhos”, registrou na carta de convocação da população.

Mesmo com o apelo ao coração dos adultos e promessas de bênçãos celestes, o santo padre considerou por bem oferecer ainda recompensas do mundo terreno. Todos aqueles que apresentarem provas de que foram vacinados — há uma marca clara — terão prioridade na solução de seus pleitos na Justiça ou de ordem administrativas. Em relação aos médicos e enfermeiras que quiserem trabalhar nos territórios sob comando papal, não há misericórdia. Para conseguir emprego, eles serão obrigados a se vacinar. O negacionismo — mesmo na Igreja — parece ir na contramão do bom senso, é o avesso da realidade. Já não há espaço para quem, sabe-se lá em nome do quê, espalhe informações mentirosas, sobretudo no campo da saúde. ■

O FUTURO DA ELEGÂNCIA

A duquesa Marie-Caroline de Bourbon-Sicile é o maior ícone da moda em Paris, sempre Paris. E os últimos modelos por ela exibidos revelam que o romantismo voltou ao figurino

PARIS TEM ARTES (leia, na pág. 60, reportagem a respeito de um novo pintor, Delacroix), Paris tem ideias inovadoras (leia, na pág. 63, em torno do diorama de Daguerre), Paris, alguém de verve irônica pode até vir a dizer, é uma festa. Paris é também a capital mundial da moda. É de se imaginar, portanto, que no frisson da cidade-luz a disputa por destaque na categoria elegância seja difícil. Mas há uma vencedora: nas últimas temporadas de bailes e banquetes, Marie-Caroline de Bourbon-Sicile, a duquesa de Berry, magnetizou os olhares sem esforço. Amante das artes e da literatura, ela mescla seu eclético conhecimento para inventar, com a ajuda de seus costureiros, os modelos que serão depois imitados mundo afora. A duquesa de Berry é a mulher que todas desejam ser. É a dona de Paris.

Sua influência acaba de ser imortalizada em um estuendo retrato feito por ninguém menos do que François Gérard, respeitado por seu talento na execução de perfis femininos. Na obra, ela aparece com seus filhos, o príncipe Henri, conde de Chambord, e a pequena Louise Marie Thérèse d'Artois. O óleo sobre tela agora enfeita um dos corredores do Palácio de Versalhes. O quadro traz a duquesa em toda a sua beleza e sintonia com a moda. O vistoso vestido azul que exibe, enfeitado com detalhes dourados e pérolas, aponta o caminho da tendência para os próximos anos. A vestimenta flerta com a volta do romantismo e de alguma delicadeza, se é que isso é possível, do tempo dos cavaleiros medievais. Voltam, então, as mangas bufantes, os plissados e os laços. Além disso, como mostra a duquesa, as saias ficam mais curtas, deixando à vista botinhas com saltos altos ou os sapatos adornados com fitas que podem ser enroladas ao redor da perna. A duquesa também sinaliza o que fazer com os cabelos: caprichar nos cachos, que trazem doçura à feição, e enfeites, que podem ir de penas a fitas.

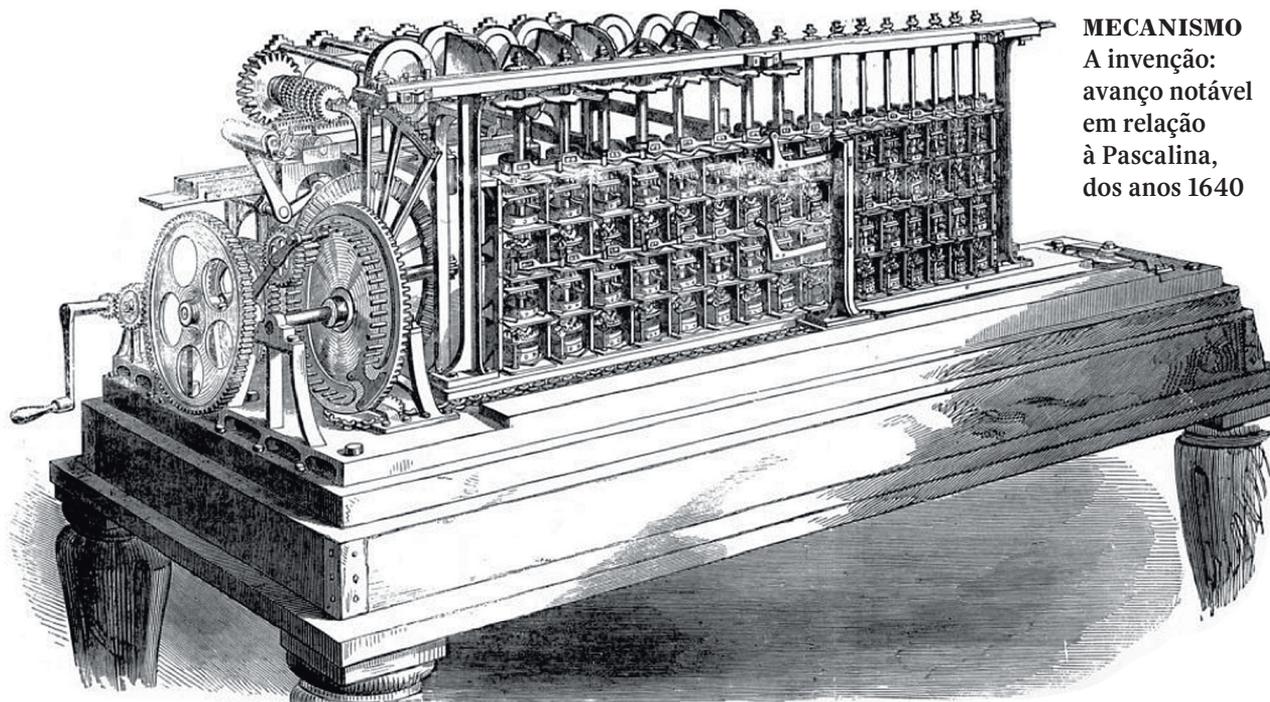
Ainda demora alguns meses, é natural, para o estilo chegar ao Brasil, já que as informações desembarcam no Rio de Janeiro com os viajantes e raras publicações



FRANÇOIS GÉRARD

TENDÊNCIA A duquesa e os filhos no retrato de Gérard: saias mais curtas e sapatos à mostra

vindos das cortes. Mas cabe desde já um bom conselho: atenção ao que desponta nas vitrines da Rua do Ouvidor, palco de negócios dos modistas mais relevantes do país agora independente de Portugal. Com o perdão da troça, do doudo gracejo, ouçam o Ouvidor. No logradouro, o senhor ou a senhora não devem se surpreender se, em um passeio qualquer, baterem de frente com um integrante da corte procurando a vestimenta a ser usada no próximo baile imperial. A maioria dos modelos não é confortável para as temperaturas aviltantemente altas registradas no Brasil. Mas não importa. Há leques para as senhoras e, para os cavalheiros, chapéus e a sombra das árvores. A duquesa de Berry aprovaria o uso desses estratégias em nome da elegância. ■



MECANISMO
A invenção:
avanço notável
em relação
à Pascalina,
dos anos 1640

ANN RONAN PICTURES/PRINT COLLECTOR/GETTY IMAGES

SONHO MATEMÁTICO

O inglês Charles Babbage está pronto para apresentar uma engenhoca que batizou de máquina diferencial. A ideia: resolver mais rapidamente as equações algébricas

DESDE QUE O TELÉGRAFO, o tear mecânico e a máquina a vapor se transformaram em realidade, vivemos uma corrida do ouro em busca de novas descobertas. Da Inglaterra, chegam notícias de invenções atreladas à matemática. Charles Babbage, um professor, filósofo e engenheiro mecânico de 30 anos, promete criar uma máquina de calcular superpoderosa. A engenhoca, batizada por ele de máquina diferencial, tem como propósito resolver equações algébricas usando a mesma lógica da Revolução Industrial: fragmentar o trabalho em tarefas pequenas e fáceis, executáveis numa linha de montagem. Será, acredita ele, um avanço em relação à Pascalina, desenvolvida nos anos 1640 pelo também matemático e filósofo francês Blaise Pascal (1623-1662).

Pascal tinha 19 anos quando bolou a primeira versão de uma máquina aritmética, com o objetivo de abreviar o tedioso trabalho do pai, fiscal de impostos. A roda metálica radiada, com os algarismos de 0 a 9 inscritos ao longo da circunferência, é usada ainda hoje para somar ou subtrair (com direito até a uma armação

para executar o “vai 1” ou o “tira 1” sempre que necessários, como nas contas de $19+25$ ou $62-17$). Três décadas mais tarde, outro matemático e filósofo, o alemão Gottfried Leibniz (1646-1716) tentou aperfeiçoar o mecanismo do francês usando um “contador dentado” para realizar as operações de multiplicação e divisão. O projeto não foi adiante porque Leibniz não tinha as noções de engenharia necessárias para a missão.

Agora, Babbage se propõe a superar esse desafio combinando o conhecimento das teorias científicas com o gênio mecânico. Na verdade, sua ambição é muito maior do que a da Roda de Leibniz. O inglês sonha com um equipamento capaz de ir além das quatro operações e também tabular logaritmos, senos, cossenos e tangentes, para aproximar as funções logarítmicas e trigonométricas. Sua inspiração vem do francês Gaspard de Prony. Nos anos 1790, ele conseguiu criar tabelas de logaritmos e funções trigonométricas reduzindo as operações a passos muito simples: apenas soma e subtração. Seu trabalho não envolvia nenhuma máquina, ao contrário. O que ele

imaginou foi uma espécie de linha de montagem para que pessoas com pouco conhecimento matemático pudessem chegar a resultados mais complexos. Cada parte dessa linha se ocupa de apenas um pedaço dos cálculos — que são repassados, etapa por etapa, para o grupo seguinte de operadores.

Depois de uma viagem a Paris, onde conheceu o método, Babbage escreveu: “Tive, de súbito, a ideia de aplicá-lo ao imenso trabalho que me sobrecarrega e produzir logaritmos da mesma forma como se produzem alfinetes”. Segundo ele, é possível mecanizar esse processo, o que é algo (há de se reconhecer) extremamente pretensioso. Já pensou usar tal engenho para cálculos de potenciação, funções polinomiais ou equações diferenciais? Que tal uma máquina capaz de resolver problemas mais rapidamente que um ser humano? É um desatino. Babbage garante que não.

Ele nasceu em Londres, no seio de uma família abastada e letrada. Seu pai, Benjamin, é sócio do banco Praed's e, desde 1808, administra as terras próximas à igreja de St. Michael, em Teignmouth, no sudoeste da Inglaterra. O dinheiro da família permitiu que o pequeno Charles recebesse instrução de qualidade tanto em escolas quanto por meio de tutores. Aos 8 anos, uma febre quase lhe custou a vida, e os pais decidiram que “não era para exigir demais de seu cérebro”. Depois de algum tempo em casa, com professores particulares, passou a integrar a academia Holmwood, em Middlesex. Ali, uma biblioteca bem abastecida despertou seu amor pelos cálculos.

Desde muito cedo, interessou-se por máquinas capazes de desempenhar tarefas humanas. A mãe, Betsy, costumava levá-lo a salas de exposições e museus para ver as maravilhas que começavam a brotar em Londres no começo do novo século. Certa vez, em Hanover Square, o proprietário convidou-o a visitar sua oficina, onde guardava bonecos mecânicos, também conhecido como autômatos. Um deles era uma bailarina prateada cujos braços se moviam com graça, tendo em uma das mãos um pássaro que agitava a cauda, batia as asas e abria o bico. O menino ficou encantado. “Os olhos dela eram cheios de imaginação”, disse ele, nas palavras da mãe.

Fez a faculdade no Trinity College, em Cambridge, e logo depois de formado se tornou professor de matemática da prestigiosa instituição. Foi lá que criou, em 1812, a Sociedade Analítica, junto com os colegas John Herschel e George Peacock. Desapontados com a forma de ensinar a disciplina na universidade, fundaram o clube para tentar convencer os professores a trocar a notação do cálculo diferencial baseado em pontos,



SAMUEL LAURENCE

O FAZ-TUDO Babbage, um Michelangelo de nosso tempo: professor, filósofo e engenheiro

criada por Isaac Newton (ex-aluno de Cambridge), em favor da notação D, criada por Leibniz para representar aumentos infinitesimais. Certa feita, Babbage estava na sala da Sociedade Analítica, trabalhando em uma tabela de logaritmos, quando Herschel perguntou-lhe no que estava pensando. “Querida que estes cálculos tivessem sido resolvidos a vapor”. Ao que o amigo respondeu: “Isso é bem possível”. A ideia de desenvolver um método mecânico para tabular logaritmos ficou em sua cabeça e, desde o ano passado, Babbage vem se dedicando à construção desse sonho.

O eminente professor, que é membro da Royal Society de Londres desde 1816, é cada vez mais reconhecido como um expoente no circuito social de Londres. Principalmente por sua paixão em mostrar seu trabalho a cavalheiros de fraque e damas em longos vestidos de brocado, escritores, industriais, poetas, atores, políticos, exploradores, botânicos e outros “cientistas”, neologismo que ele e seus amigos criaram e que traduz esses tempos feéricos em que vivemos. Para muitos, foi justamente a ciência que lhe garantiu o reconhecimento entre a nobreza e a sociedade londrinas.

É difícil, para um cidadão de nosso século, imaginar os usos da máquina diferencial. Ela poderia servir a um general como foi Napoleão para analisar as variáveis de uma batalha? As indústrias teriam algum benefício com ela? Outros sonham com mundos ainda mais fantásticos, com máquinas “pensantes”. Há quem diga que Charles Babbage esteja muito além do nosso tempo. Por enquanto, ele é apenas um visionário que espera viver o suficiente para transformar seu ambicioso projeto em realidade. Quer, enfim, deixar sua marca no universo. ■



PICTURES FROM HISTORY/UNIVERSAL IMAGES GROUP/GETTY IMAGES

“

A DROGA CELESTIAL

O escritor inglês Thomas de Quincey, 37 anos, trata de sua descoberta do ópio como revelação divina

”

FAZ TANTO TEMPO que tomei ópio pela primeira vez que, se tivesse sido um acontecimento insignificante na minha vida, já teria esquecido a data. Mas acontecimentos decisivos não são para ser esquecidos, e a partir das circunstâncias a eles ligadas deve ter ocorrido durante o outono de 1804. Nessa época eu estava em Londres por curto tempo após ter ingressado na universidade. Meu primeiro contato com o ópio aconteceu da seguinte maneira: desde minha infância acostumei-me a lavar a cabeça em água fria pelo menos uma vez por dia. Tendo sido atacado repentinamente por uma dor de dentes, que logo atribuí a alguma nevralgia que a falta dessa prática havia causado, pulei da cama, enfiei a cabeça em uma bacia de água fria, e com os cabelos ainda molhados voltei a dormir.

Na manhã seguinte, como nem é preciso dizer, acordei com dores reumáticas excruciantes na cabeça e no rosto, das quais não tive o menor alívio durante vinte dias. No 21º dia, acho que deveria ser isso mesmo e creio que era um domingo, saí pelas ruas, mais para fugir, se possível, das minhas dores do que com um propósito determinado. Casualmente encontrei um conhecido da universidade que me recomendou o ópio. Ópio! O terrível agente de inimagináveis prazeres e dores.

Tinha ouvido falar dele como de maná e ambrosia, mas nada além disso. Que som sem significado era essa palavra naquele tempo, e que acordos sonoros ela faz soar agora em meu coração! Que vibrações de terremoto nas minhas lembranças felizes e tristes! Voltando à narrativa, sinto uma importância mística pelos detalhes ligados ao lugar, ao tempo e ao homem (se é que ele era um homem) que pela primeira vez me abriram o paraíso dos comedores de ópio.

Era uma tarde de domingo, chuvosa e desanimada. Há poucos espetáculos mais entediantes neste planeta do que um domingo chuvoso em Londres. Meu caminho de

volta para casa deveria passar por Oxford Street, e perto do Pantheon vi uma farmácia aberta. O farmacêutico, ministro inconsciente dos prazeres celestiais, como em harmonia com o domingo chuvoso, parecia insípido e estúpido, exatamente como qualquer farmacêutico mortal esperaria parecer em um domingo. E quando pedi a tintura de ópio, serviu-me como qualquer outro homem teria feito. Além disso, devolveu-me meio pence em cobre como troco da minha moeda de 1 shilling, tirada de uma caixa de madeira. Contudo, apesar dessas indicações de cotidianidade, ele desde então passou a existir em minha mente como a visão beatífica de um farmacêutico imortal, mandado à terra especialmente para nos encontrarmos. Há coisas que confirmam minhas considerações sobre ele, pois quando voltei a Londres em seguida, tentei encontrá-lo perto do Pantheon e não consegui: a mim, que não sei seu nome (se é que ele tinha um), parecia-me que ele havia evaporado de Oxford Street mais do que se mudado de alguma forma natural.

O leitor pode pensar nele como possivelmente nada mais do que um farmacêutico sem paradeiro. Pode ser que assim seja, mas minha fé é maior: acredito que ele tenha desaparecido ou evaporado. Nenhuma das minhas lembranças mortais é superior àquela, como a hora, o lugar e a pessoa que me pôs em contato pela primeira vez com a droga celestial. (...) Os prazeres oferecidos pelo vinho são sempre crescentes e tendem a uma crise, depois da qual eles decaem. Quanto ao ópio, uma vez ingerido, seu efeito demora de oito a dez horas. O vinho rouba a autodeterminação e o ópio a revigora grandemente. (...) Havia encontrado uma panaceia para todos os males humanos: aqui estava o segredo da felicidade, sobre a qual os filósofos haviam discutido durante anos. ■

Tradução de Ibanez de Carvalho Filho

EM TINTAS FORTES

O Salão de Paris revelou a genialidade mercurial de um pintor de apenas 24 anos, Ferdinand Victor Eugène Delacroix, que parece conduzido pela liberdade

Há um *enfant terrible* na capital francesa do qual não se para de falar. É um dos mais interessantes artistas da atualidade. Foi descoberto no Salão de Paris, inaugurado em 24 de abril nas instalações do Museu do Louvre — e ainda aberto à visita. Seu nome: Ferdinand Victor Eugène Delacroix. Tem apenas 24 anos e um temperamento dos diabos. Diz-se que, aos 5 anos de idade, já tinha quase se enforcado nas rédeas de um cavalo; envenenado pela ingestão de acetato de cobre; e asfixiado ao se engasgar com uma uva. A mãe, Victoire Oeben, era filha de uma ilustre família especializada em desenhar móveis para a casa real francesa. O pai, Charles, foi membro do governo revolucionário — chegou a ser nomeado ministro das Relações Exteriores — e um dos mais ardorosos defensores da execução de Luís XVI, em 1793. Há, contudo, um ruído que tira Delacroix do sério, uma história de alcova mal resolvida: ele seria filho bastardo de Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord, o onipresente diplomata parisiense, contumaz figura também debaixo de lençóis alheios.

A instabilidade no lar, entre Bordeaux e Paris, tende a justificar a fragilidade de Delacroix — suas crises de faringite são homéricas. Órfão de mãe, morta em 1814, ele zanza com pincéis, irrequieto como na infância e apaixonado como na adolescência, como quem lida com espadas e sabres. E aqui chegamos ao feito que o transformou em pequena lenda em *tout Paris*. O catálogo do Salão do Louvre lista nada mais, nada menos que 1 802 trabalhos. Uma única pintura, de Delacroix, ganhou notoriedade imediata: *A Barca de Dante*, ou *Dante et Virgile aux Enfers*, um óleo sobre

lona de colossais 1,89 metro por 2,41 metros. A tela, inspirada no oitavo canto do *Inferno*, mostra o escritor Dante (de capuz vermelho) acompanhado por Virgílio (de manto), conduzidos pelo vigoroso remador Flégias, se aventurando nas águas intempestivas do pântano de Estige, em meio ao horror e ao medo. Almas condenadas se agarram à barca. As cores fortes e vivíssimas se contrapõem aos tons frios. Disse da obra Adolphe Thiers, um historiador com veleidades políticas: “A pincelada é grande e firme. Ele dispersa suas figuras, as agrupa, as reúne à vontade com a ousadia de Michelangelo e a riqueza de Rubens. Encontro nele



O ARTISTA Suposto filho do diplomata Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord: bastardo



A BARCA DE DANTE Tela a óleo sobre lona de 1,89 metro por 2,41 metros: exposta desde abril nas paredes do Louvre

uma força selvagem, ardente, mas natural, que cede seu esforço ao seu próprio impulso”. A anatomia das figuras parece mesmo beber de Michelangelo. Mas há ecos mais evidentes de Théodore Géricault, com quem dividiu assento na Escola de Belas Artes e que desabrochou antes do amigo. Delacroix conta que, ao ver *A Balsa da Medusa* pintada pelo companheiro, ficou tão, mas tão entusiasmado que, ao sair do estúdio, “corria como um louco, até chegar em casa”.

Acostumemo-nos, pois, com o jeito mercurial de Delacroix, que não poupa tintas. Elegante e divertido, ele pode ser também grosseiro e mal-humorado. Gosta, enfim, de viver como os personagens dos livros de seus amigos escritores do Romantismo, avessos às normas e à tradição acadêmica. Delacroix sonha imprimir nas telas — mesmo olhando para episódios da Antigui-

dade — o tom das letras de um certo Honoré de Balzac, de juvenis 23 anos, autor de um escandaloso romance, *Vicaire des Ardennes*, tirado de circulação há algumas semanas por revelar as aventuras amorosas de um padre, anátema inaceitável, mesmo em pleno século XIX. O que o autor de *A Barca de Dante* deseja mesmo é viver livremente — como se fosse ele a imagem da liberdade a guiar o povo. “Pintura é vida”, diz. “É a natureza passada para a alma sem intermediários, sem véus, sem regras convencionais. A música é vaga. A poesia é vaga. A escultura exige uma convenção. Mas a pintura, especialmente nas paisagens, é a própria realidade.” Delacroix tem tudo para crescer e aparecer, desde que cuide de saúde tão malsã. E quem sabe, um dia, suas telas deixem as paredes dos salões para alas mais nobres do Louvre. Ninguém acredita. ■

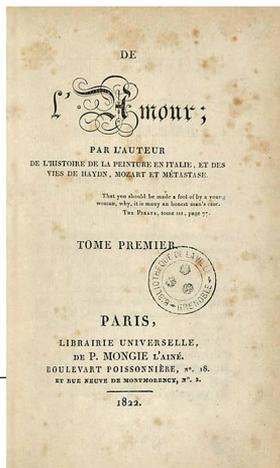
TODO SENTIMENTO

O escritor francês Henri-Marie Beyle, que gosta de se apresentar com um codinome de sonoridade alemã — Stendhal —, acaba de lançar um interessante tratado sobre o amor

DESGOSTOSO, abandonado pela amante milanesa, a bela Matilde Viscontini Dembowski, o escritor francês Henri-Marie Beyle, um dândi de 39 anos que se apresenta com um codinome de sonoridade alemã — Stendhal —, fez das dores um pequeno tratado filosófico em torno do amor. Aos poucos, ainda muito lentamente, a publicação tem corrido de mão em mão, de boca em boca. Pode estar nascendo um astuto intelectual das coisas da vida, alguém capaz de distinguir o vermelho do negro. Embora trate do amor, o livrinho não é um romance, e sobretudo não é divertido como um romance. É simplesmente uma descrição exata e científica de uma espécie de loucura a grassar na França: o império das conveniências, que cresce a cada dia, ainda mais em razão do medo do ridículo que, por causa da pobreza dos nossos costumes, fez da palavra que serve de título a essa obra — amor! — uma expressão que evitamos pronunciar sozinha e que pode até parecer chocante. A ideia central: a “cristalização amorosa”. A pessoa apaixonada cristaliza-se, isto é, fica paralisada, perde a habilidade de agir e raciocinar, sobretudo em presença do ser amado. É uma noção inédita.

É leitura agradável que explica simples, razoável e matematicamente, por assim dizer, os diversos sentimentos que se sucedem uns aos outros e cujo conjunto se chama a paixão do amor. Imaginem uma figura de geometria complicada, traçada com giz branco num grande quadro-negro: pois bem, a figura geométrica pode ser muito bem explicada, mas uma condição ne-

DE L'AMOUR
Edições Pierre
Mongie, Paris, 1822

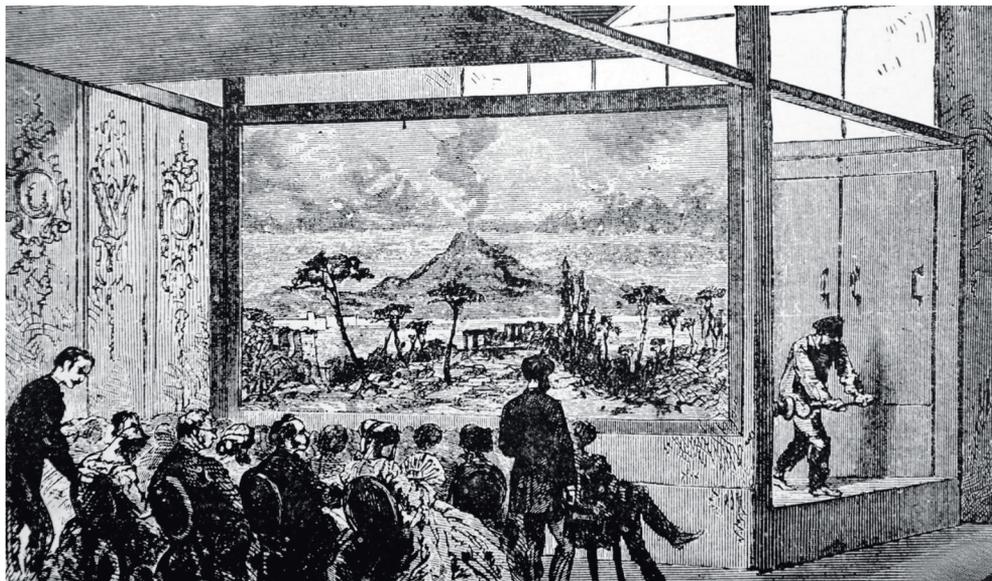


M. RANZANI/GETTY IMAGES

COMO DÓI O autor: deixado pela amante milanesa, ele fez do abandono uma espécie de fisiologia da paixão, em texto acadêmico

cessária é que ela já exista no quadro-negro. Essa impossibilidade é que torna tão difícil escrever sobre o amor um livro que não seja um romance.

Para seguir com interesse um exame filosófico desse sentimento, é preciso que haja no leitor algo além da inteligência; é necessário que ele tenha visto o amor. Ora, pode-se ver uma paixão? O amor é como o que no céu chamamos de Via Láctea, um amontoado brilhante formado por milhares de estrelas, cada uma delas sendo, muitas vezes, uma nebulosa. *De l'Amour* (Edições Pierre Mongie, Paris), que Beyle nos oferece, tem a infelicidade de só poder ser compreendido por pessoas que encontram tempo para fazer loucuras. Muitas vão considerar-se ofendidas, e espera-se que fiquem apenas nisso. Mas pode funcionar, e bem, para leitores que na vida foram infelizes durante seis meses por amor. Serve ao próprio autor, pode servir também a Matilde. Exige-se, de qualquer maneira, a indulgência com a forma singular dessa fisiologia do amor. ■



BETMANN/GETTY IMAGES

ESPANTO
O cenógrafo e físico
Daguerre (*abaixo*)
e o teatro parisiense,
sempre lotado:
a ideia é levar
a experiência
a Londres



SMITHSONIAN LIBRARIES

A VIDA COMO ELA NÃO É

A grande novidade em Paris é o diorama — um recurso de ilusionismo que parece conceder movimento a desenhos em telas de tecido

PARA QUEM anda aborrecido com a beleza de Paris, e flunar já não parece ser suficiente, eis aí uma novidade: o diorama. Antes, contudo, convém uma rápida pincelada etimológica. A expressão bebe do grego: “di” significa através; e “orama”, aquilo que é visto, uma cena. Um monumental diorama acaba de ser aberto na capital francesa, obra do pintor, cenógrafo, físico e inventor Louis-Jacques-Mandé Daguerre, de 34 anos, em parceria com o pintor Charles-Marie Bouton, de 41. O aparelho, instalado dentro de um teatro próximo à Ópera, tem produzido espanto genuíno, como se fosse um passe de ilusionismo.

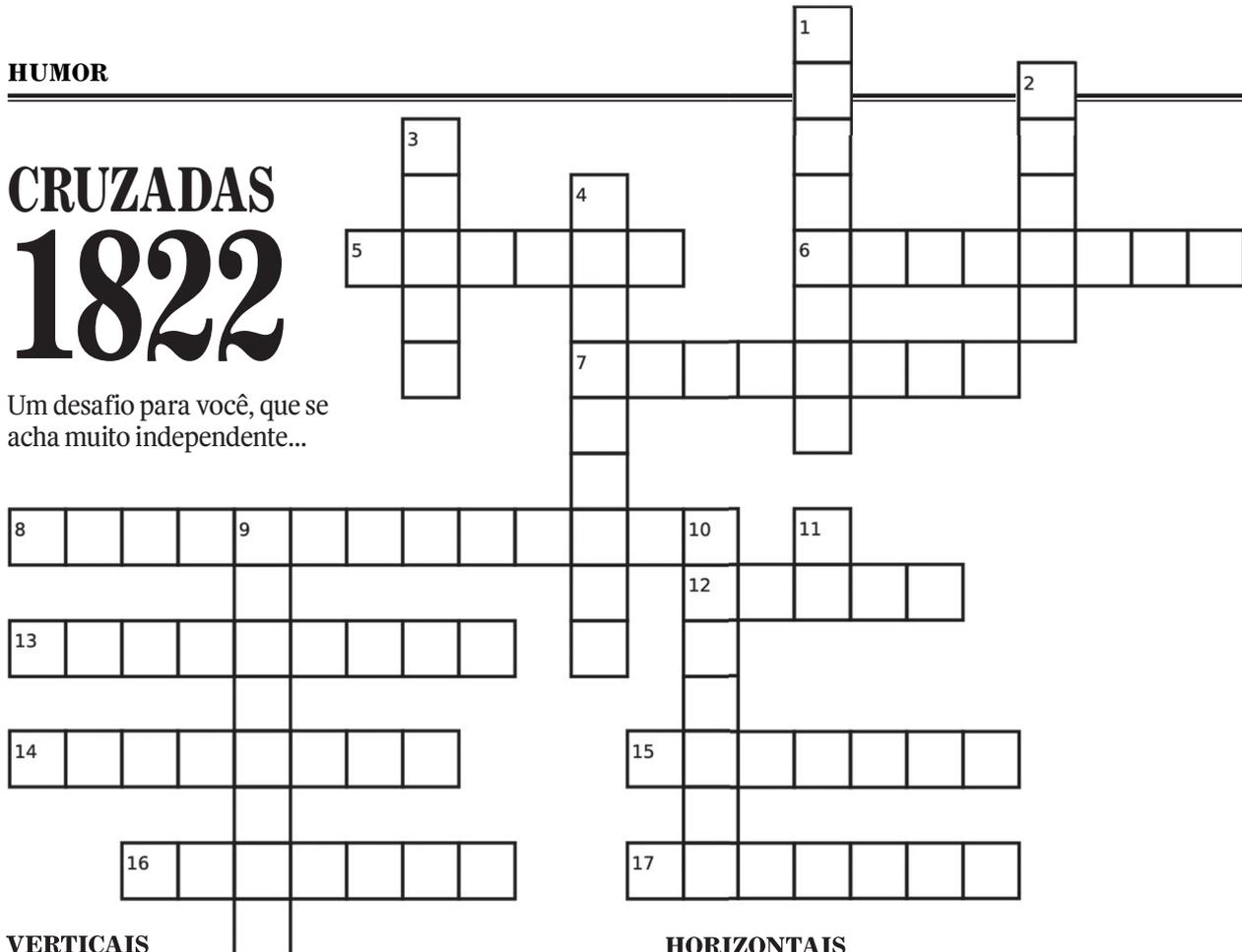
Numa sala imensa, com capacidade para 350 pessoas, há uma tela de tecido com a pintura de paisagens invariavelmente campestres. Por meio de um jogo de luzes, que brotam de aberturas à frente ou atrás do pano, e também de tochas, o desenho parece estar animado — ora de modo sutil, ora de maneira dramática. São quinze minutos de um espetáculo jamais visto. O truque: em razão da intensidade luminosa e da dança dos feixes, parece haver algum movimento. Numa das sessões a que o enviado de VEJA teve acesso, via-se uma cena verdejante do Vale de Goldau, com chalés alpinos românticos à margem de um lago plácido. E então, de repente, o céu ficou plúmbeo, nuvens escuras apareceram e deu-se uma tempestade na cena original. “*Ou là là! Qu’il est*

beau!” foi a frase mais ouvida. Bonito mesmo, apesar de um tanto incômodo, porque a vida não é assim. E é o caso de indagar: como reagiria o príncipe regente do Brasil, que tem crises epiléticas, diante de engrenagem tão agitada, a arte transformada em sabe-se lá o quê?

Daguerre, o criador do entretenimento, já não anda pelos bulevares sem ser abordado. Virou uma estrela em Paris — e, como não é tolo nem nada, já estuda abrir um diorama em Londres no ano que vem. Imparável, estudioso e genial, ele se aproximou de um inventor de Châlons-sur-Saône, Joseph Nicéphore Niepce. Como dois jovens adolescentes, andam debruçados numa série de experiências químicas e ópticas (e Daguerre, especialmente, parece deslumbrado com a fama). Pessoas próximas à dupla dizem estar desenvolvendo um método que permita colar uma imagem qualquer a um suporte metálico. É brincadeira pueril que não os levará a lugar nenhum — como se fosse agradável aos olhos esse tipo de recurso. Os dioramas já são inovadores o suficiente. Não falta muito para que um lunático saia por aí dizendo ser capaz de fazer um trem a vapor pintado numa parede, dentro de um recinto, entre quatro paredes, avançar na direção do público — como se fosse real. Em tempo de guerras, de tantos conflitos, não custa sonhar acordado, apesar do desconforto. O século XIX, que mal começou, será movimentado. ■

CRUZADAS 1822

Um desafio para você, que se acha muito independente...



VERTICAIS

- 1 - Às margens plácidas do...
- 2 - Dona Maria, a..., maneira machista de se referir à desatinada avó do príncipe regente
- 3 - Evidência clara de que o autor dessas palavras cruzadas não tem a mínima ideia do que faz
- 4 - José..., o mentor da Independência
- 9 - País opressor, porém gente boa
- 10 - Sobrenome de um futuro retratista do Grito
- 11 - Cidade antiga obrigatória em todas as palavras cruzadas

HORIZONTAIS

- 5 - Telegrama que dom Pedro mandou para dom João VI na véspera da proclamação da Independência
- 6 - Povo que disse: "Independência, é? Vocês matam a gente... de rir!"
- 7 - Outro povo que disse: "Independência, é? Vocês matam a gente... de rir!"
- 12 - Independência ou...
- 8 - ...ou morte
- 13 - Muito mais bacana do que rei, fala sério!
- 14 - Suposto futuro título de nobreza da suposta primeira-amante
- 15 - Uma coisa que dom Pedro se orgulha de ser, mas que pode vir a ser quase palavrão no Brasil
- 16 - Uma coisa que só Daenerys Targaryen e dom Pedro têm
- 17 - Sobrenome de dom Pedro e bebida no Kentucky



EDSON ARNAN

HORIZONTAIS: 5. Sextou; 6. Africano; 7. Indígena; 8. Morte; 12. Independência; 13. Imperador; 14. Marquesa; 15. Liberal; 16. Dragões; 17. Bourbon

VERTICAIS: 1. Ipiranga; 2. Louca; 3. Qwert; 4. Bonifácio; 9. Portugal; 10. América; 11. Ur

RESPOSTAS

CHISTES E PASSATEMPOS

10 FRASES PARA GRITAR ÀS MARGENS DO IPIRANGA

A frase “Independência ou Morte!” é bastante inspiradora, todos sabemos, mas o príncipe regente dom Pedro pensou em várias outras antes de usar a que você conhece. Olha só

1 “Sai dom João,
entra o Centrão!”

2 “Seja o que
Deus quiser...”

3 “Vamos dominar
essa narrativa!”

4 “É bôlanha
ou é bishcoito?!”

5 “Y no te voy a
envolver, sé que
lo hacemos y tu
vás a volver...”

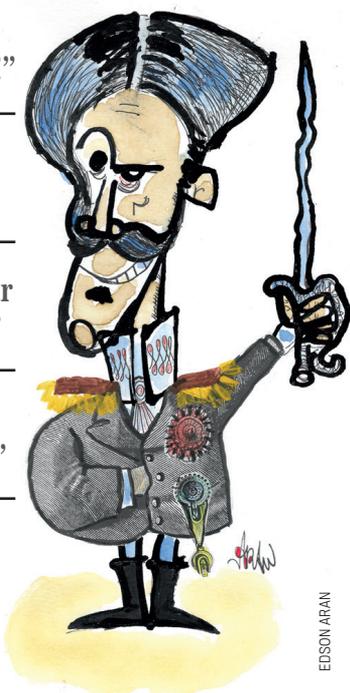
6 “Prefiro minha parte em dinheiro...”

7 “Isso vai acabar em samba-enredo!”

8 “O rei está nu, mas apenas para essa
imprensa golpista-comunista!”

9 “Dessa vez o pápi pira!”

10 “Qual é o limite do humor?”



PERGUNTE À DOMITILA

A dama Domitila
de Castro responde
sobre etiqueta e a
arte de bem viver



Nobre Domitila,
servirei, em ocasião vindoura, fausto jantar
para alguns integrantes da corte. Qual é o talher
mais adequado para comer galinha?

ADULADORA DA GLÓRIA
Rio de Janeiro, Capital Imperial

Querida Aduladora da Glória,
conheci um velho nobre que usava as mãos para
comer galinha, fazendo a maior imundície no
guardanapo, na toalha de mesa e até na própria
roupa. Mantereí o nome dele em segredo. Só digo
que ele era rei de Portugal e tinha muita criadagem
pra limpar a sujeirada.

Meu conselho: galinha ensopada, garfo e faca; galinha
frita, use as mãos. Mas mantenha à mesa uma tigela
com água quente e suco de limão, para que o comensal
lave os dedos depois de comer. Aquele velho rei que
mencionei sempre bebia a aguinha. E depois ainda
pedia a “receita da sopinha”. Te contar, viu...

Amiga Domitila,
um príncipe regente local, muito bem apessoado, está
arrastando asa para mim. Tenho, contudo, um receio.
A julgar pelo que se diz no paço, o homem tem uma
amante brasileira, além de uma esposa austríaca.
Devo ceder às investidas do nobre?

INDECISA DO CATUMBI
Rio de Janeiro, Capital Imperial

Querida Indecisa do Catumbi,
dê-se ao respeito, sirigaita! Sossega esse facho e para
de biscatear. É cada uma que me aparece! Continue
com esse atrevimento, que tomo a primeira liteira
para a capital e resolvo isso contigo no tapa. No tapa!



ASSAZ TE CONHECI, DEMASIADO TE SERVI

SENHOR! A natureza, a razão e a humanidade, este feixe indissolúvel e sagrado, que nenhuma força humana pode quebrar, gravaram, no coração do homem, uma propensão irresistível para, por todos os meios e com todas as forças em todas as épocas e em todos os lugares, buscarem ou melhorarem o seu bem-estar. Esse princípio tão santo como a sua origem, e de centuplicada força quando aplicado as nações, era de sobra para o Brasil, esta porção preciosa do globo habitado, não acedesse à inerte expectativa de sua futura sorte, tal qual fosse decretada longe de seus lugares e no meio de uma potência (Portugal) que deveria reconhecer inimiga de sua glória, zelosa de sua grandeza, e que bastante deixava ver pelo seu Manifesto às nações que queria firmar a sua ressurreição política sobre a morte do nascente Império Luso-Brasileiro, pois baseava as razões de sua decadência sobre a elevação gloriosa deste filho da América — o Brasil.

Se a esta tão óbvia e justa consideração quisesse juntar a sua dolorosa experiência de 308 anos, em que o Brasil só existira para Portugal para pagar a tributos que motivos não encontraria na cadeia tenebrosa de seus males para chamar a atenção e vigilância de todos os seus filhos a usar da soberania que lhe compete, e dos mesmos direitos de que usara Portugal e por si mesmo tratar de sua existência e representação política, da sua prosperidade e da sua constituição? Sim, o Brasil podia dizer a Portugal: “Desde que o sol abriu o seu túmulo e dele me fez saltar para apresentar-se ao ditoso Cabral a minha fertilidade, a minha riqueza, a minha prosperidade, tudo te sacrifiquei, tudo te dei, e tu que me deste? Escravidão e só escravidão. Cavavam o seio das montanhas, penetravam o centro do meu solo para te mandarem o ouro, com que pagavas às nações estrangeiras a tua conservação e as obras com que decoras a tua majestosa capital”.

Mudavam o curso dos meus caudalosos rios para arrancarem de seus leitos os diamantes que brilham na coroa do monarca; despiam as minhas florestas para enriquecerem a tua grandeza, que, todavia deixava cair das enfraquecidas mãos... E tu que deste? Opressão e vilipêndio! Mandavas queimar os filatórios e teares, onde minha nascente indústria beneficiava o algodão para vestir os meus filhos; negavas-me a luz das ciências para que não pudesse conhecer os meus direitos nem figurar entre os povos cultos; acanhavas a mi-

nha indústria para me conservares na mais triste dependência da tua; desejavas até diminuir as fontes da minha natural grandeza e não querias que eu conhecesse o Universo senão o pequeno terreno que tu ocupas. Eu acolhi no meu seio os teus filhos a que doirava a existência e tu me mandavas em paga tiranos indomáveis que me laceravam.

Agora é tempo de reempossar-me de minha Liberdade; basta de oferecer-me em sacrifício as tuas interessadas vistas. Assaz te conheci, demasiado te servi... — os povos não são propriedade de ninguém. Talvez o Congresso de Lisboa no devaneio de sua fúria (e será uma nova inconsequência) dê o nome rebelião ao passo heroico das províncias do Brasil a reassunção de sua soberania desprezada; (...) é mister declarar rebelde a Justiça, que não autoriza usurpação, nem perfídias; é mister declarar rebelde o próprio Portugal, que encentou a marcha de sua monarquia, separando-se de Castela; é mister declarar-se rebelde a si mesmo (esse Congresso), porque se a força irresistível das coisas prometia a futura desunião dos dois Reinos os seus procedimentos aceleraram esta época, sem dúvida fatal para outra parte da nação que se queira engrandecer.

O Brasil, elevado à categoria de Reino, reconhecido por todas as potências e com todas as formalidades que fazem o direito público na Europa, tem inquestionavelmente jus a reempossar-se da porção de soberania que lhe compete, porque o estabelecimento da ordem constitucional é negócio privativo de cada povo.

A independência, Senhor, no sentido dos mais abalizados políticos, é inata nas colônias, como a separação das famílias o é na Humanidade.

A natureza não formou satélites maiores que os seus planetas. A América deve pertencer à América, e Europa à Europa, porque não de balde o Grande Arquiteto do Universo meteu entre elas o espaço imenso que as separa. O momento para estabelecer-se um perdurável sistema, e ligar todas as partes do nosso grande todo, é este...

O Brasil, no meio das nações independentes, e que falam com exemplo de felicidade, não pode conservar-se colonialmente sujeito a uma nação remota e pequena, sem forças para defendê-lo e ainda para conquistá-lo. As nações do Universo têm os olhos sobre nós, brasileiros, e sobre ti, Príncipe!

Cumpra aparecer entre elas como rebeldes ou como homens livres e dignos de o ser. Tu já conheces os bens e os males que te esperam e à tua posteridade. Queres ou não queres? Resolve, Senhor! ■

Joaquim Gonçalves Ledo é jornalista e líder maçom, fundador do jornal **Revérbero Constitucional Fluminense*

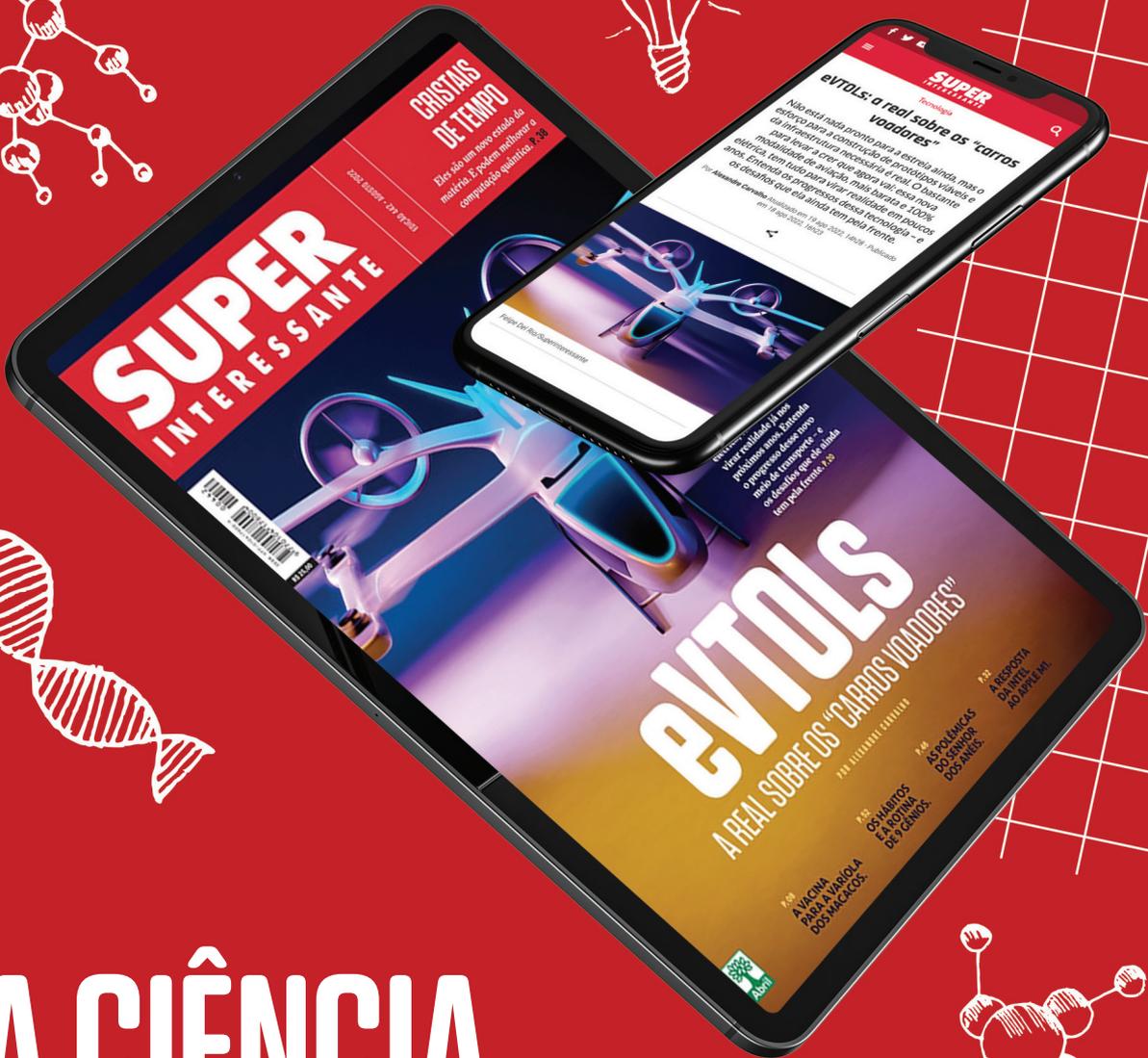
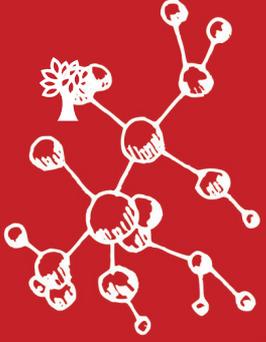


Assine PLACAR

E receba sua
revista em casa
A partir de
R\$12,90/MÊS

Acesse:
assineabril.com.br/placar1
Ou aponte a câmera do seu
celular para o código ao lado





A CIÊNCIA DIRETO DA FONTE

SUPER
INTERESSANTE
ENXERGUE ALÉM DO ÓBVIO

Assine e receba
sua revista em casa
a partir de R\$

12,90
/mês

Acesse:
assineabril.com.br/super1
ou aponte a câmera do seu
celular para o código ao lado

